

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Psicologia

Carlos Eduardo de Andrade Resende

**Contribuições da Psicologia do Trabalho para o entendimento da saúde mental
de professores de escolas regulares da rede particular de Belo Horizonte**

Belo Horizonte
2016

Carlos Eduardo de Andrade Resende

Contribuições da Psicologia do Trabalho para o entendimento da saúde mental de professores de escolas regulares da rede particular de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. José Newton Garcia Araújo

Belo Horizonte

Junho/2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

R433c Resende, Carlos Eduardo de Andrade
Contribuições da psicologia do trabalho para o entendimento da saúde mental de professores de escolas regulares da rede particular de Belo Horizonte / Carlos Eduardo de Andrade Resende. Belo Horizonte, 2016.
116 f. : il.

Orientador: José Newton Garcia Araújo
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Professores - Saúde mental. 2. Trabalho - Aspectos psicológicos. 3. Saúde ocupacional. 4. Condições de trabalho. 5. Estresse psicológico. I. Araújo, José Newton Garcia. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 658.013

Carlos Eduardo de Andrade Resende

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DO TRABALHO PARA O ENTENDIMENTO
DA SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES DE ESCOLAS REGULARES DA REDE
PARTICULAR DE BELO HORIZONTE

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em
Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais, como requisito parcial para a
obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: processos psicossociais

Prof. Dr. José Newton Garcia Araújo – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dra. Lecy Rodrigues Moreira – UNA (Banca Examinadora)

Prof. Dra. Márcia Stengel – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 11 de julho de 2016

Para os meus filhos, Alice e Lucas, pequenas luzinhas na minha vida.

QUALIDADES DO PROFESSOR

Se há uma criatura que tenha necessidade de formar e manter constantemente uma personalidade segura e complexa, essa é o professor.

Destinado a pôr-se em contato com a infância e a adolescência, nas suas muitas várias e incoerentes modalidades, tendo de compreender as inquietações da criança e do jovem, para bem os orientar e satisfazer sua vida, deve ser também um contínuo aperfeiçoamento, uma concentração permanente de energias que sirvam de base e assegurem a sua possibilidade, variando sobre si mesmo, chegar a apreender cada fenômeno circunstante, conciliando todos os desacordos aparentes, todas as variações humanas nessa visão total indispensável aos educadores.

É, certamente, uma grande obra chegar a consolidar-se numa personalidade assim. Ser ao mesmo tempo um resultado — como todos somos — da época, do meio, da família, com características próprias, enérgicas, pessoais, e poder ser o que é cada aluno, descer à sua alma, feita de mil complexidades, também, para se poder pôr em contato com ela, e estimular-lhe o poder vital e a capacidade de evolução.

E ter o coração para se emocionar diante de cada temperamento.

E ter imaginação para sugerir.

E ter conhecimentos para enriquecer os caminhos transitados.

E saber ir e vir em redor desse mistério que existe em cada criatura, fornecendo-lhe cores luminosas para se definir, vibratilidades ardentes para se manifestar, força profunda para se erguer até o máximo, sem vacilações nem perigos. Saber ser poeta para inspirar. Quando a mocidade procura um rumo para a sua vida, leva consigo, no mais íntimo do peito, um exemplo guardado, que lhe serve de ideal.

Quantas vezes, entre esse ideal e o professor, se abrem enormes precipícios, de onde se originam os mais tristes desenganos e as dúvidas mais dolorosas!

Como seria admirável se o professor pudesse ser tão perfeito que constituísse, ele mesmo, o exemplo amado de seus alunos!

E, depois de ter vivido diante dos seus olhos, dirigindo uma classe, pudesse morar para sempre na sua vida, orientando-a e fortalecendo-a com a inesgotável fecundidade da sua recordação.

Texto de Cecília Meireles, extraído do livro Crônicas de Educação 3 (2001).

AGRADECIMENTOS

A todos os professores da rede particular de Belo Horizonte entrevistados especial aqueles que cederam parte do seu tempo para que pudessem falar de sua atividade e de sua vida.

Aos professores José Newton e Beth Antunes, fonte de inspiração e modelos de professores e pesquisadores, incansáveis na busca de um mundo melhor para os trabalhadores.

Às professoras Lecy Moreira e Marcia Stengel, que gentilmente aceitaram participar da minha banca de qualificação e cujos conselhos foram preciosos para a pesquisa.

Aos meus pais, Geraldo e Joana, pelo apoio e incentivo e, principalmente, pelo orgulho que sentem de mim.

Ao querido amigo, psicólogo e professor Marcelo Viana, pelas horas de conversa e trocas que muito contribuíram para minha formação.

Ao meu marido, Danilo, pelo amor, paciência e companheirismo.

RESUMO

Essa pesquisa objetivou estudar a relação entre o sofrimento e o adoecimento mental dos professores da rede particular de ensino de Belo Horizonte, as condições de trabalho a que estão submetidos e sua história profissional. Por uma questão de recorte, optou-se por pesquisar somente professores do ensino médio. Há hoje um mal-estar do docente que tem sido objeto de reflexão sob alguns pontos de vista. Alguns fatores são amplamente discutidos sobre o tema do adoecimento docente correlacionado com a sua atividade. Apesar dos colégios apresentarem uma boa estrutura física para o trabalho, alguns fatores foram apontados por esses profissionais, durante a pesquisa, que podem estar relacionados ao adoecimento. Os que mais apareceram foram: carga horária excessiva, pressão temporal, perda de reconhecimento da profissão, relações debilitadas com alunos, pais, colegas e coordenação da escola, dentre outros. Interessou-se em investigar também, o porquê de alguns professores, submetidos a condições de trabalho semelhantes, não apresentarem sintomas de adoecimento. Aprofundou-se, então, na história particular de cada sujeito, o que levou a escolher a profissão docente. Para a compreensão do fenômeno, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde recorreu-se a autores reconhecidos no campo como Christophe Dejours, Yves Clot, Louis Le Guillant, dentre outros. Foi feita também, uma pesquisa documental em que trabalhos e artigos produzidos nos âmbitos acadêmico e sindical foram amplamente estudados. Optou-se por fazer uma pesquisa do tipo qualitativa em que, escolhidos os sujeitos, foram feitas entrevistas com um roteiro semi-estruturado e o seu conteúdo analisado conforme a metodologia de análise do conteúdo segundo Bardin (2011).

Palavras chave: Professores. Rede particular de ensino. Saúde mental e trabalho.

ABSTRACT

This study aimed at studying the relationship between suffering and mental illness of private school teachers from Belo Horizonte, working conditions they face and their professional history. We chose to research only high school teachers. Today, we perceive a discomfort among teachers that has been the object of reflection from some points of view. Some factors are discussed widely on the subject of teacher illness correlated with their activity. Despite having excellent facilities some factors were pointed out by these professionals, during the research, which can relate to the illness. The ones we most listened to were: excessive workload, time pressure, lack of social recognition of the profession, impaired relationships with students, parents, colleagues and coordination of school, among others. The study is also interested in investigating why some teachers subjected to similar working conditions have no symptoms of illness. We deepen, then the particular history of each subject interviewed, the reason why he or she have chosen to be a teacher. To understand the phenomenon we did a literature review grounded on renowned authors in the field as Christophe Dejours, Yves Clot, Louis Le Guillant, among others. We have also made a documentary research on articles and researches in both academic and from the teacher's union fields. We chose to make a qualitative type of research in which the chosen volunteer teachers were interviewed. The interviews were conducted with a semi-structured and its contents analyzed according to the methodology of analysis of the content according to Bardin (2011).

Keywords: Teachers. Private schools. Mental health and work.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 A educação privada no Brasil.....	14
2.2 O trabalho e sua evolução.....	16
2.3 A Saúde Mental e Trabalho.....	20
2.4 A organização do trabalho do professor da rede particular de ensino de Belo Horizonte.....	25
2.5 A síndrome de <i>Burnout</i>	27
2.6 Estudos que evidenciam o caráter epidêmico do adoecimento de professores da rede particular.....	33
Estudo 1 - O trabalho e os agravos à saúde dos professores da rede privada de ensino de Minas Gerais (SINPRO MG) - 2009.....	34
Estudo 2 – Professores no limite: o estresse do trabalho do ensino privado do Rio Grande do Sul. (UNISINOS) - 2011.....	37
Estudo 3 - Condições de trabalho e saúde da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Delcor et al. (2004).....	42
Outros estudos.....	44
2.7 A saúde dos professores da rede particular de ensino	46
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	54
4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	63
4.1 História: passado e futuro	63
4.1.1 Considerações sobre a categoria História: passado e futuro.....	70
4.2 A profissão.....	72
4.2.1 Considerações sobre a categoria – A Profissão.....	79
4.3 Relações.....	81
4.3.1 Considerações sobre a categoria – Relações.....	91
4.4 Pressão no Trabalho.....	92
4.4.1 Considerações sobre a categoria – Pressão no Trabalho.....	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	113

LISTA DE ABREVIACÕES

CAT – Comunicao de Acidente de Trabalho

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CID – Classificao Internacional de Doenças

DPM – Distúrbios Psíquicos Menores

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ISSL – Inventário de *Stress* para Adultos de Lipp

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educao Nacional

NTEP – Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário

QVT – Qualidade de Vida no Trabalho

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

SINPRO MG – Sindicato dos Professores de Minas Gerais

SQR 20 – *Self Report Questionnaire*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Dados SINPRO-MG sobre agravos à saúde dos professores da rede privada de ensino de Minas Gerais (2009).....	35
Figura 2: Estresse do trabalho do ensino privado do Rio Grande do Sul, Monteiro et al. (2012).....	39
Figura 3: Comparação: Monteiro et al. e SINPRO-MG.....	41
Figura 4: Condições de trabalho e saúde da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Delcor et al. (2004).....	44
Figura 5: Formação das categorias iniciais.....	58
Figura 6: Formação da categoria final: história: passado e futuro.....	58
Figura 7: Formação da categoria final: a profissão.....	60
Figura 8: Formação da categoria final: relações.....	61
Figura 9: Formação da categoria final: pressão no trabalho.....	62

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretendeu estudar a relação entre as condições de trabalho dos professores da rede particular de ensino de Belo Horizonte e o adoecimento destes profissionais, como indicado por pesquisas do sindicato da categoria que serão apresentadas mais adiante. O objetivo principal foi trazer luz para que possam ser compreendidas as patologias e sofrimentos ligados ao trabalho desta categoria. Objetivou-se também, identificar fatores de agravo à saúde dos professores na relação entre o trabalhador, sua história, a atividade por ele realizada e a organização do trabalho a que está submetido.

Foram utilizados como referencial teórico, autores que apresentam um trabalho consistente na área da Saúde Mental e Trabalho, com destaque para alguns autores franceses, como Paul Sivadon (1993), Louis Le Guillant (2006), Yves Clot (2006) e brasileiros como Maria Elizabeth Antunes Lima (1998), José Newton Garcia Araújo (2009), dentre outros.

Destaca-se a visão de Le Guillant que, em sua “psicopatologia social”, ressalta a importância de fatores do meio, sem afastar a presença de fatores orgânicos, no surgimento e frequência das doenças mentais. Assim, estabelece-se uma relação entre condições de trabalho/vida e distúrbios mentais. Acredita-se que elementos de diversas ordens, a saber, intra-subjetivas, sociais e históricas, atuam para culminar no sofrimento ou doença mental, estando presentes na individualidade de cada sujeito, bem como na organização do trabalho e condições sociais nas quais ele está inserido. Esses autores foram fundamentais para apoiar esse trabalho.

O estudo pretendeu seguir o paradigma qualitativo, tentando articular dados e estudos empíricos à narrativa dos sujeitos envolvidos, com o objetivo específico de explicitar as possíveis relações entre a organização do trabalho, as particularidades da história de cada sujeito e o processo saúde-doença, privilegiando a saúde mental. Além da pesquisa bibliográfica citada acima, recorreu-se também, à pesquisa documental. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas que, posteriormente, tiveram o conteúdo analisado. Esse tipo de entrevista nos possibilitou aprofundar a discussão de temas que porventura, se apresentaram de maior interesse para a pesquisa. Tendo como base a leitura sistemática das

entrevistas, foi feita a análise do seu conteúdo, tomando como referencial Bardin (2009). A partir dessa análise, foi feito um diálogo entre o material que surgiu das entrevistas e os dados quantitativos apresentados pelos sindicatos da categoria.

Ao articular esses elementos, tentou-se compreender as patologias e sofrimentos ligados ao trabalho, identificando fatores que pudessem contribuir para o adoecimento do trabalhador, desde os mais explícitos até os mais sutis, que muitas vezes não são ditos, ou passam despercebidos. Isso se torna mais evidente, principalmente, em ambientes corporativos contemporâneos que procuram adotar práticas que visam à qualidade de vida do "colaborador", mas que, na realidade, só servem para encobrir uma exploração velada do trabalhador, como aponta Araújo, (2010)

[...] o que abala o sujeito no trabalho não é apenas a sua relação imediata com o trabalho, não apenas os agravos com o seu corpo. A instabilidade no emprego, o assédio moral que tende a tornar-se estrutural, inerente aos modelos de gestão, embora mesclados com táticas de sedução inscritas no discurso empresarial, inclusive nas práticas de QVT¹, abalam especialmente a estrutura psíquica do trabalhador (ARAÚJO, 2010, p. 578).

Os dados do sindicato dos professores, que serão apresentados à frente, evidenciam que há adoecimento ou, pelo menos, há questões a serem discutidas. Esse trabalho se propõe a discuti-las.

¹Qualidade de Vida no Trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse capítulo, pretendeu-se fazer um breve histórico da educação privada no Brasil. Em seguida, abordou-se o conceito de trabalho, o seu significado e sua função para o homem e, logo após, discutiu-se a saúde mental e a sua relação com o trabalho. Em seguida, foi enfocada a questão da Síndrome de *burnout*, doença que, segundo alguns autores, tem atingido profissionais dessa categoria. Por fim, fechando, foi descrito o trabalho dos professores da rede particular, com a apresentação de alguns trabalhos qualitativos já produzidos sobre esse tema, bem como outros trabalhos que discutem o tema da saúde mental desses profissionais.

2.1 A educação privada no Brasil

Acredita-se que um breve relato da história da educação privada no Brasil auxiliará o entendimento dos impactos que as mudanças, ocorridas ao longo da história, provocaram na atividade do professor, passando de uma educação católica a uma instituição comercial que busca essencialmente o lucro. Nessa sessão, foi feito um recorte no ensino médio, ciclo no qual encontram-se os sujeitos de estudo.

A história da educação privada no Brasil não pode ser contada sem falar de sua fundação essencialmente católica. Como aponta Alves (2006), em 1553 nasce, fundada pelos franciscanos, a primeira instituição de ensino privado no país. Durante a maior parte do período colonial (1500 – 1759), o ensino privado no Brasil era de responsabilidade de ordens religiosas, tais como Carmelitas, Jesuítas, Franciscanos, entre outros.

Com a expulsão dos Jesuítas do Brasil, em 1759, a continuidade do ensino privado é assegurada por outros estabelecimentos particulares. O Estado cria a Direção Geral, cujo objetivo era modernizar a educação da elite colonial para que ela servisse melhor aos interesses da Coroa Portuguesa. Em 1824, o Brasil promulga sua primeira constituição. Nela há a proposta que de as escolas primárias estivessem presentes em todas as cidades, colégios e liceus em cada capital e o ensino superior nas grandes cidades. Em 1831, foi decretado um ato adicional à constituição que previu a responsabilidade do governo de cada província pelos

ensinos primários e secundários. Ao Governo Central, cabia a responsabilidade pelo ensino superior. A partir de então, o ensino primário e o secundário se transformam em uma espécie de ante-sala para o superior. As escolas criaram seus currículos com o objetivo de fazer com que os alunos fossem aprovados nos exames de admissão ao ensino superior. É importante destacar que, de 1831 até os dias atuais, tal direção não mudou. As escolas ainda preparam os seus alunos para ingressar na faculdade, mais contemporaneamente através de vestibulares ou do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Ocorre que, desde aqueles tempos, as províncias careciam de recursos para investir no ensino público e gratuito. "Abre-se, então, o espaço para que a iniciativa privada assuma tal tarefa. Consolida-se o ensino privado financiado pelos pais dos alunos, modelo que subsiste até hoje" (CUNHA, 2001, p.3).

Segundo Cunha (2001), as escolas privadas de níveis fundamental e médio cresceram em número e em qualidade de ensino às custas da notória má qualidade do ensino público, que carecia de mais investimentos do Estado como, de fato, carece até os dias atuais. Aqueles que tinham oportunidade queriam que seus filhos fizessem parte do setor da sociedade dos "letrados", que por intermédio de uma educação enriquecida culturalmente.

A partir dos anos 1960, há um crescimento da classe média no Brasil. As escolas confessionais não conseguem acompanhar o crescimento da demanda, abrindo oportunidade para o crescimento do número de estabelecimentos escolares de ensino médio mantidos por empresários da educação.

Assim, o ensino privado, nos níveis fundamental e médio, se expande consideravelmente em todo país. Segundo Cunha (2001), esse setor emprega mais de 1.200.000 profissionais, constituindo um ramo de negócio altamente lucrativo. As escolas passam a ser tratadas como empresas e, em adição ao seu objetivo de educar e formar cidadãos, têm que dar lucro aos seus proprietários e acionistas.

O portal de internet R7², em sua edição de 21 de junho de 2014, anuncia que, segundo o jornal *The New York Times*, “A educação no Brasil é um negócio da China”(R7, divulgação USP via portal CM Consultoria, 2014). Nesse sentido, o estudo intitulado *Estudo de Oportunidades no Setor de Educação* aponta que, para negócios focados na população de baixa renda, realizado pelos Institutos Potencia Ventures e Inspirare (2014), o mercado brasileiro de ensino está entre os dez maiores do mundo, com faturamento estimado entre R\$53 e R\$55 bilhões de reais por ano (2010). O mesmo estudo destaca também a chegada de investimentos estrangeiros no país. Além disso, enfatiza a presença de 38 mil estabelecimentos privados de educação básica no Brasil, que empregam 1 milhão de funcionários e onde estudam 7 milhões de alunos. O estudo assinala ainda que, com a queda na taxa de fecundidade, os pais tendem a concentrar gastos na educação buscando uma ascensão social para os filhos. Colocar os filhos em uma escola particular garante maior segurança e qualidade de ensino para eles, além de ser sinal de status social.

A partir desse cenário, pode-se inferir que a ausência do Estado, desde muito cedo, gerou um enorme mercado para empresários do setor da educação. Isso posto, pode podemos ter uma pista das razões pelas quais trabalhar em um cenário de empresas educacionais, como o apresentado acima, pode ser um fator de adoecimento do professor.

2.2 O trabalho e sua evolução

O objetivo dessa seção é explicitar o papel do trabalho como central na vida do homem e mostrar a sua evolução no sentido trans-histórico, como categoria eterna e fundante do ser social.

Marx (1998) o denomina como atividade vital dos homens, daí a centralidade do trabalho em seu pensamento. Trata-se de tema fundamental para compreendermos o homem. Para esse pensador, a subjetividade do homem se manifesta na

²<<http://noticias.r7.com/educacao/educacao-no-brasil-e-um-negocio-da-china-aponta-jornal-the-new-york-times-20062014> >

objetividade do mundo através do trabalho. Ao construir os seus meios de vida, o homem concretiza suas ideias e desejos.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo a frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seu meio de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material (MARX, 1998, p. 10).

Ainda segundo Marx (1998), o trabalho humano é consciente e visa à uma finalidade, ao passo que o esforço dos animais é instintivo. Estes são completamente destituídos da capacidade de aprender, conceber ideias rudimentares ou mesmo resolver problemas simples. O animal, então, não faz cultura, não faz história. Ele não sabe transformar o objeto, não sabe criar. Marx (1998) explicita sua ideia comparando o trabalho humano com o dos animais.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais um arquiteto humano com a construção de favos de sua colmeia. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo na cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que, já no início deste, existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente (...). Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim (...) como jogo de suas próprias forças físicas e espirituais. Os elementos simples de um processo de trabalho são a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios (Marx, 1988, p. 42).

Braverman (1987) define o trabalho como uma atividade que altera o estado natural, dos materiais da natureza, para melhorar a sua utilidade. Assim, a espécie humana partilha com as demais espécies a atividade de atuar sobre a natureza de modo a transformá-la para melhor atender às suas necessidades. Contudo, segundo a visão desse autor, diferentemente dos animais que trabalham por instinto, para o homem, o trabalho é produto de seu desejo, de sua consciência. O animal tem, quando realiza sua atividade, um objeto imediato de satisfação, como o abrigo para se proteger das intempéries da natureza, ou a comida para matar a fome. Em contrapartida, o que o homem produz, o faz para ele e para o outro. Ele é um ser social, um ser que troca com o seu semelhante. A sua ação depende da natureza, mas sua satisfação não está na sua subsistência somente. O produto do seu

trabalho está além do objeto imediato, como a água que mata a sede. Ao produzir, através de sua atividade, ele vê a si mesmo em seu produto, em seu trabalho.

O trabalho, no seu sentido histórico, desde a antiguidade, o homem dispõe sua força de trabalho, de acordo com diferentes modos de produção. Segundo Araújo (2012), a sociedade feudal e artesanal em que prisioneiros escravos e camponeses trabalhavam para os senhores mas não tinham um salário, um emprego, passou em determinado momento da história a gerar lucros crescentes, nascendo assim, uma nova classe, a burguesia. Inaugura-se aí, então, um novo sistema de produção com enorme impacto sobre as relações de trabalho: o capitalismo. No entanto, a massa de trabalhadores só se tornou numericamente importante com o advento do capitalismo industrial. O trabalhador faz um contrato no qual se estabelece que será vendida sua força de trabalho instalando-se, desse modo, uma relação assimétrica entre duas partes, aquela que detém os meios de produção e a que vende sua força de trabalho. Sem grande rigor, associa-se o trabalho a conteúdos de atividade, ao pagamento de uma remuneração, a um contrato de troca de serviços.

Seguindo de perto as reflexões de Marx sucintamente expostas acima, entende-se que o trabalho, para o homem, vai além disso. O objeto de análise aqui não é o trabalho de modo geral, mas o trabalho nas formas que ele assume no sistema capitalista contemporâneo de produção. Ele transcende a troca remunerada entre trabalhador e capitalista e passa a ter uma função na vida do homem. Não se trata de uma simples troca de força de trabalho por uma remuneração. Não há dois homens: aquele do trabalho e aquele do não trabalho, uma esfera pública e uma esfera privada. O trabalho é parte da vida do homem inteiramente, ele o forma como sujeito.

Para melhor entender o sentido do trabalho, cita-se Cauvin (1994), citado em Schwartz (1996), que afirma ser o trabalho “o efeito compensatório de um mal-estar existencial nunca experimentado. [...] um desejo de transformar um ‘estado inicial de angústia’” (SCHWARTZ, 1996, p. 149). Há, portanto, uma energia que move o homem na direção da criação. Para Schwartz (1996), não há uma definição exata sobre o trabalho. Para evocar a importância do trabalho e seu valor para o homem, ele revela que ele é produtor do laço social e admite que ele pode ser simples, mas

não menos importante, exposto como uma troca de tempo por salário, sendo assim uma importante fonte de retribuição e meio de vida, reduzindo a uma mercadoria numa sociedade de mercado ou uma definição. No entanto, segundo ele, o trabalho pode ser mais corretamente definido por um conceito mais complicado e complexo. Para esse autor,

Alguma coisa enigmática que ele cristaliza em si atravessa e circula entre as diversas formas de atividade das quais *algumas* têm a forma de emprego e as *outras* não: trabalho para si, ou sobre si, trabalho doméstico, militante, estratégico, político. *Toda* forma de atividade em qualquer circunstância requer sempre variáveis para serem geridas, em situações históricas sempre em partes singulares, portanto escolhas a serem feitas, arbitragens – às vezes quase inconscientes - e portanto, o que eu chamo de 'usos de si' e, 'usos dramáticos de si'. Simplesmente em nossa época, a verdade que o trabalho como emprego ou mercadoria, é, de modo geral, *quer dizer nem sempre* o modo mais rico de ativação dentre esses modos dramáticos (SCHWARTZ, 2006, p. 151, grifos do autor).

Assim, esse autor entende que nesse uso de si, não há uma situação de trabalho que não esteja ligada ao biológico, ao psíquico e ao histórico do sujeito e o uso dramático de si como não sendo possível um engajamento do trabalhador em sua atividade: "Não temos *dois corpos*, um para 'o trabalho' e outro para 'o fora do trabalho', é o mesmo corpo que enfrenta-se, experimenta-se, forma-se, gasta-se em todas as situações da vida social" (SCHWARTZ, 2006, p. 152).

Para Dejours (1992), o trabalho é uma atividade humana. É a invenção do novo e exige inteligência e iniciativa. Sendo assim, "o exercício da inteligência prática suscita problemas difíceis sobre a articulação dos requisitos sociais, psíquicos e cognitivos" (DEJOURS, 1992, p. 62). Com efeito, é razoável dizer que o trabalho tem um papel importante na vida do homem e que ele ultrapassa uma relação formal, contratual, frise-se, novamente.

Tendo todo esse panorama, finaliza-se com a ideia de Clot (2006). Segundo esse autor, o trabalho tem uma função psicológica. Essa diria respeito à "[...] capacidade de fazer algo útil, de tomar parte e manter engajamentos, de prever com os outros e para os outros alguma coisa que não tenha ligação direta consigo mesmo" (CLOT, 2006a, p.73). É a objetivação da subjetividade humana. Assim, o trabalho tem um papel insubstituível na vida e na formação de cada um. Lima (2006) esclarece que,

segundo a concepção de Clot, o trabalho não só tem uma função psicológica, como também é insubstituível. A autora retoma a discussão feita por Clot (2006) e conclui que

[...] o trabalho, além de merecer um estatuto inteiramente distinto entre as diversas atividades exercidas pelo homem, preenche uma função psicológica específica, na medida em que promove uma ruptura entre as “pré-ocupações” pessoais do sujeito e as “ocupações” sociais que este deve realizar. [...] Estamos falando, portanto de uma função vital, pois trata-se de uma atividade que é simultaneamente, de conservação e de transmissão, envolvendo um duplo processo, de invenção e renovação, no qual cada um se vê como sujeito e objeto (LIMA, 2006, p.113).

A partir dessas considerações, entende-se, que o trabalho tem uma importante função na vida do homem e que pode defini-lo como sujeito que faz a história através da sua atividade. Contudo, o trabalho pode ser fonte de adoecimento, como será apresentado na seção que se segue. Por meio de autores do campo de estudo da Saúde Mental e Trabalho, a questão da relação trabalho e sofrimento psíquico será abordada.

2.3 A Saúde Mental e Trabalho

Na França, nos anos 1950, uma disciplina, dentro da área da Psicologia do Trabalho se ocupa em estudar a relação do trabalho com a saúde psíquica do homem: a da Psicopatologia do Trabalho. Nessa seção, tentar-se-á fazer uma retomada, certamente parcial, da contribuição dos principais autores que colaboraram para a produção do material que hoje subsidia o entendimento sobre a saúde mental do sujeito inserido na organização do trabalho. Vários autores produziram importantes estudos sobre o assunto e alguns merecem destaque nessa área, tais como P. Sivadon, L. Guillant, C. Dejours, I. Oddone, Y. Clot, dentre outros.

Lima (1998) destaca alguns marcos importantes do surgimento dessa nova disciplina: a modernização da indústria francesa, as políticas de prevenção no campo da saúde e a política de higienização social, que visava excluir do mundo do trabalho aqueles doentes e deficientes que não produziam.

Um dos primeiros a pensar sobre a área foi Paul Sivadon (1993) que influenciado pela teoria da Gestalt, tenta, sem sucesso, ligar o psíquico, o orgânico e o social. Sua grande contribuição, segundo Lima (1998), foi a compreensão do valor terapêutico do trabalho no tratamento de doenças mentais, criando assim, pela primeira vez, o termo psicopatologia do trabalho. Ademais, Sivadon (1993) reconhece o potencial adoecedor do trabalho em organizações perversas. Ele liga doenças decorrentes do trabalho a neuroses, à imaturidade psíquica e à falta de adaptação ao meio. Segundo Sivadon (1993) em Lima (1998),

[...] neuroses aparecem com uma particular frequência nos sujeitos cuja personalidade permaneceu relativamente imatura e naqueles que vivem num meio muito diferente daquele no qual estavam acostumados por hereditariedade ou experiência pessoal anterior (imigrantes, transplantados, etc.). A neurose aparece desde que as exigências do meio ultrapassem as aptidões nervosas do sujeito e em particular suas capacidades adaptativas (SIVADON *apud* LIMA, 1998, p. 6).

Sivadon (1993) argumenta, ainda, que o sujeito que não consegue se adaptar às condições de trabalho tende a adoecer. É preciso uma homogeneidade de condições entre às que o trabalhador estava habituado e às que lhes são impostas. O autor menciona o período em que os homens viveram em contato com a natureza, trabalhando e vivendo da exploração dos meios naturais no campo e se viram, em determinado tempo, abandonando esse estado e indo trabalhar nas cidades, na revolução industrial. “Seu sistema nervoso não teve tempo de evoluir em função das novas exigências que lhe eram impostas” (SIVADON *apud* LIMA 1998, p. 7).

Sivadon (1993) reconhece, então, o potencial patogênico de certas organizações de trabalho, como Lima (1988) esclarece

No artigo em que nomeou a nova disciplina que emergia das transformações do pós-guerra, Sivadon percorre todo este caminho que vai do trabalho como fonte de crescimento e evolução do psiquismo humano até as formas perversas de organização da atividade laboral, gerando pressões e conflitos insuperáveis e possibilitando a emergência da doença mental (SIVANDON, 1993 *apud* LIMA, 1998, p. 12).

A contribuição de Sivadon no campo da Saúde Mental e Trabalho foi importante, mas a sua visão ainda era restrita, na medida em que colocava a doença como uma limitação do indivíduo. Surge, então, outro importante nome nesse campo,

introduzindo uma nova perspectiva para o tema: Louis Le Guillant (2006)³. Esse autor foi um dos expoentes da sociogênese, movimento que surgiu, na França, nos anos 1940 e que entendia a loucura como uma questão social.

Le Guillant (2006) constata que o meio em que o sujeito está inserido e a suas experiências relacionam-se com a organização do trabalho. Ele fala, então, de uma psicopatologia social em que a dimensão psicológica particular de cada sujeito, aliada ao ambiente social em que ele está inserido, está intrinsecamente ligada à doença mental. Até então, a loucura era vista como sendo, em essência, decorrente de alterações orgânicas pré-existentes. Em sua psicopatologia social, esse autor ressalta a presença de fatores do meio, sem afastar a presença de fatores orgânicos no surgimento e frequência das doenças mentais. Assim, fala-se de uma relação entre condições de trabalho/vida e distúrbios mentais. Lima (1998) sintetiza a ideia de Guillant ao afirmar que “a doença mental no trabalhador seria consequência de toda uma trajetória do indivíduo (daí sua proposta de estudar minuciosamente a história de vida dos pacientes) que se adicionaria a um contexto de trabalho repleto de contradições e exigências” (LIMA, 1998, p. 13). Lima (1998), ainda esclarece que

[...] apesar de não negar a existência de fatores orgânicos e psíquicos no adoecimento, Le Guillant busca nas transformações sócio-históricas os elementos essenciais para compreender a gênese das doenças mentais. Além disso, ele se apoia nas ideias de Politzer, para concluir que somente após o resgate das condições reais de existência dos indivíduos, das suas formas concretas de trabalhar e de ganhar a vida é que estaremos em condições de compreender o seu psiquismo e os distúrbios que possa apresentar (LIMA, 1998, p. 12).

Na obra de Louis Le Guillant (2006) pode-se apontar, dentre outros, um estudo importante intitulado *As incidências psicopatológicas da condição da empregada doméstica*. Nele, o autor destaca que

O estudo das ‘Incidências patológicas da condição da empregada doméstica’ faz aparecer em seus elementos essenciais e, com um vigor particular, as determinações ‘sociais’ dos distúrbios mentais, cujo conhecimento sendo ainda tão deficiente; no entanto, em meu entender, elas constituem um modo de abordagem indispensável à compreensão do fato psiquiátrico (LE GULLILLANT, 2006, p. 243, grifos do autor).

³Com relação a Louis Le Guillant, Cf., *Introdução a uma psicopatologia social* (2006).

Outro importante trabalho da obra de Le Guillant é o estudo realizado com os trabalhadores bretãos que migravam para Paris. Nele é explicitado como as condições de vida e a história de cada sujeito contribuem para o surgimento do distúrbio psíquico. Nesse estudo, o autor revela que um elevado número de doentes mentais, internados naquela cidade, veio da região da Bretanha. O número de pacientes daquela região era quase duas vezes maior do que dos parisienses. Ele observou, também, que esses pacientes vinham de condições de vida semelhantes e que, em Paris, tinham o mesmo estilo de vida – moradias simples, baixo nível cultural e práticas religiosas. Eles haviam migrado para Paris, mas o estilo de vida continuava a ser aquele vivido na região da Bretanha. Assim, Le Guillant parece conseguir estabelecer uma conexão entre a história destes trabalhadores, em conjunto com seu meio de vida e a emergência de doenças mentais.

Outro movimento surge na França inspirado nas ideias de Christophe Dejours (1987). Esse autor define a psicologia do trabalho como “a análise do sofrimento psíquico resultante do confronto entre os homens e a organização do trabalho” (DEJOURS, 1987, p.12), ou ainda, mais à frente, como “a análise psicodinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pelas situações de trabalho” (op. cit.). A grande inovação de seu trabalho, fortemente influenciado pela psicanálise, é o reconhecimento de que indivíduos podem desenvolver estratégias para se defender de condições de trabalho perversas com o objetivo de não adoecer. Ao ampliar o seu campo de estudo, Dejours renomeia a disciplina, denominando-a de “Psicodinâmica do Trabalho”, uma vez que “a relação entre organização de trabalho e o homem não é um bloco rígido, mas está em contínuo movimento” (DEJOURS, 2008 *apud* LIMA, 1987). O campo, agora, não está somente focado na doença surgida a partir do trabalho, mas também, no fato de o trabalho servir como fonte de saúde e de vida.

É importante ressaltar a relevante obra de Ivar Oddone (2005), médico e psicólogo italiano, que muito contribuiu para o campo da Saúde Mental e Trabalho, ao escrever sobre o Modelo Operário Italiano (MOI), contra a sua nocividade. Trabalhando fortemente junto aos sindicatos de operários, Oddone mapeou os riscos à saúde no ambiente de trabalho, a partir de uma abordagem global, visando “transformar o meio de trabalho em benefício do homem” (MUNIZ et al., 2013,

p.282), em contraste à visão de que o homem deveria se adaptar ao trabalho. Também defendia que o estudo do trabalho, com o objetivo de intervir e melhorar as suas condições, não poderia dispensar a participação do próprio trabalhador, que deveria ver retratada a sua experiência no trabalho. Aquele que faz, que está no dia a dia da atividade, deve validar o estudo. Assim, com a contribuição dos estudos de Oddone, a participação e engajamento dos trabalhadores nas lutas por melhores condições de trabalho aumentaram a visibilidade social sobre o problema do adoecimento no ambiente de trabalho.

Finalmente, não se pode deixar de citar um importante pensador do campo, o filósofo francês Yves Clot. Ele propõe a clínica da atividade, com uma redefinição do sujeito do trabalho, que se torna um sujeito de ação, que cria um contexto para viver e não se subordina à realidade que lhe é dada. Como define muito bem Bendassolli (2011) acerca dos pensamentos de Clot (2008):

Trata-se, como diz Clot (2008), de um sujeito que se afirma perante as provas do real, que institui normas de vida (no sentido dado por CANGUILHEM, 1984). O trabalho, por sua vez, é definido como atividade triplamente orientada: para o sujeito (alcance de seus próprios objetivos), para o objeto da atividade (ou o real da atividade) e para o outro (a atividade do outro, com a qual o sujeito tem que lidar para cumprir a sua própria). Na clínica da atividade, o trabalho é o principal operador tanto do desenvolvimento psicológico do sujeito, como de sua saúde e bem-estar (BENDASSOLLI, 2011, p. 83).

Clot (2006) menciona que clínica da atividade tem como objetivo transformar o trabalho e a compara com a clínica médica. Segundo ele,

[...] tem como objeto uma doença nas situações reais de trabalho. Baseia-se na ideia de que a psicopatologia do trabalho vai partir do campo (da realidade de trabalho) e voltar ao campo. É uma ideia de que não há psicologia do trabalho sem a transformação da situação de trabalho (CLOT, 2006b, p. 101).

A fim de que a história do campo da Saúde Mental e Trabalho, especificamente no Brasil, seja remontada, recorre-se, nesse trabalho, a Sato (2005) que esclarece que o seu estudo surgiu a partir das demandas sobre serviços de saúde pública e dos sindicatos de trabalhadores, no início da década de 1980. Segundo ela, desde a década de 1940, as ciências do comportamento estudavam a saúde mental daqueles que trabalhavam, porém com um outro viés: a seleção e adaptação dos

trabalhadores. Essas técnicas tinham foco no trabalhador doente, visando impedir que ele pudesse trazer algum prejuízo à empresa e seus colegas. Era feita “[...]a análise de operários que apresentavam possíveis *transtornos mentais* causadores ou resultantes de acidentes que comprometiam a existência do indivíduo e dos companheiros de labuta” (SATO, 2005, p. 870, grifo da autora).

Após anos de acúmulo de conhecimento e influenciada pelos autores franceses, o campo da agora denominada Saúde Mental e Trabalho, no Brasil, produziu material suficiente para reconhecer a importância da organização e das condições de trabalho, para determinar a sorte de saúde/doença dos trabalhadores. Ele vai de encontro à visão biomédica em que o indivíduo é culpado e responsável pela sua doença, como Sato (2005) apresenta:

[...] discurso da competência - versão popularizada da ideologia gerencial - que deposita no indivíduo a causa de ‘todos os males’ e, conseqüentemente, a fonte de todos os remédios (GUIMARÃES, 2003; BENDASSOLLI, 2000/2001), abordando assim o velho discurso que culpabiliza a vítima (pelo acidente de trabalho, pela doença do trabalho, pelo desemprego) (SATO, 2005, p. 875).

A partir desse breve histórico do surgimento do campo da Saúde Mental e Trabalho no Brasil e na França, explicitando as ideias dos seus principais expoentes, tentar-se-á na próxima seção traçar um caminho que ajude a compreensão do processo de sofrimento dos professores da rede particular de ensino de Belo Horizonte.

2.4 A organização do trabalho do professor da rede particular de ensino de Belo Horizonte

O interesse de estudo desse trabalho, são os professores da rede particular de ensino da cidade de Belo Horizonte. Nesse entendimento, o conhecimento consolidado ao longo da história da disciplina Saúde Mental e Trabalho, representado na obra dos autores anteriormente apresentados, bem como em outros, será o ponto de partida para traçar um caminho que ajude o entendimento do processo de adoecimento destes profissionais. Dentre as visões teóricas dos autores descritas na seção anterior, aquelas com as quais esse trabalho se apoiará serão, prioritariamente, as de Louis Le Guillant (2006). É certo que todos os autores

têm muito a contribuir mas, no sentido de fazer uma escolha teórica, a concepção de um sujeito biopsicossocial de Le Guillant é a que melhor se encaixa na tentativa de aproximação do objeto de estudo em questão. Devem-se considerar as possíveis implicações dos sujeitos singulares na relação trabalho/saúde mental, bem como as particularidades de uma nova organização do trabalho contemporâneo que se apresenta a estes profissionais. O interesse é identificar o que é potencialmente patológico ou estruturante para todos na organização do trabalho sem, contudo, desconsiderar a subjetividade e a história de cada trabalhador.

Atualmente, a nova organização do trabalho alterou de maneira profunda a noção de tempo e espaço, acelerando os processos administrativos e produtivos. O mundo *on-line* funciona virtualmente e o professor não se desconecta do trabalho nos finais de semana ou férias. Essa nova organização do trabalho, tida como gestão organizacional, muitas vezes perversa, pode apresentar uma ameaça à estabilidade emocional do trabalhador. A pressão por manter um desempenho satisfatório, ou o cumprimento de metas e objetivos propostos pela instituição levam a uma insegurança e, eventualmente, ao adoecimento do trabalhador. Segundo Monteiro (2012), dados do INSS de 2011 confirmam que transtornos mentais ocupam o terceiro lugar nos afastamentos do trabalho e na aposentadoria por invalidez. A autora destaca ainda que esse número certamente é maior, isto porque muitos trabalham adoecidos, deixando de se submeter a uma consulta médica, não entrando, portanto, nas estatísticas.

Os professores da rede particular de ensino, categoria que a pesquisa foca o seu estudo, vivem essa realidade no seu dia a dia, sendo avaliados e controlados para atingir padrões e, na virada de cada ano, nunca sabem se terão garantida a sua posição na escola.

Em entrevista com os professores, procurou-se investigar aspectos que abordavam não somente sobre o sofrimento, como também do prazer no trabalho e das defesas que estes sujeitos poderiam desenvolver contra a doença. Fez-se necessário ir além da descrição da atividade efetiva a fim de viabilizar a apreensão do sentido e dos afetos mobilizados pelo trabalho. Nessa direção, Dejours (1994) aponta que, para suportar o sofrimento no trabalho, os sujeitos dão um novo significado a ele. “O

processo de análise do sofrimento beneficia os sujeitos, pois produz *sentido* no lugar das *defesas*, isto é, torna possível um processo de reapropriação do sofrimento e da inteligibilidade das vivências subjetivas” (DEJOURS, 1994, p.116). Esse novo significado pode ser desenvolvido individualmente ou coletivamente. Dessa forma, essa reapropriação se traduz em uma tomada de consciência que impulsionará o trabalhador a transformar as condições e a organização do trabalho.

Alguns indivíduos, no entanto, não são capazes de fazer essa ressignificação, caindo em uma situação de extremo sofrimento, de doença e em afastamento do trabalho. Esses trabalhadores acabam por desenvolver uma série de sintomas, como dores de cabeça, sensação de raiva, cansaço físico e mental e doenças como síndrome do pânico, disfonia, dentre outros.

A seguir, será apresentado um dos principais pontos no qual o sofrimento dos professores desemboca e que mais aparece em pesquisas que relacionam saúde dos professores com o seu trabalho: a Síndrome de *Burnout*.

2.5 A síndrome de *Burnout*

Na seção 2.6 desse trabalho, serão apresentados estudos que apontam o estresse, que culmina na síndrome de *burnout*, como o resultado de um longo processo de sofrimento que transparece nas recorrentes queixas de professores. Apesar desses estudos não revelarem, explicitamente, que há um percentual significativo de professores que foram diagnosticados oficialmente como tendo a doença, faz-se necessário descrevê-la, uma vez que os mesmos estudos apontam que esse profissional sofre com os seus sintomas.

Pesquisas realizadas na década de 1970 acerca do mal-estar dos profissionais ligados aos serviços de prestação de cuidados, os *caregivers*⁴, como das áreas da saúde, assistência social ou educação, elaboraram, a partir do conceito de estresse, o conceito de esgotamento profissional - denominado pelos psicólogos sociais norte-americanos de Síndrome de *Burnout*, que poderia ser definida como um

⁴ Cuidadores, tradução livre do autor.

esgotamento da energia, das expectativas e da auto-imagem. Ela pode ser representada por aquele trabalhador que desistiu de seu gênero profissional, que não tem mais força para continuar. No entanto, ele continua a trabalhar, mas em um estado de despersonalização, de apatia, de total falta de vontade de fazer. A definição mais aceita da Síndrome de *Burnout*, atualmente, é a de Maslach e colaboradores (1981), que a caracterizam como

[...] uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados ou com problemas. Cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene; grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto no trabalho. O trabalhador se envolve afetivamente com os seus clientes, se desgasta e, num extremo, desiste, não aguenta mais, entra em *Burnout* (MASLACH et al., 1981, apud CODO, 1999, p. 258).

A partir dos anos 1980, sobretudo as mudanças no mundo do trabalho e nos processos produtivos, exigiram, das empresas, um aumento da produção e do lucro. Essa mudança, no entanto, trouxe também impactos físicos e psíquicos à saúde do trabalhador.

Assumir as novas funções que o contexto social exige supõe o domínio de uma ampla série de habilidades pessoais que não podem ser reduzidas ao âmbito da acumulação de conhecimento (CARLOTTO, 2002, p. 21).

Segundo Enguita (1989), citado por Carlotto (2002), no exercício da atividade do trabalhador, podem estar presentes estressores relacionados à natureza de suas funções ou relacionadas ao contexto institucional e social onde elas são exercidas. Dentre esses estressores podem-se citar, entre outros:

1) desenvolver métodos eficazes a serem seguidos pelos professores; 2) determinar, em função disso, qualificação necessária para o exercício da atividade; 3) capacitá-los em consonância com as qualificações, ou colocar requisitos de acesso; 4) fornecer formação permanente que mantivesse o professor à altura de suas tarefas durante a permanência na instituição; 5) dar-lhe instruções detalhadas sobre como realizar o trabalho; e 6) controlar permanentemente o fluxo do 'produto parcialmente desenvolvido', isto é, o aluno (ENGUIITA, 1989, apud CARLOTTO, 2002, p. 22).

No modelo de produção capitalista, no qual as instituições de ensino estão inseridas, há uma preocupação em promover e manter a eficiência. A educação é vista como um negócio rentável e assim sendo, os professores devem apresentar produção, o que acarreta um aumento no número de atividades burocráticas e reuniões para se assegurar a qualidade dos serviços prestados (produção de qualidade), diminuindo o

tempo de lazer e o convívio social e para realização de sua atividade principal, ensinar. Tal lógica gera também pouco espaço para o trabalho criativo. Carlotto (2002) acredita que esse modelo está de acordo com a escola, entendida como uma empresa, onde há critérios de controle e avaliação baseados em valores de eficiência burocrática e medidas padronizadas de seus resultados. O homem se faz através do seu trabalho e, como tal, deve ter a liberdade de se colocar nele. Essa impossibilidade, no caso dos professores, pode ser solo fértil para o desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*.

Outra variável dessa síndrome ocorre, segundo Farber (1991), quando ela acomete privilegiadamente aqueles profissionais que eram extremamente dedicados ao seu trabalho e que, em dado momento, percebem que há uma discrepância entre o que eles dão em seu trabalho e o que eles recebem. Na definição desse autor, "*Burnout* é uma síndrome do trabalho, que se origina da discrepância da percepção individual entre esforço e consequência, percepção essa, influenciada por fatores individuais, organizacionais e sociais" (FARBER 1991, *apud* CODO, 1999, p.262). Isso é muito evidente na categoria de interesse desse trabalho, os professores. Os relatos que apareceram durante esse estudo evidenciam essa lacuna entre a dedicação dos professores aos seus alunos e o retorno que eles recebem, tanto imediatamente dos próprios alunos, quanto socialmente, como reconhecimento de sua importância na formação das pessoas.

Um dos principais estudos feitos no Brasil sobre o trabalho e a educação no Brasil intitulado *Educação, carinho e trabalho*, desenvolvido por Codo (1999), faz uma longa investigação sobre esta síndrome que incide sobre os professores e que muito elucidou essa pesquisa sobre a questão do *burnout* e a categoria dos professores. Logo no prefácio de sua obra, esse autor descreve essa síndrome como

O nome da dor de um profissional enclacrado entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração. Ou, ainda, é a síndrome de um trabalho que voltou a ser trabalho, mas que ainda não deixou de ser mercadoria. As dores do *burnout* são as dores de um filho que sempre existiu, a força mágica de um trabalho que se afetiva, que se afeiçoa, que se parece com a vida, que espanta e pasma como um parto, que doe, como um parto. (...) Os segredos da paixão teimam em esconder-se, impondo as trilhas que transitam por três eixos de tensões: entre afeto e razão, nas

relações sociais e no controle sobre o meio. As três origens do *burnout* (CODO, 1999, p.7).

Codo (1999) ainda caracteriza o *burnout* como tendo 3 componentes, a saber: (1) Exaustão emocional, em que o profissional descreve um esgotamento da energia, consequência de uma tentativa de lidar com os problemas no dia a dia do trabalho, (2) Despersonalização, que se caracteriza pelo desenvolvimento de um certo cinismo em relação às pessoas do trabalho, em conjunto com um endurecimento afetivo e desenvolvimento de atitudes e sentimentos negativos e (3) Falta de envolvimento pessoal no trabalho, evidenciando um distanciamento das tarefas e uma reação de evitar a realização das atividades relacionadas ao atendimento ou contato com as pessoas daquele ambiente.

Os estudos com os professores da rede particular de ensino, que serão demonstrados mais adiante, apontam uma evidente presença dessa síndrome entre esses profissionais e, aqueles que ainda não a atingiram, estão em alguma das etapas para a sua chegada. Alguns relatam, claramente, os componentes acima descritos. Outros, relatam um nível de estresse que está intimamente ligado à Síndrome de *Burnout*, sem, contudo, evidenciar os três componentes. Aparentemente, como não podem deixar de trabalhar, deixam de procurar ajuda, permanecendo no anonimato, não tendo o diagnóstico oficializado.

Mas por que essa síndrome atinge privilegiadamente a categoria de professores, ou categorias relacionadas a pessoas que lidam com outras pessoas, chamados de *caregivers*? Os professores, categoria que se enquadra naquela de *caregivers*, para realizarem o seu trabalho, necessitam minimamente estabelecer um vínculo emocional com os seus alunos. O professor, para realizar a sua atividade, deve se comprometer com o aprendizado do aluno aproxima-se dele para tentar entender as suas características individuais, facilitando, assim, o seu aprendizado. Ocorre que, por razões individuais ou coletivas, há um desgaste irreconciliável nessa relação. Com o tempo, esse desgaste leva a uma exaustão emocional e o trabalhador percebe que, mesmo querendo, não consegue estabelecer o vínculo necessário para a realização da sua atividade.

Segundo Codo (1999), “é uma situação de total esgotamento da energia física ou mental. O professor, nessa situação, se sente totalmente exaurido emocionalmente, devido ao desgaste diário ao qual é submetido no relacionamento com seus alunos” (p. 429). A partir daí, o professor começa a se avaliar negativamente e se sente incapaz de realizar o seu trabalho, podendo passar à despersonalização, quando começa a ter relações superficiais e distantes com os alunos e colegas de trabalho. O trabalho passa a ser visto como um contrato apenas, em que o professor troca a sua força de trabalho por uma remuneração. “A despersonalização ocorre quando o vínculo afetivo é substituído por um racional. Podemos entender despersonalização como a perda do sentimento de que estamos lidando com outro ser humano” (Ibid, p. 263).

Estudos de Codo (1999) demonstram que, aqueles professores que se definiam como *workaholics*⁵, que viviam para o trabalho, não investindo em outros setores da vida, tendem a desenvolver com mais facilidade o quadro de *burnout*. O autor adiciona, porém que outros estudos apontam para a influência do ambiente de trabalho no desencadeamento da doença, principalmente relatando problemas de disciplina no desgaste da relação professor-aluno. Esse autor resume, em sua pesquisa, muitas queixas que também foram encontradas nesse trabalho.

Violência, falta de segurança, uma administração insensível aos problemas do professor, burocracia que entrava o processo de trabalho, pais omissos, transferências involuntárias, críticas da opinião pública, classes superlotadas, falta de autonomia, salários inadequados, falta de perspectivas de ascensão na carreira, isolamento em relação a outros adultos ou falta de uma rede social de apoio, além de um preparo inadequado, são fatores que têm se apresentado associados ao *Burnout* (CODO, 1999, p. 264).

Outro estudo consultado para essa pesquisa, foi o de Carlotto (2002), que ajudou a relacionar a Síndrome de *Burnout* ao trabalho dos professores. Esses profissionais possuem papéis muitas vezes contraditórios, como ter que ensinar a seu aluno e motivá-lo e, ao mesmo tempo, manter a disciplina. Eles têm ainda que lidar com problemas sociais e emocionais dos alunos, bem como com conflitos ocasionados pelas expectativas dos pais, estudantes, comunidade e direção das instituições para

⁵ Workaholic: A person who compulsively works excessively hard and long hours. (Oxford Dictionary). Alguém que compulsivamente trabalha excessivamente e por longas horas (tradução do autor desse trabalho).

as quais trabalham. Além disso, há o excesso de atividades burocráticas, que muitas vezes não estão relacionadas a essência de sua profissão, bem como a inadequação salarial. Esses profissionais, pressionados pela direção da escola, que na maioria dos casos interessa-se pela manutenção e satisfação do aluno desconsiderando o bem estar do professor, têm se mostrado bastante vulneráveis a serem acometidos pela síndrome de *burnout*.

O professor, quando entra nesse quadro, sofre com uma contradição de sentimentos. Ele não é capaz de estabelecer mais um vínculo afetivo para realizar o seu trabalho, é frio diante dele. Contudo, isso não acontece sem um grande sentimento de culpa, ansiedade e melancolia por não mais conseguir desenvolver a sua atividade como fazia antes.

Apesar dos estudos que serão apresentados na próxima seção apontarem que muitos professores sofrem em decorrência da organização do trabalho, a maioria não é diagnosticada como portadora de uma doença que tem como causa o trabalho. Isso ocorre porque era difícil, para os profissionais de saúde, o estabelecimento do nexos causal entre a doença e o trabalho realizado por aquele profissional. No campo da Saúde Mental e Trabalho a polêmica é antiga. Há duas correntes teóricas que se confrontam sobre esse tema. Segundo Lima (2005) uma delas, a corrente psicogênica, baseada nas concepções de Christophe Dejours, defende que o trabalho pode favorecer descompensações psiconeuróticas, mas não é origem delas. A outra, de acordo com Lima (2003), estão os adeptos da Psiquiatria Social que tem como principal representante, Louis Le Guillant. Essa defende que certas organizações de trabalho poderiam favorecer a eclosão de quadros neuróticos e psicóticos. Assim, os quadros de adoecimento por saúde mental ligados ao trabalho ficavam bastante subnotificados.

Segundo Codo (2010), até o estabelecimento do Nexos Técnico Epidemiológico Previdenciário (NETEP) em 2005, o professor que era afastado por saúde mental, ao passar pela perícia médica, raramente era emitida uma CAT⁶, que era a principal arma do Estado para o conhecimento e prevenção da saúde do trabalhador. Assim,

⁶CAT – Comunicação de Acidente de Trabalho

o trabalhador dificilmente era afastado por adoecimento no trabalho. Na maioria dos casos, a doença como depressão, por exemplo, era interpretada como sendo influenciada pela carga genética e que nenhuma relação tinha com o trabalho.

Atualmente, de acordo com Codo (2010), com a existência da Ntep,

O Perito preenche sua profissão na sua ficha eletrônica, preenche a doença que você apresenta (o CID – Classificação Internacional de Doenças) e aparece um aviso: sim, existe um Ntep para este tipo de atividade econômica. O perito concorda com esta relação [...] e você passa a ser uma vítima de um problema de saúde provocado pelo seu trabalho, seu benefício será acidentário e não mais previdenciário. Você ganha estabilidade no emprego, o país ganha acuracidade na incidência deste problema de saúde, e a empresa e o setor econômico ganham a consciência dos agravos que está promovendo, ações preventivas se tornam possíveis (...) (CODO, 2010, p.17).

Outra conquista da implantação da Ntep foi a reversão do ônus da prova, no caso de um litígio. Segundo Codo (2010), "a metodologia pré-Ntep conduzia, em caso de litígio, o trabalhador vítima de agravos no trabalho a provar a relação entre sua atividade e sua doença ou acidente" (p.17). Agora, cabe à empresa provar que oferece boas condições de trabalho e que, portanto, não foi ela a responsável pelo agravo ao trabalhador. "É o algoz presumido e não à vítima presumida que cabe o ônus da prova" (Ibid, p.18).

A próxima seção tratará de apresentar estudos que apontam e explicitam a situação de adoecimento dos professores da rede particular de ensino.

2.6 Estudos que evidenciam o caráter epidêmico do adoecimento de professores da rede particular

Nessa seção, apresentaremos estudos relevantes que explicitam o adoecimento dos professores da rede particular. Os dados das pesquisas foram apresentados tal como foram coletados. Eles serão apresentados dessa forma:

A → Descrição

B → Sujeitos participantes

C → Resultados

D → Considerações

Estudo 1 - O trabalho e os agravos à saúde dos professores da rede privada de ensino de Minas Gerais (SINPRO MG) - 2009

A - Descrição

Uma das principais pesquisas feitas sobre esta temática, e a que mais se aproxima do tema desse estudo, foi realizada pelo Sindicato dos Professores de Minas Gerais (SINPRO MG) em 2009. Trata-se de uma pesquisa predominantemente quantitativa. A amostra respondeu a um amplo questionário, cujas questões se dirigem ao ambiente das escolas, às condições de trabalho e à saúde destes professores.

B - Sujeitos participantes

Contribuíram para o estudo 2.484 docentes do ensino infantil até o ensino superior, dos quais 11,4% pertencem à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e 17,53% lecionam para o ensino médio.

O número de docentes que participaram do estudo que lecionam para o ensino médio, recorte desse estudo, é de 597 (17,53%). No que diz respeito à escolaridade, 26,06% dos professores têm graduação completa, 38,30% tinham especialização e 26,35% mestrado. A renda média desses profissionais, na RMBH, era de R\$2.755,24 para as professoras contra R\$3.593,61 para os professores, a época que os dados foram coletados.⁷

C - Resultados

- Desgaste nas relações do professor em relação:
 - Aluno: 40,25%
 - Direção: 17,94%
 - Coordenação: 15,34%
 - Pais ou responsáveis: 13,45%

- Ambiente escolar ameaçador em razão:

⁷ A pesquisa apontou que os professores do sexo masculino tem escolaridade superior às professoras. No entanto, não houve qualquer discussão a respeito da diferença salarial.

- Violência: 75,15%
 - Assédio Moral: 75,1%
 - Diminuição da carga horária: 72,06%
 - Exigência no cumprimento de prazos: 34,22%
- Agravos à saúde do professor. O professor sente:
 - Cansaço físico/mental: 93,65%
 - Dor de cabeça: 79,66%
 - Necessidade de usar bebidas alcoólicas: 60,0%
 - Sensação de raiva ao falar da profissão: 35,8%

Outros dados:

- Consideram o ambiente físico da escola adequado: 90,0%
- Já sofreram ameaça ou agressão por parte dos alunos pelo menos uma vez: 40,86%
- Desconhecem a existência de um plano de cargos e salários: 35,14%

Segue o gráfico que sintetiza os principais dados da pesquisa descrita.

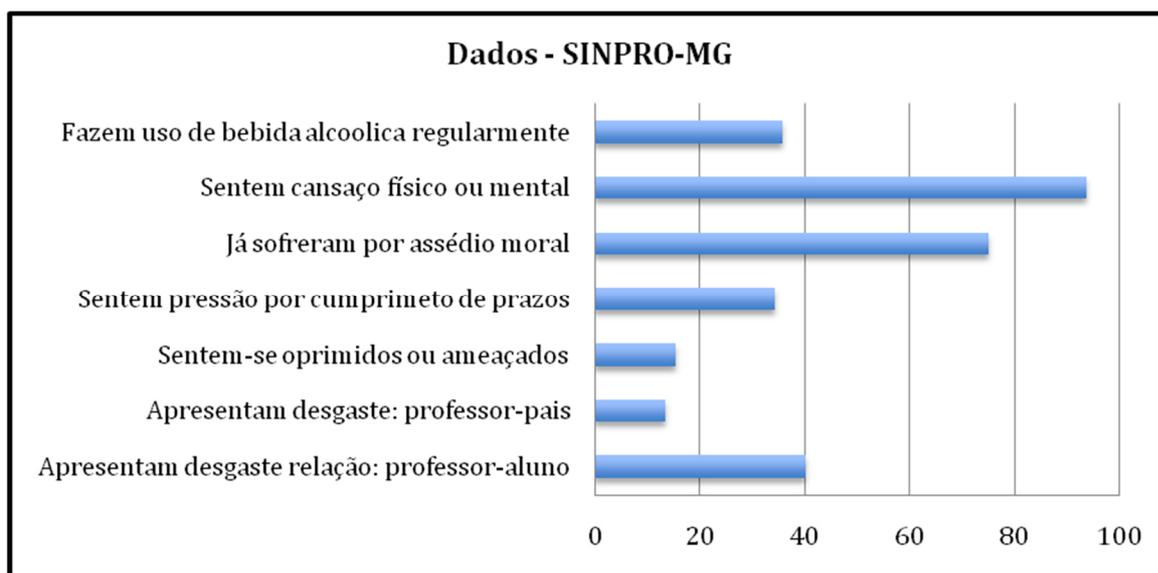


Figure 1: Dados SINPRO-MG sobre agravos à saúde dos professores da rede privada de ensino de Minas Gerais (2009).

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

D - Considerações sobre a pesquisa

Das respostas que dizem respeito ao ambiente físico das escolas, como salas de aula confortáveis e bem equipadas, mobiliário etc., quanto à sua adequação às finalidades da atividade docente, acima de 90% foram positivas. Apesar de promover um ambiente físico favorável, é na organização do trabalho em que se encontram as queixas destes profissionais.

É importante destacar que 53,70% das respostas relativas às razões de desgaste dos docentes no ambiente de trabalho vêm das relações professor-aluno e professor-pais/responsáveis.

Ao longo deste trabalho, será apontado que, apesar das relações serem fonte de desgaste para o professor, como mostra a pesquisa, não se pode esquecer que a raiz do problema (não deixando de ponderar que ele é mais amplo, abarcando as questões do adolescente contemporâneo e suas relações com pais, professores e colegas) é o sistema escola-empresa que precariza o trabalho, num sentido amplo: salas cheias, salário precário, contratos temporários, ausência de plano de carreira, excesso de trabalho, condições e organização do trabalho patológicas, entre outros. Os problemas internos da sala de aula são consequência de um sistema que privilegia o empresário da educação.

Será destacado também que, por detrás dos nomes dados pelos professores às razões para se sentirem em um ambiente ameaçador, como exigência de cumprimento de prazos, assédio moral, etc., pode-se concluir que a principal “assediadora” possa ser a própria direção da escola, ao exigir cumprimento de prazos e proporcionar insegurança quanto à manutenção do emprego. Quando os professores mencionam a violência, não se pode tampouco eximir a instituição dessa responsabilidade. Ela deve garantir a segurança dos profissionais que trabalham para ela.

É importante apontar que a pesquisa não fala do desgaste professor-empregador, apesar de falar da exigência pelo cumprimento de prazos. Pode-se inferir, no entanto, que esses profissionais não nomeiam o desgaste professor-empregador, mas ele está presente em todas as queixas apresentadas por eles. Pontua-se que esse desgaste é um importante fator para o adoecimento dos professores.

Os dados do Sindicato dos Professores de Minas Gerais (SINPRO-MG) evidenciam que há o adoecimento dos membros da categoria ou, pelo menos, há questões a serem discutidas. Esses dados apontam, de modo explícito, que esta categoria profissional está sujeita a sérios problemas no ambiente de trabalho e, pouco foi feito para tentar entender essas questões. Isso porque, podemos supor, tais queixas e desconfortos não geram uma CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho) como documento formal para engrossar as estatísticas. Como aponta a pesquisa, apesar das queixas, 90,5% dos professores declaram que nunca estiveram afastados do trabalho por doença ocupacional. O estudo do SINPRO aponta a necessidade do aprofundamento destas questões, pois ele se limita apenas a descrevê-las:

Como este relatório, não esgotam as possibilidades de uma análise relativa ao universo dos dados levantados, destaca-se, mais uma vez, a pertinência de explorá-lo amiúde em outros trabalhos técnico-científicos. (...) não se olvidando da necessidade de incorporar tanto análises em nível mais qualitativo como de promover maiores debates sobre os resultados desta pesquisa (SALIM, 2009 p.57).

Estudo 2 – Professores no limite: o estresse do trabalho do ensino privado do Rio Grande do Sul. (UNISINOS) - 2011

A - Descrição

O estudo foi realizado em 2011 pelo programa de pós-graduação de psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), do Rio Grande do Sul, atendendo à demanda da Federação dos Trabalhadores dos Estabelecimentos de Ensino Privado daquele Estado (FETEE/SUL). O trabalho resultou em um livro cuja autoria é de Monteiro *et al.* (2012). Tal pesquisa procurou identificar a relação entre as condições de trabalho e a saúde dos mais de 35 mil professores, desde o ensino infantil até a educação superior no Estado.

B - Sujeitos participantes

Participaram dessa pesquisa, 202 professores da rede privada do Rio Grande do Sul (dos quais 24,80% eram do ensino médio), fazendo uso do *Inventário de Stress para adultos de Lipp (ISSL)*, que visa indicar a presença de sintomas de estresse, os tipos de sintomas existentes (físicos ou psicológicos) e a fase em que se encontram. Dessa amostra, 64,9% eram mulheres e 41,3% tinham nível superior completo. No que se refere à carga horária trabalhada, 36% trabalham entre 20 a 40 horas semanais e 71,4% não possuem outra atividade remunerada além da docência.

C - Resultados

Os resultados da pesquisa apontam que 58,4% da amostra revelaram a prevalência de estresse, sendo que destes 50,5% estão na fase de resistência. Esta fase indica que,

[...] existe um aumento na capacidade de funcionamento do organismo acima do normal, o qual busca equilíbrio, com utilização de grande energia, o que pode gerar a sensação de desgaste generalizado sem causa aparente e dificuldades com a memória, dentre outras consequências (MONTEIRO *et al.*, 2012, p. 43).

A escala do estudo varia de 1 a 5, e os resultados acima de 3 indicam um fator que origina estresse no trabalho. Dos fatores de estresse presentes no trabalho, aqueles apontados como importantes foram:

Excesso de atividades extraclasse (m=3,65);

Falta de interesse ou desmotivação dos alunos (m=3,28);

“Falta de educação ou limite” dos alunos (m=3,18);

Baixa remuneração (m=3,00);

Prazos estabelecidos para executar as atividades (m=2,94).

O gráfico a seguir apresenta o resumo dos dados.

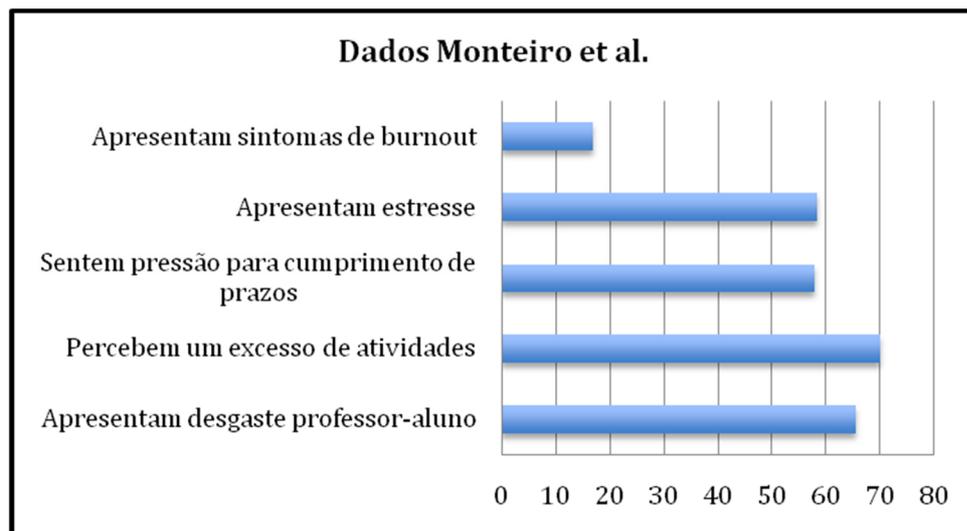


Figure 2: Estresse do trabalho do ensino privado do Rio Grande do Sul, Monteiro *et al.* (2012).

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

D - Considerações sobre a pesquisa

Segundo Monteiro *et al.* (2012), os resultados do trabalho comprovaram que uma grande parte da categoria apresenta níveis de estresse e confirmou que as condições de trabalho têm um impacto muito expressivo na saúde dos professores. A prevalência de estresse entre os professores do ensino médio do Rio Grande do Sul, apresentada no estudo, foi de 58,4%. A autora aponta que, em comparação com outras profissões que são reconhecidamente estressantes, a categoria de professores apresenta índices mais elevados de estresse: 47,4% em policiais militares, 47,0% em bancários.

A pesquisa ainda revela que, em comparação ao grupo de professores que lecionam no ensino superior, os grupos que lecionam nos ensinos fundamental e médio consideram significativamente mais estressantes: “falta de educação e limites” dos alunos, falta de interesse e desmotivação dos alunos e falta de reconhecimento do seu trabalho pelos pais e sociedade. A prevalência da Síndrome de *Burnout*, nesse grupo, foi de 16,82%, sendo que 61,8% destes apresentam Síndrome *Burnout*, que inclui a dimensão da culpa (MONTEIRO *et al.*, 2012). A falta de limites dos alunos e o seu desinteresse são, apesar de o estudo não apontar esse último de maneira explícita, faces da precarização das relações de trabalho e contratuais. Os estabelecimentos de ensino, como empresas, visam o lucro e para isso muitas vezes

superlotam as salas de aula, refletindo no trabalho do professor. Como manter o interesse e a motivação deles, tendo como realidade uma sala de aula superlotada? E, mesmo nos casos em que elas não estão, compete ao professor manter a disciplina dos alunos. Muitas vezes não é de interesse das escolas educar os seus clientes ou adotar uma postura que proteja o professor contra o assédio desses alunos. Cabe ao profissional ter que lidar, com recursos próprios e como dito, na maior parte das vezes sem o apoio da instituição, com a falta de disciplina e o desinteresse. Mais clara se coloca essa precarização quando são apontados o excesso de atividades, a exigência para cumprimento de prazos e a baixa remuneração.

A pesquisa de Monteiro *et al.* (2012) destaca dois grandes fatores que estariam relacionados ao adoecimento dos professores. O primeiro é o excesso de atividades e os prazos para executá-las, como preparação de aulas, elaboração de trabalhos, provas de avaliação e sua correção, atendimento a alunos e pais, seja de maneira presencial ou virtual. Isso faz com que eles tenham uma sobrecarga de atividades, até mesmo tendo que realizar essas atividades nos finais de semana. Evidencia-se aqui a precarização e exploração dos professores pelo sistema comercial da educação contemporânea.

O segundo principal fator é a relação com os alunos, em que se destaca a falta de limites e o desinteresse deles. O estudo cita alguns autores como Carlotto (2010) e Esteve *et al.* (1995), que apontam que pais e cuidadores têm transferido suas responsabilidades de educação e imposição de limites para os professores, como resultado da falta de tempo para se dedicar aos próprios filhos. “Como consequência disto, temos uma geração de crianças e adolescentes mais egoístas, sem noção de limites e sem noção de respeito e de regras de convivência social” (MONTEIRO *et al.*, 2012, p.11).

Mais uma vez, aqui, é imperativo esclarecer que a educação dos alunos não é responsabilidade dos professores. Se a sociedade atual se depara com a situação descrita acima, não podem as instituições de ensino transferir a responsabilidade de lidar com ela para o professor. Cabe à escola achar caminhos (de cunho disciplinar, por exemplo) e procurar a conscientização dos pais para que a apontada falta de limites dos alunos não interfira no trabalho do professor, em sala de aula.

O estudo conclui que as condições de trabalho apresentadas aos professores do ensino privado do Rio Grande do Sul necessitam de melhorias, pois a saúde dos professores se encontra ameaçada pelos altos índices de estresse e *burnout* apresentados por esse grupo profissional.

Quando se faz uma comparação entre os estudos do SINPRO-MG e de Monteiro et al. (2012), são obtidos os resultados mostrados no gráfico abaixo.

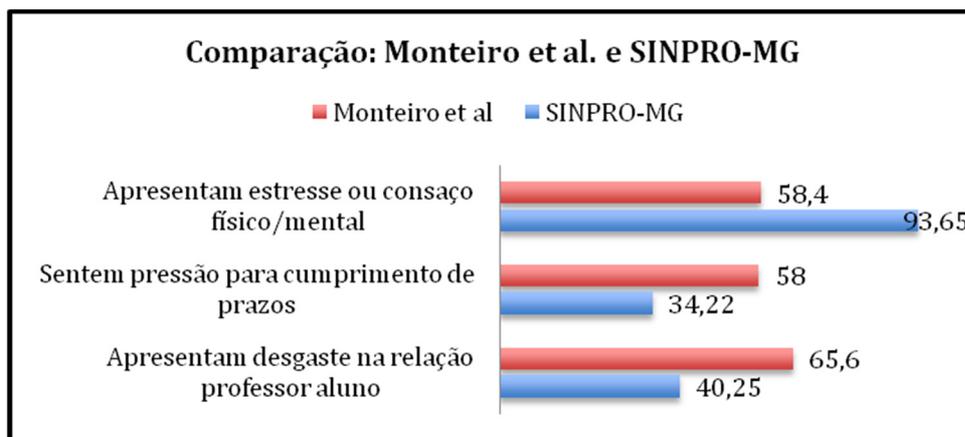


Figure 3: Comparação: Monteiro et al.(2011) e SINPRO-MG (2009)

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

O estudo de Monteiro et al. (2012) cita uma pesquisa realizada em 2006 pelo Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul (SINPRO/RS), cujos dados devem ser apontados. A pesquisa mostra que 45,8% dos professores apresentam estresse e 83% frequentam o trabalho mesmo que estejam doentes. Outro dado, citado na mesma pesquisa, aponta que, de acordo com os números de 2008 do Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisa de Saúde e dos Ambientes de Trabalho (Diesat) sobre os professores do ensino privado do Rio Grande do Sul, 1.680 docentes afirmaram que os principais problemas da profissão estão ligados à organização do trabalho e às relações sociais estabelecidas no local de trabalho. Eles apontam como agravos à saúde física e mental, a jornada de trabalho, excesso de atividades, pressão de chefias e colegas de trabalho, dificuldades na relação com chefias, colegas professores, pais e alunos. O mesmo estudo apresenta pesquisa desenvolvida por Gomes *et al.* (2010) em que, numa população de 689 professores da rede particular de ensino, 70% percebem, como fatores estressantes, o mau

comportamento dos alunos em sala de aula, a falta de interesse e de motivação pela aprendizagem e a falta de sanções disciplinares por parte da instituição (MONTEIRO *et al.*, 2012).

O referido trabalho cita ainda pesquisas realizadas em outros países. Em um estudo da Malásia, 580 professores do ensino médio privado foram investigados quanto à prevalência de estresse. Os resultados indicaram que 34% dos professores possuem níveis de estresse de moderado a severo. Em Portugal, numa pesquisa para investigar a síndrome de *burnout* em professores, em uma amostra de 211 docentes, 13,20% apresentavam altos níveis de *burnout*. No México, 258 professores foram avaliados e os resultados revelam que existe uma ligação significativa entre estresse e desgaste emocional e a dedicação dos professores à profissão: aqueles com contrato integral apresentam maior estresse que aqueles contratados por meio período (MONTEIRO *et al.*, 2012).

Estudo 3 - Condições de trabalho e saúde da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Delcor et al. (2004).

A - Descrição

A pesquisa feita por Delcor *et al.* (2004) teve como objetivo descrever as condições de trabalho e saúde da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia. O estudo teve um caráter epidemiológico em que os sujeitos da pesquisa responderam a um questionário auto-aplicado cujas questões envolviam temas que foram baseados no *Job Content Questionnaire* (JCQ)⁸. O questionário fazia perguntas a respeito do controle sobre o trabalho, habilidades e poder de decisão, demandas psicológicas e físicas, perguntas sobre suporte social e ainda sobre o número de funcionários que coordenam o professor e sobre ser ou não membro do sindicato. No que diz respeito à saúde mental foi utilizado um instrumento de detecção de distúrbios menores, o *Self Reporting Questionnaire – 20* (SQR-20), desenvolvido por Harding *et al.* (1980), que é utilizado para o estudo da morbidade psiquiátrica em

⁸ O JCQ tem sido usado em vários países, principalmente nos Estados Unidos e Canadá, Europa, Japão e Coréia do Sul. Estudos de validação do JCQ indicam bom desempenho do instrumento. No Brasil ainda não foi conduzido estudo para a sua validação. Contudo, resultados obtidos em estudos brasileiros que utilizam o JCQ têm mostrado consistência com resultados obtidos em outros países. (DELCOR *et al.*, 2004).

que foi avaliada a associação entre as características ambientais e organizacionais do trabalho e a prevalência de distúrbios psíquicos menores (DPM)⁹.

B - Sujeitos participantes

Participaram da pesquisa de Delcor et al. (2004) 250 professores de uma população de cerca de 600 professores de instituições privadas de ensino da cidade. A média de idade dos professores era de 34,5 anos, sendo 82,8% eram mulheres, dessas 65,1% casadas e 72,1% tinham nível superior completo. Trabalhavam em outra escola 59,3% e em mais de duas escolas 9,2%. A renda mensal era de R\$886,00.¹⁰

C - Resultados

Os resultados, mais uma vez, apresentam dados que evidenciam uma relação entre adoecimento e condição de trabalho desses professores. Mais da metade deles responderam que concordam ou concordam fortemente com algumas questões do JCQ, como:

Ritmo acelerado de trabalho (67,9%);

Posição inadequada e incômoda do corpo (65,4%);

Atividade física rápida e contínua (63,8%);

Ritmo frenético de trabalho (54,9%);

Longos períodos de intensa concentração em uma mesma tarefa (51,9%).

Esses professores também confessam sofrer de cansaço mental (59,2%) e 22,1% dizem fazer uso de bebida alcoólica.

No que toca ao SRQ-20 sobre a prevalência de distúrbios psíquicos menores, a prevalência foi de 41,5%.

Abaixo, apresenta-se um gráfico que traz os dados do estudo.

⁹ Detecta níveis de alteração do funcionamento psíquico, destacando alguns sintomas: humor depressivo/ansioso, decréscimo de energia vital e pensamentos depressivos (ARAÚJO et al., 2003).

¹⁰O valor do salário mínimo no ano de 2004 era de R\$774,00.

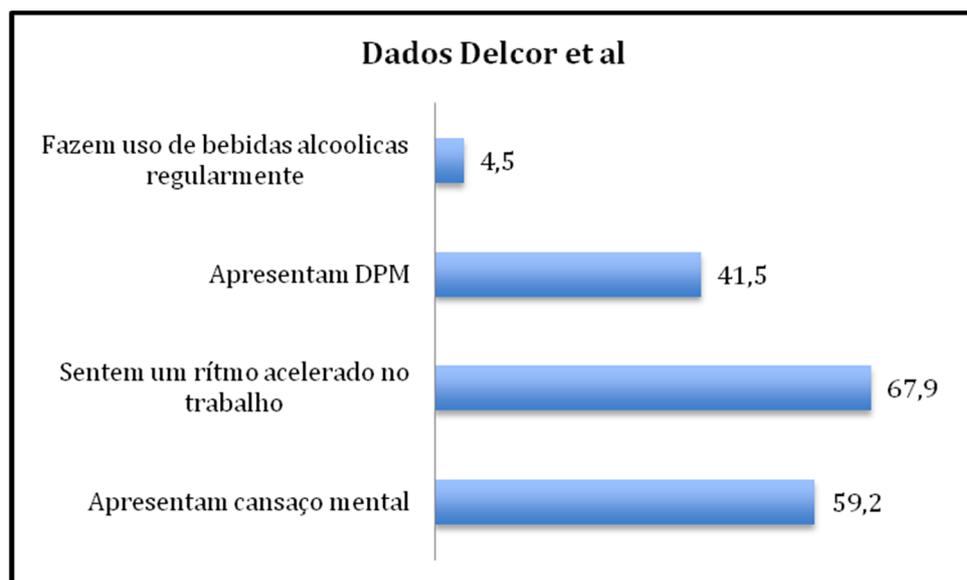


Figure 4: Condições de trabalho e saúde da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Delcor *et al.* (2004).

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

D- Considerações sobre a pesquisa

A presença de DPM estava ligada ao volume excessivo de trabalho, ritmo acelerado de trabalho, interrupção das tarefas antes de serem concluídas, ausência de preocupação do coordenador com o bem estar da equipe, inexistência de processos democráticos na tomada de decisões do grupo de trabalho e exposição a hostilidades e conflitos com colegas de trabalho. Os autores concluem o estudo apontando que os resultados apoiam a hipótese de que o desgaste dos professores é determinado, em boa parte, pelo tipo e pela forma de organização do seu trabalho (DELCOR *et al.*, 2004).

Outros estudos

Outro estudo que forneceu material para entender os agravos à saúde dos professores da rede particular é o de Araújo *et al.* (2003), que envolveu 551 professores de 60 escolas da rede particular de ensino de Salvador e indicou uma prevalência de distúrbios psiquiátricos de 20,1%. Os professores responderam ao Self Report Questionnaire (SQR-20). Essa pesquisa aponta que determinadas características relacionadas à atividade profissional do professor, dentre elas o

trabalho repetitivo, dificuldades de relacionamento com colegas de trabalho, insatisfação no desempenho das atividades, desgastes na relação professor-aluno, ambiente intranquilo e estressante, falta de autonomia no planejamento das atividades, ritmo acelerado de trabalho, pressão da direção da escola, entre outras, são determinantes para a prevalência de DPM entre esses profissionais. O mesmo estudo indica que a prevalência de DPM em outras profissões é semelhante à encontrada nos professores da rede particular de ensino de Salvador: 19% em metalúrgicos, 19 a 24% entre trabalhadores de processamento de dados e 28,8% entre trabalhadores de hospital. O estudo conclui que “determinadas características do processo laboral produzem repercussões negativas sobre a saúde dos trabalhadores” (ARAÚJO *et al.*, 2003, p. 491).

Foram encontrados também semelhantes problemas quando pesquisas realizadas em outros países foram procuradas para o presente trabalho. Um exemplo dessas pesquisas, dentre outras, é a de Gomes *et al.* (2010) realizada entre professores portugueses. Esses autores apontam que as razões que causam o estresse entre os profissionais dessa categoria são muito semelhantes aos apontados em estudos realizados no Brasil. Entre eles estão baixa motivação, comportamentos de indisciplina, pressões de tempo, excesso de tarefas a realizar, conflitos entre colegas, baixo apoio social e avaliações por parte da direção da escola. Dessa pesquisa participaram 689 professores do ensino secundário de Portugal¹¹, que foram avaliados por meio do *Questionário de Stress nos Professores (QSP)*¹² e pelo *Inventário de Burnout de Maslach – Versão para Professores (IBM-VP)*¹³. Os resultados apontam que quase 38% dos docentes percebem de níveis significativos a muito elevados de estresse na sua atividade profissional. Mau comportamento dos alunos em sala de aula, falta de interesse e motivação face à aprendizagem foram referidos por mais da metade dos participantes do estudo (60 a 70%). Se tivessem a oportunidade de escolher outra profissão, 28% dos professores o fariam e 21% assumem o desejo de abandonar a atual escola, 16% de abandonar a profissão e 18% estão altamente insatisfeitos com a sua profissão.

¹¹ O ensino secundário em Portugal equivale ao ensino médio no Brasil.

¹² Escala desenvolvida por Gomes *et al.*, (2006) para os professores portugueses. O instrumento avalia o nível global de estresse dos professores e sua fonte.

¹³ Versão traduzida e adaptada por Gomes *et al.* (2006) do “*Maslach Burnout Inventory*”.

De um modo geral, os dados mostram a natureza exigente e estressante da profissão professor, sendo que vale marcar que o conjunto de tensões exercidas sobre esses profissionais é bastante variada e distinta, com destaque para o comportamento dos alunos, objeto de sua atuação como profissional. “Perante estes dados pode questionar-se até que ponto o aluno, enquanto razão de ser da atividade docente, representa ele próprio a maior fonte de tensão e problemas para esta classe profissional” (GOMES *et al.*, 2010, p. 593). O estudo sinaliza a importância da realização de outras pesquisas de natureza qualitativa.

Na próxima seção, a partir de todos os dados estatísticos e epidemiológicos apresentados nessa, será feito um apanhado do que a bibliografia construída sobre o assunto já compilou, de modo a clarear a relação entre condições de trabalho e adoecimento da categoria profissional em estudo.

2.7 A saúde dos professores da rede particular de ensino

As pesquisas de caráter epidemiológico apresentadas nas seções anteriores demonstram de forma clara que o professor está adoecendo e chama atenção que esse adoecimento pode ser comparado às taxas de adoecimento de categorias profissionais consideradas altamente estressantes.

O trabalho de Murta (2002) aborda o sofrimento do professor como sintoma de um mal-estar na educação. Segundo essa autora, o sofrimento do professor está relacionado a um conflito entre os docentes e sua profissão, o que pode evidenciar um mal-estar mais profundo (Id.). A autora desenvolve a ideia compreendendo esse sintoma como uma solução de compromisso, que viabiliza a sua permanência na profissão; como uma maneira encontrada por esses professores para lidarem com seus conflitos e dilemas. Ela cita, em seu artigo, o que esse profissional relata a respeito do seu sentimento sobre a profissão:

Quando encontram uma oportunidade, e sentem que podem confiar na pessoa que os escuta, eles falam de si. Costumam dizer, de saída, que são felizes com a escolha de ser professor. Misturam as suas histórias pessoais com acontecimentos da vida profissional, história de seus filhos com as de seus alunos. Aos poucos, não raro, choram, contam de suas raivas, decepções e ressentimentos. Revelam uma outra face de sua vida de

professores: falam em *angústia, escuridão, doença, dor*. Descrevem o magistério como um lugar de sofrimento (MURTA, 2002, p. 1).

Pode-se afirmar que, de modo geral, o trabalho é fonte, ao mesmo tempo, de prazer e sofrimento e esses sentimentos são permeados pela organização do trabalho e pela história de vida de cada sujeito. Dejours (1994) faz reflexões acerca do trabalho que aponta um “paradoxo psíquico”: para uns, ele é fonte de equilíbrio, para outros causa de cansaço e sofrimento. Trata-se, para esse autor, de uma questão econômica. Se o trabalho proporciona uma descarga apropriada de energia psíquica acumulada, ele servirá como equilíbrio psíquico. Quando o trabalho funciona como uma barreira ao escoamento dessa energia, quando a energia pulsional não encontra possibilidade de descarga, ela fica acumulada, gerando tensão, desconforto e fadiga. “Ela fixa-se no corpo, num processo de somatização da carga psíquica acumulada, podendo desencadear graves perturbações” (MURTA, 2002, p.3). Dejours (1994) afirma então que é imperativo que o trabalhador tenha a possibilidade de fazer uma livre escolha do seu trabalho e de sua organização, que será mais adaptada às suas necessidades. No contexto do nosso trabalho, a escola pode e deve, promover um ambiente e uma organização do trabalho que seja fonte de prazer, de vida e de construção para o professor. Ela deve possibilitar que ele tenha voz e que seja ouvido em suas demandas, uma vez que as pessoas têm o direito de, pelo menos, falar de suas questões para que esse mal-estar, que toma conta da educação, possa ser acessado e o sintoma dele ser amenizado.

Silva *et al.* (2008) analisaram os sintomas, relacionados ao estresse e à Síndrome de *Burnout*. Relatam que a atividade do professor, na atualidade, é mais do que ensinar o conteúdo em sala de aula. Eles devem dar conta também do desenvolvimento psicossocial do aluno, entendendo os seus diferentes contextos sociais, suas necessidades e seus desejos, gerando um esforço que está além de suas habilidades técnicas. Eles são “doadores de cuidados”, devida à baixa participação da família atual no acompanhamento do desenvolvimento escolar dos filhos. Além disso, professores estão expostos a uma alta carga horária de trabalho, que vai muito além da sala de aula. Mesmo abarcando toda esta responsabilidade, há uma baixa desvalorização social da profissão.

Em sua pesquisa, Silva *et al.* (2008) classificam os agentes “estressores” em agentes externos e internos. Os primeiros incluem o mau comportamento dos alunos, pressões por razão de tempo, excesso de atividades, carga horária elevada, deterioração das relações com colegas de trabalho, desvalorização da profissão, dentre outros. Os agentes internos seriam pensamentos e emoções, antecedentes biológicos e psicológicos que estão na história particular de cada sujeito e que interferem na maneira como ele responde às situações que lhes são apresentadas. Alguns seriam mais vulneráveis por natureza e teriam sentimentos e respostas negativas à autocobrança, responsabilidade, baixa auto-estima, necessidade de controle, dentre outras.

Ainda segundo Silva *et al.* (2008), a associação desses fatores pode gerar o adoecimento do professor ao longo do tempo, culminando na Síndrome de *Burnout*, tão comumente observada nessa profissão. Esse processo pode levar, no entanto, décadas de trabalho até culminar na doença. Até a sua instalação, os professores lançam mão de estratégias de enfrentamento para dar conta da organização de trabalho. “[...] é possível notar que o professor termina a aula mais cedo, se isola do convívio com os colegas de trabalho e falta sistematicamente a algumas aulas” (SILVA *et al.*, 2008, p. 78). Os autores indicam ainda que, em geral, os professores mais jovens apresentam maiores riscos de apresentarem a Síndrome de *Burnout*, uma vez que a experiência dos mais velhos, oriunda do tempo de profissão, possibilita o aprimoramento de estratégias de *coping*¹⁴ diante das situações impostas pela instituição.

O artigo de Silva *et al.* (2008) afirma, ainda, que há uma ampla insatisfação dos professores com o seu trabalho, ratificada em diversas outras pesquisas acadêmicas, como as apresentadas na seção anterior. Grande parte desta insatisfação deve-se à desvalorização do papel do docente “que é causa e consequência de grande precariedade nas condições de trabalho de tais profissionais” (SILVA *et al.*, p.81). Os autores terminam o artigo fazendo um importante alerta sobre essa situação: “É importante refletir sobre como podem os professores serem considerados agentes de mudança em uma sociedade que cada vez mais lhes cobra e em paralelo, os desvaloriza” (op. cit., p.81).

¹⁴*Coping*: enfrentamento (tradução do autor dessa dissertação).

A sociedade, citada no artigo de Silva *et al.* (2008), traduz uma realidade vivida na atualidade: uma intensificação das ações que incluem não só o trabalho mas também as relações sociais.

No caso dos professores da rede particular, podem ser identificados dois fatores que contribuem para essa intensificação: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, que ampliou o ano letivo de 180 para 200 dias letivos, e uma relação nas escolas que se aproxima muito ao gerenciamento de indústrias e empresas, em que o aluno é o cliente e o professor, o empregado. O artigo *Desgaste e Violência na Sala de Aula*, publicado na revista Conteúdo do Sindicato dos Professores de São Paulo (SINPRO-SP), explicita sobre o assunto ao trazer que

Quando estudantes são tratados como clientes, que 'sempre têm razão', a dinâmica educacional fica comprometida e os professores, em especial, sujeitos a todo tipo de agressões e constrangimentos – tanto por parte dos alunos quanto por parte dos pais, como da própria direção dos estabelecimentos de ensino (SINPRO-SP, 2010, p. 48).

Os autores do artigo publicado pelo SINPRO-SP destacam que, a vontade dos professores em fazer bem o seu trabalho entra constantemente em conflito com as regras explícitas e implícitas da profissão, regras estas que têm como objetivo aumentar a “produção” e garantir a qualidade do ensino, como se estivessem lidando em uma indústria ou comércio, onde o poder econômico se sobrepõe à relação educacional. “Os professores ficam acuados porque podem ser demitidos a qualquer momento. Então, sofrem a violência calados” (SINPRO-SP, 2010, p. 46), comenta um professor, no mesmo artigo citado.

Um estudo de Assunção e Oliveira (2009) aponta uma intensificação da atividade do professor e o conseqüente impacto sobre a sua saúde. “Regulação, controle e avaliação por competências fazem parte das mutações do emprego e do trabalho industrial e chegam às escolas” (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p. 354). Esse estudo cita a declaração de uma professora que corrige as tarefas dos seus alunos dentro do ônibus, enquanto aguarda atendimento em alguma fila ou, até mesmo, na hora da “cervejinha”. Além disso, muitos professores trabalham em mais de uma escola para que possam aumentar a renda. Diante da excessiva carga de trabalho, acrescentada ainda às tarefas domésticas, o professor sofre e adocece.

A pressão do tempo é fator mencionado no estudo de Assunção e Oliveira (2009) como estando relacionado ao adoecimento do professor. As escolas devem cumprir o conteúdo didático em determinado número de horas semestrais ou anuais. Entretanto, muitas vezes, o volume desse conteúdo é muito extenso para ser cumprido dentro dos prazos do calendário letivo.

A intensificação diz respeito não somente à expansão e ao acúmulo de constrangimentos de tempo durante a realização do trabalho, mas também às transformações impingidas à qualidade do serviço, do produto e, de maneira global, do trabalho. Sob essa ótica, está embasada a intensificação tanto em termos qualitativos, caracterizado pelas transformações da atividade sob pressão temporal, quanto em termos quantitativos, relacionados ao aumento do volume de tarefas (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p. 354).

Com essa intensificação e controle do trabalho, medidas adequadas para a proteção da saúde são deixadas para o segundo plano. Correção da postura, proteção da voz e mesmo aspectos mais subjetivos, como a aproximação do aluno para o atendimento de suas demandas individuais, não têm lugar. O professor não pode conduzir a turma de acordo com suas características particulares, garantindo assim o seu melhor aprendizado, devido à pressão do tempo. O resultado disso, para o professor, é a sensação de um trabalho inacabado ou de um objetivo não alcançado. Por mais que ele se esforce, nunca consegue cumprir o seu objetivo, que ele considera ser a boa execução de seu trabalho. Assunção e Oliveira (2009) deixam claro essa realidade ao afirmarem que

É possível também que o modo operatório mais rápido implique abandonar investimentos em direção à maior aproximação do aluno e de suas necessidades, denotando perda de qualidade e sensação de trabalho inacabado ou objetivo não alcançado(...). Quando entrevistadas, as professoras referem uma espécie de culpa quando não é possível conduzir a sala como gostariam ou quando a meta estipula um cenário menos prazeroso do que aquele criado por elas em outra situação mais controladas por elas próprias (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p. 355 ; p. 362).

É conveniente apontar aqui, contudo, que essas medidas protetivas em si, não são suficientes se as questões básicas mostradas acima, que precarizam o trabalho do professor e que o fazem adoecer, permanecem.

O comportamento dos alunos é um dos fatores que mais desgastam o professor, segundo as pesquisas apontam. Ele está diretamente relacionado a outro fator, que

é a perda de reconhecimento da profissão. Fatores externos à apresentação do conteúdo didático colaboram para o desgaste da relação professor-aluno, tais como o uso do celular em sala de aula, a recusa no cumprimento de atividades propostas e a falta de valorização dos professores por parte dos alunos e de seus pais. Dados apontam para uma sensível diminuição no número de formandos nos cursos de licenciatura, refletindo a baixa valorização deste profissional. Assim, em um ambiente em que não há o reconhecimento da autoridade do professor, o comportamento deste aluno fica condicionado ao seu desejo e ao de seus pais. Isto acarreta um desgaste muito grande na relação entre professor e aluno. E como a maioria das instituições não toma para si, a responsabilidade de tratar essa questão, a saúde do trabalhador fica comprometida, como comentam Assunção e Oliveira (2009)

Fatores extra-escolares também modulam a atividade do trabalho. De acordo com os professores, os pais hoje valorizam mais a educação e são mais exigentes. Contraditoriamente, no entanto, valorizam menos os professores e têm menos tempo para acompanhar os seus filhos (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p. 357).

O estudo de Assunção e Oliveira (2009) aponta também a debilidade das relações entre colegas, diretores e familiares dos alunos e os professores. Todas as pressões sobre esses professores, descritas acima - temporal, carga de trabalho, falta de reconhecimento e mau comportamento dos alunos - acabam por arruinar o relacionamento desses profissionais com aqueles que os cercam no trabalho. Eles devem responder a uma diretoria que lhes cobra resultados, tanto quanto aos pais, que cobram dos professores pelo baixo desempenho de seus filhos. Professores também descrevem que sempre há certa competição entre os colegas da mesma disciplina por reconhecimento, entrega de resultados e aumento de carga horária para o semestre seguinte. O resultado de toda a pressão e intensificação é o adoecimento do professor.

Nas últimas décadas, os registros de licenças médicas por motivo de saúde na categoria dos professores, em diferentes países, identificam a maior prevalência de distúrbios mentais quando comparados com outros grupos de doenças comunicadas nas declarações médicas (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p. 354).

Faz-se necessário esclarecer, nesse momento, que as questões descritas até aqui dizem respeito a um processo amplo de precarização da atividade do professor, cujo resultado aparece em sala de aula, com o sofrimento do professor e o desgaste na relação com os alunos, seus pais e até a própria sociedade.

Não se poderia terminar essa seção sem antes mencionar o amplo estudo realizado por Codo (1999). O estudo, realizado pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (UnB), investigou 52.000 professores em 1.440 escolas espalhadas por todo o Brasil, durante dois anos e meio. Apesar de o estudo ter sido realizado na educação pública, considera-se que ele ajuda a entender questões da profissão, que podem ser reveladoras para o entendimento do adoecimento, tanto dos profissionais da rede pública quanto daqueles da rede particular, que são o objeto do presente estudo. Grande parte do livro, produzido pelo laboratório, é dedicada a estabelecer uma relação entre a atividade destes profissionais e a grande incidência da síndrome de *burnout* encontrada na categoria. A pesquisa que fundamenta o livro destaca que 48% dos educadores sofrem de algum sintoma de *burnout* e que um em cada quatro professores sofre de exaustão emocional.

Codo (1999), como já visto, analisa o trabalho do professor e suas características. O estudo pensa o educador a partir do que faz, sendo que a atividade do professor remete a aprendizagem do aluno, permeado pela afetividade, o que gera uma certa tensão entre subjetividade e objetividade. Isso se revela como uma característica bastante singular do trabalho do professor. Mostra uma tensão permanente entre afeto e razão, prazer e sofrimento no trabalho.

Nogueira (2012, p.507), referindo-se à ideia de Codo (1999), destaca que “o produto do trabalho do professor é o outro; os meios são ele mesmo e o processo se inicia e se completa em uma relação estritamente social e histórica, permeada pelo afeto, elemento tácito do trabalho”.

Codo (1999) descreve também que os educadores estão vivenciando uma crise em relação ao saber fazer: há uma defasagem entre o trabalho como deve ser feito e o realizado na escola. Além disso, faz uma reflexão sobre o educador esquecido, aquele profissional na escola que não é somente professor, mas que desempenha um papel na socialização e educação dos alunos, mesmo não fazendo parte de suas

atribuições formais, mas que é demandada a eles, para que seja possível o exercício da sua atividade. O professor assume um papel que, em princípio, deveria ser exercido pela família e não é valorizado por isso.

A pesquisa de Codo (1999) traz a dimensão do afeto bem como assinala que não são apenas as condições organizacionais que respondem pelo adoecimento do professor, mas a soma delas com suas características pessoais e a forma com que o trabalhador se percebe no ofício do seu trabalho. O livro termina diferenciando o ofício do professor do trabalho na fábrica. O produto do trabalho do professor é o outro e o seu trabalho, inalienável. Codo (1999), citado por Nogueira (2012) identifica, então, “o controle entre a razão e o afeto, as relações sociais de trabalho e a exigência de controle sobre o meio ambiente como três razões que levam o professor ao prazer ou ao sofrimento (*burnout*)” (NOGUEIRA, 2012, p.507 APUD CODO, 1999). *Desafetivar* o trabalho do professor significa expropriá-lo da possibilidade de significar prazer, levando assim ao sofrimento e ao adoecimento (CODO, 1999).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse capítulo será apresentado o percurso metodológico que norteou o desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa seguirá o paradigma qualitativo e as etapas desse percurso serão descritas a seguir.

A pesquisa bibliográfica e documental foi o ponto de partida deste trabalho. Na pesquisa bibliográfica começou-se por estudar a história da educação privada no Brasil. Era necessário também introduzir o conceito de trabalho e sua relação com a saúde do trabalhador. Para isso, autores clássicos das escolas francesa e brasileira foram consultados. Completando a pesquisa bibliográfica, são apresentados diversos estudos que tratam da saúde de professores da rede particular de ensino. Passou-se então, à pesquisa documental com pesquisas que evidenciam o caráter epidêmico do adoecimento dos professores da rede particular. Outros estudos feitos, tanto no Brasil como em outros países, foram incluídos com o objetivo de apontar que os professores da rede privada de educação estão adoecendo em níveis alarmantes e que propostas de intervenção se fazem necessárias.

O projeto de pesquisa foi, então, encaminhado e aprovado pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da PUC-MG, (CAAE 45899515.9.0000.513). Em seguida, deu-se início às entrevistas.

A partir da aprovação do CEP, começou-se a busca por sujeitos que nos ajudariam a responder a pergunta da pesquisa, a saber: qual a relação entre o sofrimento dos professores do ensino médio da rede particular de Belo Horizonte, sua trajetória de vida e as condições de trabalho a que estão submetidos? Para isso, iniciou-se por professores conhecidos do pesquisador que se dispuseram a ser entrevistados e, a partir desses sujeitos, foram indicados outros, que indicaram outros tantos. Assim, foram entrevistados seis professores. A escolha destes sujeitos seguiu o seguinte critério: eles deveriam trabalhar atualmente e, há pelo menos cinquenta por cento do tempo da sua carreira, como professor exclusivamente na rede particular de ensino. Ademais, deveriam ser professores exclusivos do ensino médio e não ter outra atividade profissional. A definição do número de sujeitos que fizeram parte do estudo seguiu o critério de saturação, que mais se adequa a esse estilo de pesquisa.

As entrevistas foram realizadas nas escolas em que os professores trabalham, em salas isoladas, nos intervalos entre as suas aulas. Todos leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da realização da entrevista, que foram gravadas e transcritas para posterior análise.

Optou-se por fazer entrevistas semi-estruturadas por julgar-se que elas servem melhor ao propósito de explorar tanto a trajetória profissional desses professores, como as condições de trabalho das escolas onde atuam, deixando espaço para que outras questões relevantes surgissem e que pontos poderiam ser mais pormenorizadamente explicitados. Acredita-se que, sem roteiros detalhados e racionais, pode-se chegar mais próximo à realidade do objeto pesquisado. Batista (2009) nos esclarece que essa estratégia

se traduz pelo direcionamento do olhar para aquilo que se pretende conhecer, deixando de lado as ideias apriorísticas, a seu respeito. Partindo do real, do concreto, trilhar o caminho fornecido pelo próprio objeto, até chegarmos, por fim, à construção de generalizações abstrações e do próprio método (BATISTA, 2009, p.19).

Essa autora de baseia nas concepções de Lima (2002) e Chasin (1995), que acreditam fazer mais sentido buscar a compreensão do objeto no percorrer do caminho que *a priori*. Este caminho é fornecido pelo próprio objeto e é nele que acontece o desvendamento de sua lógica.

O roteiro se divide em duas partes. Na primeira, que procura identificar o entrevistado, constam perguntas sobre sua idade, estado civil, filhos, formação, disciplina que leciona, tempo de profissão, tempo que leciona em escolas privadas e na escola atual, em quantas escolas trabalha e qual a carga horária oficial e a executada em casa. Na segunda parte da entrevista constam questões mais amplas, que procuram identificar, no primeiro momento, a trajetória de vida desse sujeito e o que o levou a ser professor. Acredita-se, baseando-se nas ideias de Le Guillant (2006), que a busca pela trajetória de vida do sujeito é essencial à compreensão do adoecimento. Segundo o autor, a doença só pode ser compreendida quando são levadas em consideração as condições de trabalho e de vida, bem como a história do sujeito pesquisado. (LE GUILLANT, 2006).

Após explorar essa parte da entrevista, passou-se à parte da sua atividade. Procurou-se esclarecer como é ser professor para aqueles sujeitos e mais ainda, como é ser professor na escola para a qual trabalha. Foi perguntado também, como novas tecnologias impactam em sua prática docente, como eles lidam com as adversidades do trabalho e onde identificam a maior carga psíquica e física. Eles também foram perguntados sobre a existência de uma organização política dos docentes, formal ou informal, dentro da escola e como eles se organizam para reivindicar melhorias para as condições de trabalho. Para finalizar, foi perguntado como seria para eles ser um professor realizado em uma escola ideal. Nesta segunda parte, as perguntas descritas acima, que serviram como um guia, sempre foram entremeadas por outras que se faziam necessárias para que algum ponto fosse explorado mais a fundo.

O passo seguinte foi a análise do conteúdo das entrevistas. No campo da produção científica, nas ciências sociais e na psicologia, há crescente interesse pela análise do conteúdo como técnica de análise de dados. Sua importância é cada vez maior e tem evoluído em virtude da preocupação com o rigor científico e a profundidade das pesquisas. Foi tomada como referência a obra de Bardin (2009), que define a análise de conteúdo como sendo “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação” (p. 18). Posteriormente, essa autora passa a definir a análise do conteúdo como um conjunto de técnicas de análise de comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens e indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A princípio, pode-se afirmar que a análise de conteúdo é uma técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, que tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição de categorias de análise. Para isso, disciplina, perseverança e rigor são essenciais (FREITAS, CUNHA, MOSCAROLA, 1997). Assim, a partir de uma leitura sistemática das entrevistas, puderam ser estabelecidas categorias como a relação dos profissionais com os alunos, pais e diretoria, precariedade das condições de trabalho, pressão

pelo cumprimento de prazos, dentre outras. Dessa forma, pôde-se aprofundar sobre a visão e a interpretação que os entrevistados têm da realidade estudada e as representações estabelecidas para o fenômeno.

A fim de se compreender mais profundamente a questão proposta: a saúde mental dos professores da rede particular de Belo Horizonte e a sua relação com o trabalho, foi feita uma série de entrevistas com alguns professores voluntários. Após, foi realizada a apreciação de seis entrevistas, que foram analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo, como apresentado na seção que descreve o percurso metodológico. A análise de conteúdo, segundo Silva (2013), compreende algumas etapas, a saber:

- A- Leitura geral das entrevistas;
- B- Formulação de categorias de análise;
- C- Recorte do material, em unidades de registro comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico;
- D- Agrupamento das unidades em categorias comuns;
- E- Interpretação em conjunto com o referencial teórico.

Após leitura sistemática de todas as entrevistas, foram formuladas algumas categorias iniciais, sem preocupação inicial de agrupamento. Conforme a leitura das entrevistas era feita, conceitos gerais se destacavam e estão listados no quadro abaixo.

Categorias Iniciais
1 - Escolha da profissão
2 - Resposta da família
3 - A profissão/O que é ser professor
4 - Relação com os alunos
5 - Cobrança por prazos
6 - Cobrança por resultados
7 - Redução de carga horária
8 - Possibilidade de demissão

9 - Falta de autonomia para a realização do trabalho
10 - Questões de saúde relacionadas ao trabalho/sintomas
11 - A escola ideal
12 - Organização dos professores como categoria de trabalhadores
13 - Atividades extra classe
14 - Excesso de burocracia
15 – Aluno-cliente
16 - Novas tecnologias
17 - Transferência da educação: dos pais para a escola
18 - Relação entre o professor e a direção e coordenação
19 - Vontade de permanecer na profissão
20 - Desvalorização da profissão

Figure 5: Formação das categorias iniciais

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

As categorias iniciais foram criadas com base nas escolhas do pesquisador, durante a leitura das entrevistas. Note-se que toda escolha tem algo de arbitrário e de risco, pois a análise qualitativa comporta uma dimensão de subjetividade. No entanto, esse risco é inerente a esse modelo de investigação. Posteriormente, as categorias foram aglutinadas em categorias finais, segundo alguns conceitos norteadores e de acordo com sua afinidade de sentido, conforme a figura abaixo.

Categorias Iniciais	Conceito Norteador	Categoria Síntese
Escolha da profissão	Aponta as influências que levaram o professor a escolher a profissão.	História: passado e futuro
Resposta da família	Indica qual a reação da família diante da escolha profissional.	
Vontade de permanecer na profissão	Relata se o professor pretende continuar ou mudar de profissão.	

Figure 6: Formação da categoria final: história: passado e futuro

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

As categorias *escolha da profissão e resposta da família* serão exploradas como a história que levou o sujeito da pesquisa a ocupar o lugar de professor hoje. A categoria *vontade de permanecer na profissão*, foi aglutinada na categoria final História: passado e futuro, porque ao longo das entrevistas, alguns entrevistados relataram ser professor como um sonho, um desejo de infância. Foi interessante, para a pesquisa e para a análise, comparar como um desejo de infância, ao se deparar com a realidade da profissão, se projeta para o futuro.

A próxima figura evidencia a criação da categoria *profissão*. Nesta categoria, são discutidas questões da profissão em geral, como a falta de autonomia, a desvalorização social, dentre outras. A sua formação surgiu conforme mostrado abaixo.

Categorias Iniciais	Conceito Norteador	Categoria Síntese
A profissão	Indica o que é ser professor para aquele profissional.	A profissão
Falta de autonomia	Salienta a falta de autonomia de trabalho que os professores enfrentam.	
Questões de saúde relacionadas ao trabalho/sintomas	Aponta os sintomas e questões de saúde relacionadas ao trabalho dos professores.	
Desvalorização social da profissão	Evidencia a falta de valorização social percebida pelos professores.	
Redução de Carga Horária	Relata a possibilidade de redução de carga horária sempre presente no	

	horizonte dos docentes.	
Possibilidade de demissão	Denuncia a possibilidade de demissão no final de cada ano letivo.	
Organização dos professores como categoria de trabalhadores	Indica a presença ou ausência de uma organização formal dos professores que os representaria dentro das escolas.	

Figure 7: Formação da categoria final: a profissão

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

A próxima figura mostra como surgiu a terceira categoria de análise. Ela trata da relação entre o professor e os alunos, bem como da relação com a diretoria e coordenação da escola. Ela está detalhada a seguir.

Categorias Iniciais	Conceito Norteador	Categoria Síntese
Relação entre o professor e a direção e coordenação	Salienta as dificuldades e questões na relação do professor com os seus superiores.	Relações
Relação com os alunos	Relata os pontos de conflito na relação dos professores com os seus alunos.	
Aluno cliente	Evidencia como o aluno é visto como um cliente pela instituição de ensino e como esta relação interfere no trabalho do professor.	

Transferência da educação: dos pais para a escola	Relata o processo de transferência de educação como responsabilidade da família para os professores.	
---	--	--

Figure 8: Formação da categoria final: relações

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

A última categoria de análise trata das questões de pressão que os professores vivem no seu dia a dia de trabalho. Ela foi composta conforme é mostrado abaixo.

Categorias Iniciais	Conceito Norteador	Categoria Síntese
Cobrança por prazos	Descreve a pressão que os professores têm para entregar demandas da escola em prazos determinados.	Pressão no trabalho
Cobrança por resultados	Explicita a cobrança da escola sobre os professores para que os alunos tirem boas notas nos exames de admissão das universidades.	
Atividades Extraclasse	Evidencia a quantidade de atividades fora de sala de aula que os professores devem executar.	
Excesso de burocracia	Discute o trabalho de preenchimento de formulários e outras demandas burocráticas.	

Novas tecnologias	Explora a que ponto as novas tecnologias impactam o trabalho dos professores.	
-------------------	---	--

Figure 9: formação da categoria final: pressão no trabalho

Fonte: elaborado pelo autor da presente dissertação, 2016.

A análise do conteúdo das entrevistas foi confrontada com os dados quantitativos coletados durante a pesquisa documental. A partir desses elementos, pôde-se fazer uma análise do trabalho desses professores. Desse modo, espera-se ter tido elementos suficientes para pensar quais pontos da atividade e da realidade do trabalho, associados à subjetividade individual que cada trabalhador traz em sua história, podem se juntar para produzir sofrimento, desgaste e doenças. Essa análise será apresentada a seguir.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A partir das quatro categorias finais - História, A Profissão, Relações e Pressão no Trabalho – foi feita a análise do conteúdo das entrevistas, tentando articular a fala dos professores ao referencial teórico que embasa o estudo. Nem todos os professores desenvolveram de forma significativa todas as questões presentes nas categorias. Alguns falaram sobre assuntos pontuais, para os quais não foi criada uma categoria. É importante ressaltar que não foram entrevistados somente professores que estavam adoecidos ou que relatavam sofrer por razão do trabalho. Foi rico para a pesquisa fazer um contraponto ao investigar aqueles que estão realizados e identificados com o trabalho, apesar de relatarem queixas em alguns pontos.

A análise foi feita por categoria e por entrevista de cada professor separadamente. Apreciando-se a História de cada professor, a Profissão, na percepção de cada entrevistado e assim por diante. Após esse momento foram articuladas as ideias gerais de cada categoria. Os professores foram identificados com nomes fictícios criados pelo autor dessa dissertação e suas falas estão em destaque como forma de respeito às suas manifestações.

A seguir, será apresentada a análise das entrevistas, começando-se pela categoria História.

4.1 História: passado e futuro

Nessa categoria foi analisado o que na história de vida de cada entrevistado, o levou a escolher a profissão. Cada um deles foi questionado sobre as influências que teve, bem como outros fatores decisivos para a sua escolha. Será discutido também se, depois dessa trajetória, ainda desejava permanecer na profissão e como projetava o futuro.

Professora Luana

A professora Luana, hoje, trabalha em uma escola apenas e tem uma carga horária de 15 horas por semana, lecionando para o ensino médio. É solteira, não tem filhos e mora com amigos.

A entrevistada tem ambos os pais professores. Ela relata, que quando criança, acompanhar a mãe até a escola, passando o dia observando a mãe no seu ofício. Admirava a profissão dos pais e se encantava brincando de ser professora. Os pais, no entanto, sempre a desencorajaram a seguir a carreira deles. Falavam que ela deveria trabalhar em profissões que dessem retorno financeiro, como medicina, direito ou engenharia.

Na adolescência, a professora relata querer ser jornalista, nutricionista ou professora de matemática. Ocorre que, aos 17 anos, após um programa de intercâmbio em que ficou um ano morando no México, se encantou com a língua e voltou decidida a fazer letras. Fez o vestibular sem o apoio dos pais, entrou para a universidade, formou-se em letras e relata ter gostado muito. A professora também cursou alguns semestres de publicidade e propaganda, sem ter concluído o curso.

Durante a faculdade, Luana trabalhou como professora de espanhol, em cursos livres de idiomas. Aos 23 anos, fez um processo seletivo em uma escola particular de Belo Horizonte. Foi admitida e desde então trabalha em escolas regulares particulares, lecionando espanhol para alunos do ensino médio.

Marx (1998) aponta que ao produzir, através de sua atividade, o trabalhador vê a si mesmo em seu produto, em seu trabalho. A professora declara gostar da sala de aula, de lecionar e que não se imagina em outra profissão ou fazendo outra atividade. Desde que começou a estudar espanhol encantou-se pela língua. É assim que se coloca no mundo e, ao produzir, ensinando a língua e sobre a cultura para onde aponta o seu desejo, ela se reconhece no trabalho.

Professor Danilo

O entrevistado está trabalhando há 10 anos em escolas particulares e leciona para o ensino médio. Atualmente, tem uma carga horária de 27 horas semanais. É solteiro, não tem filhos e mora com os pais.

O professor Danilo conta que na infância não se recorda de ter afinidade com nenhuma profissão ou ter sido influenciado a seguir nenhuma carreira. Os pais eram comerciantes e o professor diz não ter tido influência deles na escolha da profissão. Atualmente, os pais se orgulham de ter um filho professor. Ele afirma que sua escolha pela profissão foi por afinidade com a disciplina, História. Na família, há professores de História e ele relata ter sido influenciado por eles. No entanto, conta que os pais desejavam que ele tivesse outra profissão. Quando fez vestibular, não tinha muito claro na cabeça, mas olhando retrospectivamente, sempre quis ser professor e hoje percebe que gosta de falar e dividir com outras pessoas sobre o que aprende. O professor fez alguns períodos do curso de Letras também, sem concluí-lo. Esse professor declara que, se tivesse outra chance, não mudaria de profissão.

Professora Eduarda

A professora Eduarda trabalha em escolas particulares há 30 anos. Ela trabalha atualmente em uma escola particular, lecionando Geografia para alunos do ensino médio, tem uma carga horária de 27 horas e ainda tem um cargo administrativo na mesma escola. Eduarda é divorciada, não tem filhos e mora sozinha.

A professora conta que vem de uma família muito simples do interior, os pais tinham baixa escolaridade e suas atividades eram ligadas ao meio rural. Quando criança, brincava de ser professora, de sala de aula. Eduarda revela que precisava trabalhar desde cedo e que, já quando estava cursando o ensino médio, dava aulas de reforço escolar para alunos menores. No ensino médio cursou magistério. Fez vestibular para Geografia e quando contou à família que havia sido aprovada, não obteve nenhum incentivo. Eles queriam que ela trabalhasse para ajudar nas despesas da casa. Então, durante toda a graduação, já dava aula em instituições particulares e

continuava com as aulas de reforço escolar. A escolha do magistério foi por uma necessidade financeira, de família. Ela conta:

"trinta anos atrás, você ainda via o magistério como alguma coisa que podia te colocar no mercado de trabalho rápido. O magistério sempre me possibilitou trabalhar e estudar ao mesmo tempo."

Eduarda fala que, apesar da escolha ter sido por uma necessidade, hoje ela se sente no lugar certo. Ela gosta de lidar com pessoas, de ler, gosta muito do contato com os alunos em sala de aula e adora a disciplina que leciona. Também diz que:

"se eu pudesse tirar muita coisa da escola, eu continuaria, talvez, dando aula por tempo infinito."

E conclui:

"Eu só aguento todas as tarefas que a escola tem porque a sala de aula me dá o retorno que eu quero ter. Essa troca é a minha energia. O professor que detesta tudo na escola, a sala de aula, lidar com o outro (...) vai sofrer a vida inteira."

A professora conta que muito do que ela divide com os alunos fez falta na sua própria infância e adolescência. Com eles, ela sente ter uma segunda oportunidade de reviver esse período, que não pôde viver na época por estar trabalhando e estudando. Aqui, podemos ver que, para a professora Eduarda, o trabalho pode servir como um recurso terapêutico. Vemos que o trabalho pode ser fonte de vida como relata Lima (1998) quando, ao trazer sobre a Psicodinâmica do Trabalho de Dejours (1987), nos esclarece que a relação entre a organização do trabalho e o homem não é um bloco rígido, mas está em contínuo movimento. Ora, pode ser prejudicial ao trabalhador trazendo-lhe sofrimento e doenças, ora pode lhe ser fonte de saúde e vida. No caso da professora entrevistada, ela parece ressignificar uma infância e adolescência não plenamente vivida por meio do seu trabalho, na relação com os seus alunos.

Eduarda pensa que o fato de não ter uma família, de não ter que se preocupar com filhos, faz com que ela tenha uma carga psicológica e física a menos e assim consiga dar conta da carga de trabalho mais facilmente. Ela não deixa de fazer atividades que lhe dão prazer para realizar tarefas da escola, como explana:

"Eu sou o tipo de pessoa que, se eu tiver que virar a noite num show e dar aula no outro dia às 7 da manhã, eu dou. Eu acho um absurdo passar madrugadas fazendo e corrigindo provas e não fazer o mesmo para uma coisa que me dá prazer. A maioria das pessoas deixa de fazer tudo o que gostam porque a escola já consome o tempo todo."

Professora Alice

A professora Alice trabalha hoje em uma escola particular com uma carga horária de 24 horas por semana, lecionando para o ensino médio e ainda acumula um cargo burocrático de 6 horas por semana. Ela é solteira, não tem filhos e mora sozinha.

A entrevistada morou no interior até os seus 19 anos, quando veio para Belo Horizonte para estudar. Ela veio de uma família de professores em que a mãe e vários tios eram professores. No entanto, revela que a mãe não a influenciou a ser professora. Gostaria que fizesse um curso, em suas palavras, "mais prestigiado", como medicina ou direito. Ela diz ter cogitado estudar direito, arquitetura, filosofia e história. Chegou até a prestar vestibular para Direito, mas decidiu não fazer o curso, porque gostava muito de literatura. Então resolveu juntar o desejo com a necessidade de trabalhar e cursou Letras. Segundo ela,

"gostava muito de ler e era a chance que eu encontrei de sair de casa e começar uma vida nova. Talvez um caminho até mais curto, um curso menos concorrido. Não foi só por isso, eu juntei as duas coisas."

Ela diz que sempre conciliou o estudo com o trabalho e que, na sua percepção, era a necessidade caminhando junto com o desejo mesmo. Em determinado ponto, afirma que sempre quis dar aula.

A professora conta que hoje, se pudesse, mudaria de profissão, apesar de considerar que não tem talento para outra carreira. Ela confessa:

"mas se alguém me dissesse para ficar seis horas por dia batendo carimbo em troca de um salário melhor eu acho que iria. (...) se caísse no meu colo, é lógico que iria."

A despeito de querer abandonar o magistério, ela afirma que o trabalho, apesar de considerar muito pesado, a alimenta. De acordo com ela,

"é estranho porque me exaure, me cansa, mas o resto da vida está tão 'fodido' que isso acaba sendo a saída."

Professora Laura

A professora Laura hoje trabalha em uma escola particular para o ensino médio e tem uma carga horária de 10 horas semanais. Ela é casada, está grávida do primeiro filho e tem 36 anos.

Os pais da entrevistada são professores, mas ela nunca quis ser. Considerava a profissão muito trabalhosa, por ver seus pais trabalhando muito. Ela os admirava, mas não queria ter a profissão deles. Queria seguir a profissão do avô, que era jornalista. Por sempre estudar espanhol e ser boa aluna, foi convidada a dar aulas de espanhol em um curso de idiomas. Aceitou o emprego para ter como pagar o curso preparatório para o vestibular. Relata que dar aula a atraía, porque poderia conciliar emprego e estudo. Chegada a época de se inscrever para o vestibular, a mãe, contrariamente ao pedido de ser feita a inscrição para Comunicação Social, fez a inscrição para Letras. A professora foi aprovada no vestibular e começou a fazer o

curso de Letras. Entretanto, sua intenção era pedir transferência para outro curso, Comunicação Social. Mas, segundo ela,

"quem dá aula uma vez, vai dar aula o resto da vida. Foi o que aconteceu. Passei no vestibular, comecei a fazer Letras e achei o curso muito interessante."

A professora relata ainda que, se pudesse, mudaria de profissão:

"mudaria agora. Agora, nesse momento. Já! Já! Sem pensar duas vezes. (...) Eu ainda não mudei por essas questões: financeira e por comodidade, falta de vergonha na cara mesmo, eu acho. Mas o meu sonho é mudar de área."

Professora Isabela

A professora Isabela tem 38 anos, é solteira, não tem filhos e mora com os pais. Ela trabalha em uma escola particular, lecionando para o ensino médio, tendo uma carga horária semanal de 18 horas. O pai é radialista e a mãe, dona de casa.

Ela conta que decidiu estudar Letras e ser professora porque desde a infância gosta muito de inglês. Ao falar com os pais a respeito da carreira que gostaria de seguir, foi bastante desencorajada. Eles gostariam que ela fizesse Medicina. Ela não se dobrou às vontades dos pais e cursou Letras. Hoje, a professora conta que a mãe tem muito orgulho da profissão da filha e que a parabeniza por trabalhar em uma escola particular famosa na cidade.

A entrevistada escolheu a profissão por gostar de inglês e, em determinado ponto da entrevista, reforça isso, ao dizer:

"eu recebo muitos autores de livros. Adoro porque aí eu pratico meu inglês. Adoro."

Logo quando estava dominando o idioma, após alguns anos de estudo, foi convidada a dar aulas numa pequena escola e este fato a ajudou a tomar sua decisão de ser professora.

A professora Isabela está decida a mudar de profissão. Confessa, em determinado ponto da entrevista, que deveria ter feito Medicina. Hoje, está fazendo uma outra graduação em Comércio Exterior e diz que está gostando muito.

4.1.1 Considerações sobre a categoria História: passado e futuro

Segundo Le Guillant (2006), a dimensão psicológica particular de cada sujeito, presente em sua história, aliada ao ambiente social em que ele está inserido, está intrinsecamente ligada à doença mental e ao seu sofrimento. A história dos sujeitos pesquisados não foi minuciosamente investigada por questões de tempo e disponibilidade dos professores. Para tal, seria necessária outra metodologia, a da História de Vida, o que não é a proposta da pesquisa.

Os professores foram questionados sobre a história da vida profissional e sobre as influências que tiveram durante a sua jornada até serem professores. Essas informações são importantes pois quando somadas às outras questões, certamente ajudam a compor o quadro que configura o trabalho como fonte de adoecimento e sofrimento desses profissionais e também fonte de prazer e identificação para outros.

Quando debruça-se sobre a leitura atenta das entrevistas, mais especificamente da categoria *História: passado e futuro*, nota-se que três entrevistados relatam ter sempre sonhado ou querido ser professores desde a infância. Eles são os professores Luana, Danilo e Eduarda. Os três optaram por serem professores por afinidade com a matéria que lecionam e nenhum deles, ao projetar o futuro, largaria a profissão. Eles estão com saúde e conseguem se colocar na vida por meio do seu trabalho. O exemplo da professora Eduarda, como foi relatado anteriormente, ajuda a ilustrar que o trabalho, segundo Schwartz (1996), pode transformar um estado de angústia em um produto que traz satisfação.

As professoras Alice e Laura afirmam que não sonhavam ser professoras e a entrevistada Isabela não relata nada sobre esse fato. As professoras Alice e Laura contam que a escolha da profissão era um caminho mais curto para uma independência financeira e a professora Isabela diz ter escolhido a profissão por afinidade com a matéria. As três confessam querer abandonar a profissão. Nota-se, pela análise da fala das três, que existe claramente um mal-estar em relação ao trabalho sendo que, duas delas relatam estarem doentes.

Todos, à exceção do professor Danilo, relatam ter visto na profissão de professor, um caminho para uma independência financeira mais rápido. Todos já lecionavam antes de se formar, alguns mesmo antes de entrar na faculdade. Pode-se acreditar que nenhum dos entrevistados, à exceção da professora Eduarda, escolheu ser professor sem hesitar, com plena certeza de que estava escolhendo a profissão correta. Todos chegaram a estudar outros cursos durante algum tempo ou cogitaram muito fortemente em fazê-lo. Deve-se levar em conta que o jovem, no Brasil, é quase obrigado a escolher sua profissão, por volta dos 18 anos. Com isso, não é de se esperar que ele tenha plena certeza de sua escolha. Acontece que, ao longo da vida profissional, alguns parecem ter se identificado mais com suas profissões do que outros e não desejam abandoná-la, apesar das dificuldades. Conseguem ultrapassar a barreira do que é contratado e o trabalho passa a ter uma função positiva na vida, como afirma Clot (2006), o trabalho passa a ter uma função psicológica, é a objetivação da subjetividade humana.

Todos relatam que não tiveram apoio da família ao escolher a profissão, à exceção da professora Laura. A maioria das famílias desejava que eles tivessem escolhido profissões que lhes dessem mais reconhecimento social e retorno financeiro. Alguns conseguiram assumir e viver o seu desejo profissional em sua plenitude. Outros parecem não conseguir bancar a sua escolha, narrando que deveriam ter seguido o desejo da família.

4.2 A profissão

Nessa categoria, pretende-se extrair da fala dos professores, as percepções acerca da profissão em si: como é ser professor, as dificuldades que encontram e como lidam com elas. Aglutinaram-se nessa categoria: a profissão, a falta de autonomia, os sintomas/questões de saúde, a desvalorização da profissão, a redução de carga horária, a possibilidade de demissão e a presença de uma organização formal dos professores.

Professora Luana

A professora Luana diz que adora ser professora, dar aula, conviver com os colegas. Ela declara, porém que, a parte burocrática da profissão a estressa bastante. Segundo ela,

"preencher diário, montar prova, fazer prova de segunda chamada, isso me deixa louca, me deixa completamente estressada."

Ela fala também da falta de autonomia da profissão. Por se tratar da aula de língua estrangeira, ela gostaria de fazer aulas mais culturais e práticas, com as quais os alunos pudessem aprender de forma mais lúdica. Acontece que, a direção da escola não permite e ela sente que a aula fica engessada. Com isso, a professora sente que não pode realizar o seu trabalho como seu desejo, calcado na sua experiência de como um bom trabalho funcionaria, sendo impedida de realizar o seu trabalho. Clot (2010) fala que uma das causas de sofrimento no trabalho está no conceito de atividade impedida, referida por ele como um trabalho bloqueado, que impede o confronto do indivíduo com os riscos e desafios da atividade, das demandas reais da atividade. Bendassolli (2011) esclarece as ideias de Clot, quando afirma que

O que faz sofrer e adoecer, insiste Clot, é a atividade impedida, o fato de o sujeito desejar trabalhar malgrado tudo, e não poder. É o sujeito da ação que adoecer no trabalho, sujeito impedido de 'passar ao ato', de agir, de transformar o objeto da atividade conforme suas pré-ocupações, ou seja, desejos, objetivos, motivos (BENDASSOLLI, 2011, p. 86).

Luana conta ainda que, durante o ano letivo, principalmente no segundo semestre, há sempre uma tensão com relação à diminuição de carga horária e demissão. Há sempre conversas de corredor do tipo: "cabeças vão rolar. Esse papo é muito irritante, ele é estressante, deixa todo mundo tenso". Ela admite que não há uma organização política dos professores que pudesse fazer frente a essas atitudes ameaçadoras da diretoria.

A professora fala que já teve alguns episódios de depressão mas não sabe dizer se estão associados ao trabalho.

Professor Danilo

Uma das questões que estressam o entrevistado é a falta de autonomia. Segundo ele, regras são estabelecidas e os professores não são consultados e não participam das suas formulações. Ele esclarece que

"o prazo de corrigir a prova é de 'x' dias. Nunca me perguntaram. Quem decidiu isso? Como pode decidir isso sem se preocupar com pelo menos um professor qual seria esse prazo?"

Os professores, segundo Danilo, não discutem os critérios do trabalho. Bendassolli (2011) expõe as ideias de Clot (2010) sobre a saúde no trabalho, ao afirmar que

Clot (2010) defende que a discussão sobre o que constitui um trabalho bem feito é condição fundamental para a saúde no trabalho, para que este último cumpra o seu papel de operador do desenvolvimento psicológico. A impossibilidade de discutir tal qualidade produz um sentimento de insignificância nos sujeitos (seus planos, desejos e aspirações) e aquilo que são obrigados a realizar, uma atividade prescrita pela organização, vazia de significado (BENDASSOLLI, 2011, p. 84).

O entrevistado fala que sente falta de ser agente do seu trabalho, que a instituição, em certa medida, lhe tira a autoria de seu trabalho. Outro autor que defende a participação dos trabalhadores nas decisões relevantes ao trabalho é Ivar Oddone (2005). Para ele, para que o meio de trabalho possa ser transformado em benefício do homem, o trabalhador deve ser convocado a dizer sobre a sua experiência. Isso o

entrevistado parece se queixar ao afirmar que decisões e comandos são adotados sem ouvir aquele que faz.

Outro fator de incômodo para o professor Danilo é a possibilidade de redução de carga horária. Ele conta que sempre há essa possibilidade:

"(...) está tenso aí com a possibilidade de reduzir alguma aula e que eu não vejo o porquê."

Ele compara essa questão com outras profissões, em que não há essa insegurança:

"Não é que eu vou ser mandado embora, é que eu vou ganhar um pouco menos. Os outros trabalhos eu acho que é raro ter isso."

O professor admite que não há uma organização dos professores. Qualquer questão que tenham, devem tratar individualmente com a direção. Todas essas questões o deixam muito ansioso. Essa ansiedade diz ser um traço dele, mas o entrevistado consegue fazer uma conexão entre o trabalho e seu mal estar:

"eu acho que o trabalho pode disparar a minha ansiedade".

Professora Eduarda

A entrevistada já trabalhou em escolas em que o professor se sente vigiado o tempo todo, onde a coordenação entra em sala para assistir a aula e outras chegam a colocar câmeras em sala de aula. Ela reconhece que na escola em que trabalha atualmente, sente ter um certo grau de autonomia para trabalhar. Contudo, esclarece não há uma vigilância explícita, como em outras escolas, mas que

"aqui (na escola onde trabalha) você está sendo vigiado o tempo todo e você não percebe, mas sabem de tudo o que acontece."

Eduarda fala sobre a desvalorização social do professor. Segundo ela, o professor é o alicerce de tudo e não é reconhecido como tal. Ela acrescenta:

"até os alunos daqui não admitem fazer uma licenciatura. Eles falam: e eu vou viver de quê? Na visão de todos, ganhamos uma miséria, vivemos uma vida muito sacrificada, nunca que eles vão querer ser professor. Então, na verdade, agente passa essa imagem. A sociedade não valoriza o professor como deveria, como esteio, como alicerce, como aquele profissional que, na formação de todos, ele veio primeiro."

A professora reconhece porém, que muitos alunos ainda têm o professor como referência, que é alguém que está falando a verdade para eles, lhe pedem opinião e confiam.

A entrevistada conta que na escola em que trabalha não existe uma organização formal dos professores. Ela ainda acrescenta que a escola sempre antecipa um aumento salarial superior ao acordado com o sindicato dos professores. Isso, segundo ela, é uma maneira de fazer com que os professores não se manifestem, não participem de um movimento de reivindicação de mudanças.

Professora Alice

A professora diz, em sua entrevista, que fica apavorada ao pensar que tem que passar ainda mais trinta anos em sala de aula, para se aposentar. Ela se angustia, como demonstrado em sua fala:

"Eu acho que não tenho resistência mesmo para isso não, mas ao mesmo tempo, eu não sei o que colocaria no lugar."

Ela conta que se sente cansada mentalmente e fisicamente, mas nunca foi diagnosticada ou reconheceu ter alguma doença relacionada ao trabalho. Ela faz análise há três anos e fala que isso a ajuda a lidar com a pressão no trabalho.

Professora Laura

A professora Laura afirma que, se pudesse, não pisaria em uma sala de aula nunca mais. Ela está extremamente desiludida com a profissão e atribui grande parte dessa desilusão à desvalorização da profissão. Logo no início da entrevista, ela já fala:

"Não tem respeito mais. Professor, hoje, não é nada. A gente não é nada em nenhum sentido, nem financeiramente nem em termos de respeito."

Ela completa ainda:

"Ser professor, na minha opinião, é uma das piores profissões que tem. Porque se você tem uma profissão, você pode não ser bem remunerado, mas se você é feliz, se você é reconhecido, se você é bem tratado, está bem, está ótimo. Mas a gente não tem nada de positivo. Eu não consigo citar uma coisa de positivo em ser professor hoje."

O que vive a professora, segundo Bendassolli (2011): "Trata-se de um sofrimento moral, na medida em que o sujeito não é reconhecido como um sujeito moral – e isto, em parte, pelo fato de engajar-se em um trabalho não valorizado socialmente" (p.74).

Além da desvalorização social da profissão, a entrevistada fala de desrespeito por parte dos alunos e baixa remuneração.

Laura conta que teve diversos problemas de saúde que atribui ao trabalho. Devido à alimentação irregular que é obrigada a ter por ficar se deslocando entre uma escola e outra, ela ganhou muito peso. Ela reclama:

"para conseguir completar a minha carga horária e ter um salário que seja suficiente para pagar as minhas contas, (...) eu tenho que trabalhar em tudo quanto é horário possível e imaginável que apareça."

Com isso, ela desenvolveu diabetes e pressão alta. A professora também teve depressão e síndrome do pânico. Segundo ela,

"começava a tremer do dedo do pé ao último fio de cabelo, dar saltos do sofá como se estivesse morrendo, falta de ar, coração na garganta, sensação de morte. Eu achava que estava morrendo."

Ela foi acompanhada por um cardiologista e um psiquiatra durante dois anos. Depois de passar pelo tratamento, fez algumas modificações na vida como mudar para uma casa, criar cachorros e mudar a sua atitude diante do trabalho. Ela fala que não se deixa mais afetar por prazos e pressões, a não ser que eles façam sentido para ela.

A entrevistada relata que uma das atitudes que a ajudaram a se livrar da doença foi o afastamento da relação com os alunos. Hoje, pensa que

"o problema é dele (aluno), que isso vai voltar pra ele, e que eu não tenho que ficar abraçando o mundo ou carregar a responsabilidade da educação dele ou do futuro dele nas minhas costas. Eu tinha essa visão, que o professor tinha esse papel (...). Hoje em dia eu não faço isso mais. Eu faço o que a escola manda e o resto que fique por isso mesmo."

Ela conta que dessa maneira tem funcionado e que se sente bem melhor.

A partir do discurso da professora Laura pode-se inferir a presença de sintomas de despersonalização, típicos da Síndrome de *Burnout*. A professora descreve como é apontado acima, de forma muito clara, os três componentes que, segundo Codo (1999) caracterizam a Síndrome de *Burnout*, a saber: (1) Exaustão emocional, em que o profissional descreve um esgotamento da energia, consequência de uma tentativa de lidar com os problemas no dia a dia do trabalho, (2) Despersonalização, que se caracteriza pelo desenvolvimento de um certo cinismo em relação às pessoas do trabalho, em conjunto com um endurecimento afetivo e desenvolvimento de atitudes e sentimentos negativos e (3) Falta de envolvimento pessoal no trabalho, evidenciando um distanciamento das tarefas e uma reação de evitar a realização das atividades relacionadas ao atendimento ou contato com as pessoas daquele ambiente.

A professora fala que hoje não toma mais medicamentos para depressão, síndrome do pânico e pressão alta. Permanece o desejo de abandonar a profissão.

Professora Isabela

A professora Isabela diz que não está satisfeita com a profissão e já está no caminho para seguir outra carreira. Ela está cansada da pressão da profissão e se sente ameaçada o ano todo de perder o emprego. Ela admite não existir uma organização dos professores e complementa:

"Corredor. Conversinha de corredor. Ninguém tem coragem de se expor porque tem medo de perder o emprego. Aqui você está sozinha."

Ela sente a falta de autonomia para trabalhar e conta que, quando se dispõe a fazer uma atividade fora dos padrões da escola, é repreendida. Ela relata que, em certa ocasião, realizou uma atividade fora de sala e, segundo ela,

"tem câmera pra tudo quanto é lado, subiu até o diretor pra saber o que estava acontecendo."

Ela reclama também da falta de prestígio da profissão, em especial dos professores de inglês, matéria que leciona. Ela exemplifica com uma fala da coordenadora:

"ah, é aula de inglês? Então pode ir dar recado ou aplicar uma prova de outra matéria."

Há dois anos, a professora foi levada ao hospital com uma "crise de nervos", segundo ela. Ela conta que não conseguia dormir:

"eu deitava e não conseguia dormir porque eu já ficava pensando assim, 'amanhã eu tenho que fazer isso, tenho que entregar aquilo'. Dormia tarde porque eu tinha que fazer as coisas e comecei a ficar numa vibe meio que tãntan mesmo, vinha pra cá (escola) chorando."

Desde então, ela faz tratamento com um psiquiatra e terapia. Hoje toma remédios para depressão e para dormir. Ela relata que agora está melhor porque a terapia a ajudou a ter outra atitude em relação a sua profissão. Segundo ela, aprendeu a falar "não". Apesar disso, ela ainda se declara muito ansiosa por se cobrar muito:

"eu me cobro perfeita em minha profissão, eu me cobro muito. Acho que por isso eu fui ficando muito ansiosa."

Isabela revela outra atitude que passou a ter e que mostra características da Síndrome de *Burnout*. Segundo a entrevistada,

"Mas eu deixei de me envolver, envolver assim, chamar atenção, mandar pra fora de aula e não ir atrás. Eu ia atrás. Eu parei. Eu escrevo e pronto acabou. Eu tinha muita coisa com alunos, mais proximidade com aluno, e essa aproximação foi acabando, eu não quero proximidade com aluno nenhum mais. Eu comecei a ceifar isso. Eu comecei a ser mais séria dentro de sala de aula. Eu não era séria, eu levava música, passava filme. Acabou."

A professora já está cursando o terceiro período de Comércio Exterior e fala que assim que se formar, deixará o magistério.

4.2.1 Considerações sobre a categoria – A Profissão

Por meio da leitura das entrevistas pode-se notar que apesar das dificuldades, metade dos entrevistados ainda permanece satisfeita com a profissão e gosta do que faz. A outra metade porém, não está satisfeita e está na busca de outra atividade ou, se tivesse a disposição, buscaria outra área para trabalhar.

Os entrevistados, de modo geral, sentem-se ameaçados por uma possível diminuição de carga horária ou demissão. Um professor chega a comparar sua profissão a outras, apontando que nelas os profissionais não se sentem ameaçados, pois no próximo ano, podem ter o seu salário reduzido em razão da diminuição de

turmas. Todos relatam que não há uma organização formal dos professores que os represente diante da instituição para a qual trabalham. Alguns falam claramente que essa falta de representatividade formal se deve ao medo de perderem o emprego. Segundo Oddone (2005), não se pode esperar uma visibilidade social ao problema da doença no ambiente de trabalho sem a participação e o engajamento dos trabalhadores. Somente através da luta coletiva, eles conquistarão mudanças que farão a diferença nas condições de trabalho a que estão submetidos.

Percebe-se uma reclamação pela falta de autonomia, que as regras são colocadas sem prévia consulta aos professores, principais figuras do processo. Eles falam também de um engessamento das aulas e métodos e que não é admitida nenhuma mudança e novas ideias.

Todos, em diferentes medidas, relatam sofrer de algum sintoma, como ansiedade, depressão, cansaço mental ou físico. Há dois casos muito bem evidentes de Síndrome de *Burnout* e outros dois que fazem uso de medicação psiquiátrica.

Alguns professores falam que é um peso bastante negativo sobre eles, a desvalorização social e a falta de reconhecimento da profissão. A professora Laura fala, com um discurso emocionado, que sente-se humilhada quando diz que é professora e a falta de reconhecimento não é somente financeira. Além de reclamar da baixa remuneração pelo volume de trabalho, sente-se não apreciada, por ser aquele agente formador da sociedade. Os professores demandam mais reconhecimento e prestígio.

4.3 Relações

Dentro da categoria-síntese *Relações*, procurou-se estudar como acontecem as interações entre os professores, a direção e coordenação das escolas, com os alunos e seus responsáveis. Trataremos também da questão do aluno como cliente bem como a questão, muito colocada pelos entrevistados de que os pais têm, cada vez mais, transferido a educação dos filhos para a escola e, conseqüentemente, para os professores. Será discutido como essas questões impactam no trabalho do professor.

Professora Luana

A entrevistada conta que a relação com os alunos hoje é frustrante. Por ter vindo de uma experiência docente de curso de idiomas, ela sente que os alunos do colégio não têm igual interesse pela aula. Ela relata:

"No CACS e CENEX (cursos livres de idiomas) todo mundo queria ouvir o que eu falava, (...) eles estavam muito interessados no que eu tinha para falar. Então, eu tinha um prazer imenso em preparar as minhas aulas, o que não acontece aqui (colégio)."

A professora confessa que ficava triste, chorava e que estava se desgastando muito. Ela então recorreu a tratamentos alternativos para tentar lidar com a sua frustração em relação ao seu trabalho. A profissional que a atendia aconselhou-a a pensar assim:

"Ah, eles não querem não? Então lembra da teoria do Que Bom!, 'Que bom que eu não tenho nada a ver com isso'".

Luana passou, a partir daí, a se preocupar menos e a se cobrar menos pelo interesse dos alunos. A professora fala que hoje entende melhor o fato de, por serem adolescentes, a atenção dos alunos não está voltada para a sala de aula. A atenção deles está no mundo, lá fora. Ela diz que hoje já fica muito satisfeita por

aqueles alunos que se despertam para a língua espanhola, pelo universo da cultura, mesmo que não aprendam a falar, como ela gostaria:

"Ao longo desse processo, eu entendi que a minha função aqui não seria realmente fazer com que os alunos aprendessem a falar, que estivessem prontos para o mercado de trabalho e prontos para fazer uma prova de proficiência. Não, eles não estão."

Luana aponta que há um excesso de regras impostas aos alunos pela escola, mas que o professor deve fazer com que essas regras sejam cumpridas. Ela fala que, por exemplo, eles não podem entrar atrasados para a aula, não podem usar boné ou mascar chicletes. No entanto, ela não gostaria de ter que fazer cumprir essas regras por desgastar muito a relação com o aluno, que já é bastante conturbada. Ela conta que essa situação gera uma grande indisposição com os outros professores, porque alguns permitem que alunos burlem as regras e outros não. Os professores mais rígidos são mais bem vistos pela diretoria, mas mal vistos pelos alunos. Segundo ela, isso gera um sentimento de insegurança entre os professores que nunca sabem muito bem que postura adotar. A professora sugere que deveria ter uma pessoa contratada pela escola que ficaria responsável por fiscalizar essas regras. Dessa forma, nenhum professor teria mais esse ponto de desgaste com os alunos. Segundo ela a escola não está disposta a investir em mais essa despesa.

A entrevistada não sente que, por estar em uma instituição privada de ensino, tenha que agradar os alunos, como se fossem seus clientes. Ela esclarece:

"Eu tenho que agradar a instituição. Agradar a instituição não significa agradar os alunos. Eu tenho que entregar tudo em dia, me envolver nos projetos da escola, me colocar disponível para a instituição."

A professora parece ter aprendido a lidar com o desinteresse, por parte dos alunos, pelas aulas. Assim, ela conta não sofrer tanto na relação com os alunos, o que melhorou também a sua vida no trabalho.

Professor Danilo

O professor considera que a sala de aula lhe exige um esforço muito grande. Ele cita o fato de trabalhar com adolescentes e ter que atrair a atenção deles para a aula. Eles estão ali obrigados pelos pais, seus interesses passam longe das aulas de história:

"Preciso pedir pelo amor de Deus para as pessoas deixarem fazer o meu trabalho. (...) Sempre acho que é uma das poucas profissões, não a única, que as pessoas para quem você deve trabalhar, elas não querem receber por esse serviço".

Ele fala que, no geral, os alunos entendem e "até" respeitam as suas aulas. Mas, às vezes, o trabalho se torna uma exigência muito grande por ter que ficar implorando por atenção. Ele conta que já trabalhou em instituições cuja orientação era explícita para que o aluno não fosse retirado de sala de aula:

"o aluno está atrapalhando, está te dando trabalho, faça o máximo para solucionar isso dentro de sala de aula, faça o máximo para convencer, para atrair o aluno. Eu sei que não é o pedagogicamente mais louvável, mas tem momentos que não tem jeito, quarenta alunos na sala e você conseguir resolver isso na hora".

Na escola atual, o entrevistado tem o apoio da diretoria para disciplinar os alunos e fazer com que os que não estão se comportando, deixem a sala de aula. De qualquer maneira, o professor tenta evitar essa atitude e diz que lidar com o comportamento do aluno, em sala de aula, é um peso grande da profissão.

Professora Eduarda

A relação da professora Eduarda com os alunos é, considerada por ela, muito boa. Ela conta que gosta de trabalhar com gente e que a sala de aula é o momento leve da profissão, é o momento que faz o que gosta. A sala de aula, na opinião da

professora, é um momento de troca em que ela também aprende muito com os alunos:

"Eu acho que esses meninos me mantêm jovem. Eu gosto do contato com eles, eu gosto de lidar. A maioria dos professores aqui sofre muito com o contato com o aluno. Eu sofro com outras coisas. Eu acho que é isso que me mantém dando aula, porque para mim, entrei na sala de aula, estou na minha praia".

A professora relembra a sua história e conta que, como aluna, sempre foi muito agitada e que aprontava muito em sala de aula, mas que estudava muito em casa. Eduarda, como relatada na seção que trata da história dos professores, sempre teve que trabalhar desde cedo, o que lhe impediu de viver uma adolescência como os seus alunos vivem hoje. A sua história de vida aparece como sendo um fator que a fez dar um significado construtivo à relação com os alunos. Ela mostra assim:

"Porque eu não perco a paciência com o Vinícius (aluno)? Porque eu me enxergo tão nele, eu era tão ele quando eu era aluna. E, assim, quando você tem uma infância que é muito adulta, você tem que se tornar adulta muito cedo, eu acho que você encontra oportunidade de talvez fazer uma coisa que você não fez, então muitas coisas eu me vejo fazendo coisas com esses meninos que eu não fiz quando eu estava na idade deles (...)"

Apesar disso, Eduarda considera que o aluno, na escola onde trabalha é visto e tratado como cliente. Ela se vê, às vezes, tendo que abrir mão de certas regras para atender o aluno-cliente. Ela também percebe que muitos pais transferem para a escola, a responsabilidade de educar os filhos. Ela esclarece:

"é muita pressão, é muita coisa e o pai questiona demais. É muito aquela visão de que ele paga o preço que paga e a escola tem que dar muito mais assistência do que dá. E, na verdade, o que a gente vê aqui, no caso de alguns pais, é a

entrega total da responsabilidade de educar os filhos. A ausência dos pais é muito grande. (...) Às vezes, temos que conversar com a avó ou até mesmo com a babá".

A entrevistada relata que esse tipo de relação, em que o professor deve assumir o lugar de educar os filhos, a desgasta muito. A escola é o lugar da família para ele. Ela conta que o aluno traz os problemas de casa para a escola e o professor tem que dar conta de mais essa tarefa. Isso o consome, e não a aula em si. Ela exemplifica assim:

"Na escola é um lugar que o problema de todo mundo está socializado, não existe não se envolver. (...) Então a gente está apagando fogo de tudo quanto é lado. Se você viesse para a escola, entrasse na sala de aula, desse sua aula e pronto acabou. Mas não é isso. Às vezes você tem reunião aqui para discutir problema do aluno tal, que está assim, assim. Tudo que você imaginar aparece na escola; é menino cortando pulso, é menino que raspou o cabelo por causa disso. (...) Então, quarenta meninos, quarenta histórias. Aí, você tem oito turmas".

Novamente, a professora recorre à sua vida para falar que esses problemas com os alunos não a afetam tanto. Ela considera que, por não ter filhos e não ser casada, não tem a dupla jornada de ter que lidar com os problemas de filhos e marido, mais os problemas do trabalho. Ela diz que muitos colegas não dão conta, sofrem de depressão, síndrome do pânico pela carga emocional que envolve trabalhar em uma escola.

A professora coloca também a questão de ter que lidar com os pais dos alunos. Na escola onde trabalha, reuniões são marcadas entre professores e pais e que demandam esclarecimentos e informações. Eduarda relata:

"Eu acho que a escola é a grande somatória. É a maior diversidade de gente e que todo mundo quer dar um pitaco. É o

pai que questiona a correção que você fez, mas que quando o médico passa uma receita para o filho dele ele não fala: 'olha esse remédio eu não dou pro meu filho. Porque você não coloca esse? Na área da educação, todo mundo acha que tem o direito, é a avó, o cachorro, o papagaio...".

Eduarda considera que contra essa intromissão no seu trabalho, o professor tem que se valorizar mais e se impor diante das situações. Apesar de se sentir mal em certas situações, ela acha que vem conseguindo lidar bem com elas. O seu envolvimento simpático para com o comportamento dos alunos parece auxiliar a lidar com toda a pressão e conflitos relatados, sem a afetar de forma patológica.

Professora Alice

Essa professora considera ter uma relação saudável como os alunos na escola onde trabalha atualmente. Ela conta que conseguiu isto com o apoio da escola e com o desenvolvimento de um certo distanciamento dos alunos, sem muita proximidade. Refere-se à uma relação amigável mas com a distância necessária. Contudo, há uma indisciplina dos alunos que, segundo ela, é inerente à idade deles mas que ela tenta dar conta dentro de sala de aula, e que passando um sermão consegue se impor. Ela conta que em outras escolas que trabalhou chegava ao ponto de tremer de raiva do aluno. Talvez, em razão dessa experiência, ela se cobra:

"Eu tenho que dar conta na sala. Eu sempre penso que a obrigação é minha, quem tem que dar conta disso sou eu".

A entrevistada diz que consegue ter uma boa relação com a coordenação e direção da escola apesar de não validar tudo o que pedem. Diz fazer porque é obrigada, apesar de não concordar. Ela resume sobre as relações que mantém profissionalmente na fala:

"sou muito obediente e pacífica. O confronto direto eu evito sempre (...). Acho que quase coloco 'pano quente' às vezes para evitar a fadiga".

Pode-se perceber, pelos relatos, que a professora, para se proteger, desenvolveu uma postura mais distante diante dos alunos, um evitar da relação. Com isso, ela evita conflitos e embates, mas também passa um sentimento de desinteresse e cansaço diante da profissão.

Professora Laura

A professora revela ter uma relação bastante desgastante, tanto com a direção e coordenação da escola, quanto com os alunos. Ela se sente desrespeitada pelos alunos dentro de sala de aula e não se sente apoiada pela instituição, quando tenta impor disciplina aos alunos:

"é a minha tristeza na escola regular, porque os meninos te desafiam o tempo todo verbalmente, não te escutam, não te respeitam. (...) você põe para fora e tal, não resolve nada, dá na mesma porque a coordenação não faz nada, ainda vem atrás de você e reclama, fala que professor que põe aluno pra fora de sala é professor incompetente, que não dá conta de resolver a questão da indisciplina dentro de sala (...) Mas o que eu posso fazer? Nada. Se o aluno te respeita ou não, dá na mesma, porque a escola não toma providência, os pais não tomam providência".

Ela coloca que esse conflito se dá por duas razões. A escola entende que o aluno, como cliente, pode quase tudo e os pais que, desinteressados pela educação dos filhos, transferem-na para a escola:

"A escola não toma providência porque o aluno paga. Nós estamos falando de escolas particulares. Ele paga a mensalidade e eu recebo. Ele é o cliente. Então, o pai ameaça

tirar da escola e é claro que ela ficará a favor do aluno. Qualquer escola particular faz isso. E o pai também não quer saber de educar, ele deixa o menino lá na escola, como ele tem pouco tempo para ficar com o filho, ele também não quer ser o carrasco e chamar a atenção. E quando o aluno reclama do professor, é ele que tem razão e não você. Então você não tem apoio de lado nenhum. Você não tem apoio dos meninos, da escola, dos pais e da sociedade".

A entrevistada coloca a responsabilidade da carga de problemas com os alunos que tem que lidar sobre os pais e a escola. Ela avalia que educar, disciplinar não é papel do professor e sim dos pais. A escola também deixa de disciplinar os alunos por uma questão financeira. Ela não chama a atenção do aluno porque ele é cliente e ameaça sair da escola, que perderá aquela receita.

Laura conta que tenta ser justa com os seus alunos, mas que quando é preciso, não deixa o aluno faltar com o respeito. Fala que é bem dura nesse sentido, mas admite que não é a melhor alternativa:

"Não acho que estou certa. Tem professores que têm táticas melhores que as minhas, mas é o que eu consigo fazer".

Ela conta de um episódio que foi bastante marcante:

"O menino falou comigo assim: 'vai tomar no olho do seu cu!' (...) Não deu em nada. O menino não recebeu uma ocorrência, não foi chamado, não aconteceu nada. (...) Porque professor não é nada. Você escuta uma coisa dessas e o problema é seu. Eu saí da sala, chorei, fiquei chateada. Na hora, óbvio não deixei transparecer nada. Mas fiquei chateada. Fiquei meses e meses remoendo isso com a tristeza de como fui tratada, como eu e uma lata de merda tínhamos o mesmo valor. Desculpe as minhas metáforas serem pesadas, mas é assim que eu realmente me sinto".

A professora adota uma postura de entrar em embate com o alunos para resolver questões e conflitos que aparecem em sala de aula. Ela confessa que não consegue ter outra atitude e que, em virtude disto, sente-se esgotada com o trabalho.

Professora Isabela

A entrevistada conta que uma das primeiras escolas em que trabalhou, uma escola menor, era uma instituição que prezava pela educação e pelo professor. Ela esclarece que a escola não ouvia o aluno, mas se preocupava mais com o professor. Segundo ela, os alunos davam trabalho, mas os professores tinham o respaldo da escola nas suas atitudes:

"Você mandava o menino para a fora de sala, ele tinha uma punição, que eu acho que tem que ter para ele não repetir a mesma situação. Tinha o pai e a mãe envolvidos, o menino estava errado e depois não repetia mais, acabava a situação".

Ela cita outra escola que exigia que ela se vestisse de uma maneira que não é como ela está acostumada e a proibia de falar certas palavras e expressões:

"comecei a tirar o jeans e colocar uma calça social. Um belo dia um pai escutou eu falando com os meninos: 'galera, vamos!'. Na outra semana estavam os pais do menino reclamando e falando que 'galera' é coisa de bandido e que a professora estava chamando os meninos de bandido. (...) E a coordenadora calada. Eu comecei a ver que quem manda lá é pai. Fiquei calada e ouvindo. Depois a coordenadora veio falar comigo: ' muda seu jeito de falar. Não são só esses que estão reclamando não. Você fala muita gíria. Para de falar".

Na escola onde trabalha atualmente, há um serviço de ouvidoria. Segundo a entrevistada, os alunos têm o hábito de ir lá para reclamar dos professores, muitas vezes distorcendo as situações. Ela conta que sempre tem que estar "cheia de

dedos" no trato com os alunos, sob pena de ter reclamação contra ela na coordenação que chama o professor para uma confrontação com o aluno e os pais. Essas situações a deixam muito estressada e ansiosa, como demonstra:

"Todas as vezes que a coordenação fala que tem que conversar comigo, até eu esclarecer a situação, eu já até cortei o pulso de tanta ansiedade. (...) Teve um aluno que me mandou nã, nã, nã. Eu nunca tinha ouvido isso de um aluno, eu fiquei muito assustada. Nesse caso, a coordenação nos chamou, nos confrontou e tomou uma atitude. Mas normalmente, nada acontece".

A professora também credita o sofrimento que tem com relação à indisciplina dos alunos à postura da escola que o trata como cliente e à falta de comprometimento dos pais para com a educação dos filhos. Ela denuncia que todos os anos deve completar pontos dos alunos que não seriam aprovados na disciplina, para que eles passem de ano. Ela é chamada pela coordenação antes do fim do ano que lhe recomenda:

"Professora, nós vamos fazer um pré-conselho com você para que você já vá arredondando as notas dos seus alunos. Isso é para você não passar vergonha perante os seus colegas, para a bomba não estourar na sua mão e você não ter que dar muitos pontos na frente de todo mundo. (...) Tem que dar (os pontos), senão ele vai tomar bomba e ele não pode tomar bomba".

A entrevistada revela se sentir completamente tolhida em sua autonomia de realizar o seu trabalho diante de atitudes por parte da coordenação da escola, como relatado acima. Bendassolli (2011) recorre novamente a Clot (2010) para falar sobre a questão vivida pela professora

[...] a impossibilidade de realizar um trabalho bem feito, ou de discutir/debater acerca dos critérios envolvidos na qualidade do que se faz, impede as pessoas de se reconhecerem no próprio trabalho, tornando-as

estranhas para si mesmas e gerando o que o autor denomina de 'ativismo sem obra', uma atividade vazia. Nesse sentido, Clot observa que a doença no trabalho ocorre quando as coisas têm cada vez mais uma relação independente entre si, quando não têm relação com a iniciativa do sujeito. A perda dos objetivos realmente válidos para o sujeito e para os outros está na base do mal estar no trabalho (BENDASSOLLI, 2011, p. 84).

Isabela gasta pelo menos 20 minutos da aula tentando fazer com que os alunos se adequem a uma postura de participar da aula. E, mesmo assim, durante a aula ela tem que fazer várias intervenções para controlar os alunos. Ela reclama que esse papel de educar os alunos não é dela e sim, dos pais:

"Eles não querem nem saber. Você está falando, é perigoso entrar um cachorro aqui dentro e eles acharem o cachorro pestilento mais bonitinho do que você falando. Você está entendendo? É isso que eu não aceito".

A professora demanda por um respeito que hoje ela não vê em seu trabalho. Ela não se sente apoiada pela instituição e pelos pais dos alunos e, por isso, está doente em relação ao seu trabalho.

4.3.1 Considerações sobre a categoria – Relações

A grande maioria dos entrevistados, à exceção de uma, a professora, Eduarda, diz ter conflitos na relação com os alunos. Eles falam de um desrespeito, de terem a sua autoridade, enquanto professores, ignorada e, apontam também, uma falta de interesse dos alunos pela aula, desconsiderando todo o trabalho do professor ao preparar a aula e tentar fazer com que eles aprendam.

Muitos dizem da falta de apoio da diretoria e coordenação das escolas, que pouco ou nada fazem diante do comportamento dos alunos. No entanto, eles também evitam um conflito na relação com os superiores por considerarem que os alunos são clientes e que, portanto, a instituição tende a dar razão a esses alunos.

Todos os entrevistados falam do fato dos pais estarem transferindo a obrigação de educar os filhos para a escola. No entanto, quem efetivamente realiza essa tarefa é

o professor que, além de ensinar o conteúdo da disciplina, deve educar os alunos, ensinando-os como se comportarem, o que devem ou não fazer. Acontece que, nessa condição, os professores enfrentam dois problemas. Eles não têm a autoridade dos pais para repreender os alunos e nem poderiam fazê-lo. Ao mesmo tempo, a instituição exige que os professores mantenham a disciplina dentro de sala de aula. Assim, esses profissionais sofrem uma alta pressão. Muitos não suportam e adoecem. Outros, para evitar adoecer, desenvolvem uma relação de distanciamento da relação com os alunos. Na medida do possível, o que eles relatam desejar é entrar na sala de aula, trabalhar o conteúdo obrigatório e ir para a casa, sem se envolver emocionalmente com os alunos. Foi apontado anteriormente, que essa é uma face muito clara da *Síndrome de Burnout* e que pode ser observada muito fortemente quando se fala das relações dos professores com os seus superiores e, principalmente, com os seus alunos. Mas fica a questão: ser professor não é mais do que trabalhar o conteúdo? O bom professor não é aquele que inspira e envolve os seus alunos? Como ser professor sem ter essa relação?

4.4 Pressão no Trabalho

Nessa última seção de análise, serão focalizadas as questões que, segundo os entrevistados, têm sido fonte de bastante estresse, que levam ao sofrimento e à doença no trabalho. As categorias iniciais que norteiam a categoria síntese *Pressão no Trabalho* são; a cobrança por prazos e resultados, o excesso de atividades extraclasse, a burocracia no trabalho e a introdução de novas tecnologias. Será dada uma perspectiva do sentimento dos professores a respeito desses pontos, a seguir.

Professora Luana

A professora reclama bastante da parte burocrática que envolve o seu trabalho. Ela não tem problema com a sala de aula, com o dar aula e conviver com os colegas. A parte relacionada à sala de aula, ela adora, como esclarece:

"Eu gosto de dar aula. Tenho dificuldades com as partes detalhistas do tipo, preencher diário, montar prova, fazer prova de segunda chamada. Isso me deixa louca, me deixa completamente estressada. Se eu não tivesse que fazer prova, fazer chamada, montar prova de recuperação, plano de recuperação, se eu não tivesse que fazer isso, seria mil vezes mais leve."

Ela não vê nenhuma possibilidade de mudanças com relação à parte burocrática do seu trabalho. Ela sugere que poderia ter um estagiário sob a sua orientação que fizesse toda essa parte, mas que, na sua opinião, isso jamais seria implementado pela instituição, por razões de custo.

A entrevistada fala também de uma grande pressão pela entrega das tarefas. Provas e planos e organização de diários de aula têm data para serem entregues e ela invariavelmente perde os prazos. Segundo ela,

"Eu não consigo aceitar que eu tenho que trabalhar no final de semana. Eu já estou aqui e está bom. Eu tenho três horários vagos, pelos quais eu não estou recebendo. Não vou sair daqui. Então eu tenho estas três horas que eu dedico exclusivamente à escola, então porque eu tenho que trabalhar no final de semana? Eu não consigo. Ontem fiquei montando prova até meia noite. (...) Aí você fica pensando: eu não entreguei aquele negócio, não entreguei, não entreguei. Talvez isso estresse mais do que o fato de sentar à frente do computador e montar a prova".

Outra questão apontada pela professora é sobre as atividades e reuniões da escola que ela deve participar, porque recebe por elas. É altamente desejável que o professor participe e se envolva nas atividades e nos projetos, que se coloque disponível para a escola fora do seu horário de sala de aula. Ela diz não ter esse perfil engajado que a escola exige e que se sente ameaçada por isso.

Luana fala que as novas tecnologias como grupos de *WhatsApp*¹⁵, *e-mails* institucionais e diários *online* ajudam e atrapalham ao mesmo tempo. Dentro de sala de aula, essas tecnologias, como o acesso à internet via celular a ajuda pois, os alunos podem fazer uma pesquisa na hora, não têm que ir para laboratório de informática para fazer a atividade. No entanto, há momentos em que os alunos usam a internet, o atrapalha o desenvolvimento da aula. Quanto aos grupos de *WhatsApp* e *e-mails* usados pelos professores e coordenação, considera que interferem bastante na sua vida fora da escola. Ela acha que deve ser demandada somente no horário em que está à disposição da escola:

"(...) mas sempre tinha alguma coisa, um professor dando recado disto ou daquilo (através do grupo de professores do WhatsApp). Eu falava: 'não, não, não, agora não é o momento, eu não estou trabalhando'".

A professora faz uma comparação interessante entre a época que vive agora, como professora contratada efetiva, e a época em que era substituta, que não tinha um vínculo efetivo com a escola. Ela fala que, na época em que era substituta, se sentia mais solta, que o nível de exigência e de pressão por parte da instituição era menor, não explicitamente, pois conta que deveria seguir todas as regras dos professores efetivos. Mas ela se sentia mais desprendida e fala que se sentia muito mais feliz e com prazer de fazer o seu trabalho:

"foi o ápice do meu brilhantismo, porque eu sabia que não ia ficar aqui e o fato de não ter esse vínculo, me dava uma leveza muito grande. Então, nesta época, eu pintava e bordava, enlouquecia com os alunos, eu estava de uma maneira feliz, feliz porque eu sabia que ia embora. Eu me permitia, eu me dei muita liberdade nesta época. Eu não sentia que eu tinha que mostrar nada pra ninguém. (...) E tinha dia que estava chorando de cansaço, porque tinha uma carga horária muito

¹⁵WhatsApp - é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente com outras pessoas ou grupos de pessoas usuárias do mesmo aplicativo, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão via internet.

alta. Não era tristeza, era de cansaço, de esgotamento mesmo. Mas foi incrível, foi a vez que eu me senti mais autêntica, mais eu".

Questionada sobre o que mudou, ela conta que hoje, por ser efetiva, é uma cobrança por parte dela mesma muito grande, porque sabe que, se não cumprir prazos e participar de atividades programadas pela escola, será demitida. Então, não lhe sobra espaço para fazer sua aula conforme ela acha que deveria ser mais produtivo para os alunos. Hoje, segundo ela, é uma sensação de que precisa manter o emprego e que, por isso, se sente pressionada e esgotada, o que gera sofrimento em relação ao seu trabalho. Bendassolli (2011), ao falar sobre as ideias de Lhuillier (2009) sobre o sofrimento no trabalho, esclarece que

"Lhuillier identifica outro ponto importante gerador de sofrimento no trabalho: a negação do "real" do trabalho e, como consequência, uma disjunção entre o trabalho que o sujeito realiza e aquele que gostaria de realizar" (BENDASSOLLI, 2011, p.74).

Ao ouvir esse depoimento, tem-se uma preciosa informação de que, se o ambiente escolar fosse menos exigente e ameaçador, o impacto sobre a saúde dos professores seria muito menos significativo. Eles trabalhariam com mais autonomia e poder de decisão, proporcionando um ambiente mais saudável. Novamente, recorre-se a Bendassolli (2011) que diz que as patologias do trabalho, quando cita a visão de Ehrenberg (2010) se associam com o nível de autonomia que dispõe o indivíduo, isto é, seu poder de agir. Diz o autor Ehrenberg (2010) que, "para fazer bem o seu trabalho, é preciso sempre colocar-se mesmo nele (...)" (p.81).

As instituições devem ser questionadas sobre a viabilidade dessa autonomia a ser dada aos professores. Sabe-se, segundo informações dos próprios professores entrevistados, que há processos a serem cumpridos e que, se cada um tiver autonomia para fazer como assim o desejar, fica inviável administrar tantos alunos. Contudo, há um caminho a ser discutido para que uma solução que viabilize a operação das instituições e, ao mesmo tempo, dê autonomia e flexibilidade para o profissional.

Professor Danilo

O professor Danilo encontra a maior carga psíquica em seu trabalho, na pressão por resultados. Ele conta que hoje existe um ranking do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Nele, as escolas, cujos alunos obtiveram as melhores notas no exame, ficam ranqueadas nos primeiros lugares. Assim, o objetivo das escolas privadas é ficar bem posicionadas nesse ranking, o que lhes garantiria prestígio e, conseqüentemente, mais alunos. Danilo considera isso preocupante pois, segundo a sua visão, é o professor, em última análise, o responsável pelo aprendizado dos alunos. Ele esclarece:

"Com o ranking, milhões de estatísticas, notas, então isso também me pressiona e eu fico ansioso com os resultados, quando sai eu fico mal, sempre achando que eles... de alguma maneira reflete o trabalho que eu fiz, então, teoricamente, não teria sido feito tão bem feito. Então existe uma cobrança, que não se dá no cotidiano, ela se dá nesse dia, e aqui na escola tem esse dia: 'saiu o resultado. Vamos conversar'".

Ele conta que é inevitável que se sinta pressionado, que a instituição jogue uma boa parte da responsabilidade pelo sucesso dos alunos no exame, sobre o professor. Isso é uma parte do trabalho que o deixa bastante ansioso e incomodado.

Professora Eduarda

A entrevistada fala que as novas tecnologias vieram para beneficiar, prioritariamente a instituição. As escolas acabaram com vários setores e quem assumiu a tarefa foram os professores. Ela conta que antes entregava a prova para o setor da escola que digitava e formatava. Hoje, ela tem que fazer tudo.

Ela acrescenta ainda a parte de e-mail corporativo e que os grupos de *WhatsApp* fazem com que ela tenha a sensação de estar trabalhando 24 horas por dia:

"alguém te manda e-mail às 8 horas da noite e eu não abri o e-mail depois das 6 da tarde. Aí eu abro no outro dia e alguém me cobra: 'foi marcado isso e você não sabia'. Como essa comunicação não segue o horário de trabalho, então você vai recebendo. (...) é sábado, é domingo, quando você vê, está fazendo alguma coisa da escola no momento que não seria para você fazer. Não dá muito pra separar lazer mais. Acho que a tecnologia faz você trabalhar 24 horas, porque todo mundo pode comunicar qualquer coisa a qualquer hora. (...) Acho que essas coisas não te deixam desligar do trabalho um só minuto. (...) acho que toda profissão, você pode ter o trabalho braçal, de chegar morto em casa, você tomou banho e comeu, pode sentar e não fazer nada. O professor nunca pode fazer isso. Além disso, a tecnologia não diminuiu o papel da escola, ela, na verdade, trouxe uma exigência de que você tem sempre que correr atrás do novo, do mundo de informação que está a toda hora. Se o menino chegar e falar: 'você viu isso aqui, professora? e você não viu, pega mal'".

A professora expõe que trabalhar em escola particular lhe dá a sensação de um trabalho que não acaba nunca, de não ter descanso, de trabalhar o tempo todo. Ela somente sente-se sem trabalhar no final do ano, quando entra de férias, como relata:

"Às vezes eu coloco uma lista e eu fiz três coisas, aí eu acrescento mais quatro. Não acaba e te dá uma angústia. Trabalhar em escola é trabalhar angustiada o tempo todo, porque você não vê nada acabar. (...) A escola exige cada vez mais de você. (...) O fato de a escola querer se mostrar moderna e oferecer um mundo de coisas para o aluno, só que esse mundo de coisas que é oferecido, quem tem que dar conta dele é a gente. É tanto evento que aparece, só que esse evento quem acompanha o aluno é o professor".

A entrevistada conta que recebe pelas atividades e eventos extraclasse, mas que, se pudesse escolher, se não fosse uma exigência da escola, ele preferiria não participar de tantos eventos e ter que se responsabilizar por tantas atividades:

"Eu queria ter esse tempo pra mim. E aí sim, é essa questão de que você não tem opção. Assim, a escola está pagando por isso. Mas eu quero vender esse meu tempo? A questão é essa!"

Eduarda esclarece que as escolas de ordem religiosa têm uma postura de achar que os funcionários fazem parte de uma grande família e para congregar essa "família", eles promovem muitos eventos durante o ano em que os professores devem participar. Ela acha que há uma boa intenção nisso, mas que ela preferiria não participar de tantos eventos sociais e ficar mais com a sua família. Essa questão da professora trabalhar e se envolver tanto com a escola, ela deixa escapar em sua fala. Em determinado momento, quando queria se referir à escola, disse família:

"Da família, quer dizer, na escola".

Apesar de a professora considerar que há uma boa intenção da instituição em promover essas festas e eventos sociais, ela conta que neles há sempre uma palestra de um profissional da educação que é importante para a escola. Então, fica a questão: será que o objetivo da escola é realmente promover um momento de descontração para os funcionários ou é, através deste argumento, aumentar ainda mais a carga de trabalho e informação para o próprio benefício da instituição?

A entrevistada expõe ainda que não interessa às escolas, manter professores que só se dispõem a dar aulas. Eles querem aqueles que se envolvam em atividades extras e se dediquem o máximo possível aos projetos da escola. Ela sente que não desliga da escola, que o momento de casa e lazer se misturou ao momento de trabalho. Fala que tem amigos fora da escola, mas que o trabalho ocupa tanto que só se relaciona com os colegas do trabalho, que quando saem, o assunto é escola:

"Eu acho que as causas do estresse vêm por isso, você não desliga disso aqui, é o tempo inteiro. (...) A impressão é que você não vai pra casa. Tem dia que eu saio daqui quase 10 da noite. Eu chego às 7. Eu saio de casa às 6:15 da manhã. Eu fico com horário de coordenação e depois tem as reuniões e tudo. Quando você acorda de novo, às 5:30 da manhã, você chega no serviço e fala: 'Nossa! Eu dormi aqui!'"

A professora fala que as escolas particulares pagam um salário, muitas vezes, acima do mercado, mas também cobram muito caro por isso. Ela considera um alibi de poder: ela paga mais do que o mercado, mas exige muito. O professor, segundo ela, só consegue sair dessa armadilha no dia em que pudesse oferecer à escola uma carga-horária compatível com a saúde dele, ganhando aquilo que lhe possibilitaria ter uma vida digna.

Professora Alice

A entrevistada descreve seu trabalho como não tendo fim, devido ao número de atividades que deve cumprir. Quando não está na escola, trabalha em casa. Ela também reclama que o excesso de burocracia como preencher tabelas, formulários e relatórios tomam muito o seu tempo. A introdução de novas tecnologias, como usar uma plataforma *online*, ou um *site* para fazer questões é uma exigência que acaba demandando uma carga de trabalho ainda maior. Ela esclarece:

"Sempre o meu computador está aberto, mesmo se tem um filme na TV eu estou fazendo alguma coisa pra escola. (...) A coisa me engole um pouco. (...) Estou sempre preparando proposta de redação, uma por semana. Ou montando prova, montando simulado, ou corrigindo. É muita tarefa, é quase ininterrupto. Você acha assim: 'oba, vou ter uns dias'. Aí chega um e-mail pedindo mais coisas. É muito trabalho".

A professora sente que gostaria de gerir melhor o seu tempo, que deveria ser mais organizada com as suas tarefas. Na sua fala, há um sentimento de culpa, como se

ela tivesse a obrigação de dar conta do excesso de atividades que a escola exige que ela cumpra. Ela está envolvida no sistema que a explora a ponto de relatar não conseguir aguentar a profissão por mais trinta anos, tempo que falta até a sua aposentadoria, e se sente culpada por não conseguir se organizar e ter que trabalhar dia e noite.

A cobrança por resultados é outro ponto que a professora coloca como tendo um peso muito grande, o que gera um cansaço mental:

"a pressão por resultado é altíssima, o tempo todo, pela qualidade o tempo todo. Ele (o aluno) tem que ter uma boa nota, ele tem que passar em Medicina, de preferência em primeiro lugar e de preferência na USP. (...) Ninguém me fala diretamente: 'você é responsável pelo menino', mas é, o resultado dele acaba sendo o nosso também, o espelho. (...) às vezes a exigência, quando não considera algumas particularidades, é um pouco cruel".

Alice confessa ter vários sofrimentos em relação ao seu trabalho, sempre se cobrando por resultados melhores, sempre achando que as pessoas estão observando o seu trabalho e considera que parte de suas aulas são medíocres. Segundo Bendassolli (2011), a professora pode estar sofrendo com um tipo de patologia de performance. Segundo ele: "Uma primeira forma de sofrimento é o sentimento de incompetência que o indivíduo pode atingir quando não atinge os patamares de excelência que lhe são exigidos ou que ele exige de si próprio (...)" (p.75).

Contudo, toda essa cobrança e ansiedade, segundo ela, é coisa da "cabeça" dela, é uma paranoia, pois não há essa cobrança direta, por parte da diretoria. Mais uma vez, a professora parece estar tão absorvida pelo sistema que a explora, que fala que a pressão vem dela própria, ela é que não está dando o melhor e portanto, sofre com a sensação de ter feito um trabalho medíocre, segundo suas próprias palavras.

Professora Laura

Essa professora diz que o carga horária de trabalho que tem fora de sala de aula é enorme e que o salário extraclasse, que recebe para fazer essas atividades, é bem menor do que as horas que passa preparando-as. Além disso, há a pressão por prazos em que atividades e provas devem ser entregues e corrigidos, segundo o calendário determinado pela escola. Ela explica:

"E o que a gente faz fora da escola também, que são aquelas aulas que a gente recebe a mais, nem sempre é o que a gente recebe. Às vezes a gente recebe por três aulas mas fica quinze, vinte aulas preparando uma atividade, preparando um exercício. (...) Quanto aos prazos eu não aceito mais a pressão, a não ser que eles façam sentido para mim. Aquele que se submete sem questionar, adoce".

Laura conta que depois que ficou muito doente, como descrito nas seções anteriores, procura fazer o seu trabalho, dentro dos prazos estabelecidos, mas quando não consegue cumpri-los, não se desespera como antes. Mais uma vez, em um movimento de despersonalização, possivelmente ligado à Síndrome de *Burnout*, ela declara:

"Não está satisfeito (com o trabalho), arruma outro. Simples assim. (...) A escola continua cobrando, mas nada além disso. Eu deixo claro, não vou mais me matar por causa de escola. Sem chance. (...) Depois que eu morrer, um dia depois já tem outro no meu lugar. (...) Primeiro eu, depois a escola, não o contrário, como era antes".

Professora Isabela

A professora relata que sente-se ameaçada muito frequentemente, pela cobrança por prazos e entrega de tarefas, tudo isso ajudado pelas novas tecnologias como *e-mails* e *WhatsApp*. Isabela descreve que o número de atividades a serem feitas e

entregues é muito grande. Ela conta que há data e prazos para tudo. É entregue, aos professores, um cronograma com a data de entrega da prova para a coordenação e a de devolução corrigida para os alunos. Os professores devem seguir o planejado como requisito para permanecer na escola. Assim, ela ilustra:

"Acho que deveria ter 25 mil horas a mais para trabalhar em casa. Tem final de semana que eu não vejo rua. (...) Você sempre está no futuro, você tem que estar vivendo muito no futuro. Então me gerou uma ansiedade gigantesca, essa questão de você estar sempre vivendo lá na frente, essa questão: 'E agora? E agora?' E às vezes que você está tão cansada que dá um espasmo de memória e chega a coordenadora e diz: 'você não me entregou isso. Você não mandou. Olha o prazo. Vou ter que mandar para o diretor'. Ainda rola essa: 'se você mandar atrasada, eu vou ter que pedir autorização do diretor para fazer'. Aí começa a galera a ficar assim: 'Meu Deus, vou perder o meu emprego'".

A entrevistada diz sofrer bastante em relação a essa pressão, o que a levou a ter problemas de saúde, como foi descrito nas seções anteriores.

4.4.1 Considerações sobre a categoria – Pressão no Trabalho

Há uma infinidade de tarefas e serem executadas pelos professores que, segundo eles, supera a carga horária que eles têm em sala de aula. Além da preparação de aulas, eles têm provas de primeira e segunda chamadas para preparar, simulados e exercícios extras, correção e lançamentos de notas e outras observações pertinentes aos alunos no sistema da escola, participação em atividades extras, elaboração de projetos, reuniões e palestras. Isso tudo com prazos predeterminados para serem executados e entregues. Há uma cobrança intensa por parte da coordenação e diretoria das escolas pelo cumprimento desses prazos e, em alguns casos, com ameaças de perda de emprego, caso não haja participação e engajamento às regras da escola. Tudo isso, apoiado pelas novas tecnologias, como

grupos de *WhatsApp* e *e-mails*, que não respeitam os horários de trabalho. Muitos professores relatam sentir que trabalham 24 horas por dia, 7 dias na semana. Sentem-se exaustos, alguns levados a doenças. Mais uma vez recorremos a Bendassolli (2011), que cita Lhuillier (2009) ao fazer uma tipologia de sofrimentos emergentes do mundo do trabalho:

Em comum, aponta Lhuillier, essas patologias emergem num contexto de desequilíbrio entre, de um lado, as crescentes exigências e pressões do mundo do trabalho e, de outro, a redução dos meios e recursos para o sujeito fazer face a elas (BENDASSOLLI, 2011, p. 73).

As escolas também exigem que os professores elaborem e participem de atividades extras, palestras e reuniões. Para essas instituições, não basta dar aulas. O professor deve se envolver muito mais para preservar o seu emprego.

Com toda essa carga de trabalho exigida pelas escolas, alguns professores se sentem mal, falam que não conseguem se organizar para dar conta de tudo, que não conseguem gerir o tempo de maneira eficiente. Outros se cobram por não conseguir dar uma aula boa o suficiente para que os alunos consigam alcançar notas máximas, nos exames de entrada para as universidades. Uma professora chega a falar que a escola tem boas intenções em promover palestras e reuniões regadas a festas e jantares, como se todos fizessem parte de uma grande família. O sistema de exploração dos professores, arquitetado pelas instituições particulares de ensino é, nesses casos, tão eficiente que faz com que os professores se sintam culpados por não conseguirem, em determinados momentos, dar conta de tantas tarefas e obrigações. Com isso, esses profissionais acabam vivendo para o trabalho, sofrem, se angustiam e deprimem.

Os professores têm como base de sua profissão, ensinar, transmitir o seu conhecimento para o aluno, ver a evolução intelectual e cultural deles. Esse é o seu ofício, é aí que se enxerga como profissional. Ao ser demandado em tantas tarefas burocráticas, esse profissional não se reconhece em seu trabalho, não é esse o seu ofício. O trabalho, para aquele que o realiza, é o produto de um desejo. Ao produzir, ele vê a si mesmo no seu produto, em seu trabalho. Bendassolli (2011) define o trabalho segundo os conceitos de Clot (1999) como sendo "o confronto do sujeito

com o real, sendo o meio pelo o qual ele consegue se inscrever numa obra coletiva e, ao mesmo tempo, personalizar-se". (p.73). Os professores aqui entrevistados, parecem estar engolidos por tantas tarefas burocráticas e o principal do seu trabalho, ensinar o seu aluno, fica em segundo plano. Ele quase não enxerga que está ali a ensinar, tamanha é a quantidade de outras atividades. Daí vem o mal-estar, o adoecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do projeto que deu origem a essa pesquisa surgiu da própria trajetória profissional do pesquisador. Após trabalhar de 2001 a 2008, como professor de uma rede particular de curso de idiomas, foi possível ter um contato próximo com professores que trabalhavam em escolas regulares particulares, bem como com o SINPRO MG. Ao assumir, a partir de 2006, o posto de coordenador de uma equipe de aproximadamente 10 professores, foi possível detectar, nesses professores, fadiga, angústias, sofrimentos, frustrações e estresse diante da complexidade da atividade laboral que realizavam. Eles se queixavam bastante da relação com os alunos, da impossibilidade de administrar a sala de aula e da carga de trabalho fora dela. Contavam que muitos estavam adoecendo e gostariam de abandonar a profissão. Era possível observar também, que outros conviviam relativamente bem com a profissão, apesar de estarem submetidos a condições de trabalho semelhantes.

A partir dessa experiência, surgiu a pergunta da pesquisa: qual é a relação entre o sofrimento e o adoecimento mental dos professores da rede particular de ensino de Belo Horizonte com as condições de trabalho a que estão submetidos e sua história profissional? O estudo, então tomou como base as pesquisas já realizadas sobre os professores que trabalham na rede particular de ensino. Elas apontam para uma realidade alarmante e para se ir ainda mais fundo nos dados, foram entrevistados seis professores da rede particular de ensino de Belo Horizonte. Eles contaram sobre sua trajetória profissional, sua relação com o trabalho e suas expectativas para o futuro.

Através da análise das entrevistas, pôde-se concluir que os números indicados nas pesquisas apresentadas na seção 2.5 desse trabalho, correspondem à realidade desses seis sujeitos entrevistados. Todos apresentaram e relataram que há características do trabalho que trazem sofrimento e alguns já adoeceram seriamente em virtude dele. A pesquisa qualitativa, como essa, não permite generalizações, mas aproximações. No entanto, tem-se o respaldo dos estudos quantitativos apresentados anteriormente, nesse trabalho e ambas têm bastantes aproximações. Ao começar a investigar sobre a pergunta de pesquisa, surgiu um questionamento: por que alguns professores submetidos a semelhantes condições perversas de

trabalho, não apresentam tantas queixas ou doenças relacionadas ao trabalho e outros sim? Podem ser feitas algumas observações, com base nas entrevistas realizadas. No que pesa o fato de não ter sido realizada a história de vida, a trajetória profissional desses professores foi abordada, e ela pôde trazer elementos que puderam ajudar a entender tal questão.

A maioria dos entrevistados escolheu a profissão muito cedo, porque ela permitia que eles tivessem uma renda e continuassem a estudar. Esse fato fala muito do que vem depois, a consolidação na carreira e o ser professor em si. Há dois grupos de professores claramente distintos, dentre os entrevistados. Aqueles que pertencem ao grupo que realmente se identificou com a profissão, que declara que não a trocaria por outra, que gosta de estar em sala de aula e dividir o seu conhecimento com o outro, relatam que nunca adoeceram. Os professores desse grupo têm questões e sofrimentos em relação à profissão, pontos que realmente lhes afetam e desgastam. Contudo, eles não se veem fazendo outra coisa. Ser professor é como eles se colocam no mundo e isso vem da sua história; desde criança, alguns relatam que brincavam de ser professores. Ao verificar uma realidade de trabalho extremamente perversa, como é a situação que foi encontrada nas escolas particulares, à uma história pessoal que vem de um sonho, de uma maneira de se colocar no mundo, ela não resultou em doença, para esses entrevistados. Queixas existem e muitas. Mas elas não são suficientes para fazer esses professores quererem abandonar a sua profissão e seguir outra carreira. Ali é o lugar deles. Sentem-se que estão onde deveriam estar.

No segundo grupo, o de professores que relatam já ter adoecido, alguns tiveram síndrome do pânico, outros, depressão e dois apresentaram nitidamente, as características da Síndrome de *Burnout*. Esses, segundo seus relatos, nunca quiseram claramente ou pensaram em ser professores e a maioria não teve o apoio da família. Entraram para a profissão como uma forma de ter uma renda enquanto ainda não estava evidente o que seguir profissionalmente. Uma professora relata que gosta da matéria que ensina, mas que não suporta a sala de aula. Vários falam que não conseguem dar aula, que não têm controle sobre os alunos e a sala de aula. Cada vez mais, se afastam dos alunos e de seus pares, além de terem uma visão de profissão completamente desvalorizada socialmente. Não veem o fruto do seu trabalho. O desejo deles, desde muito cedo em sua trajetória pessoal, não está

ali. Bendassolli (2011) esclarece esse ponto ao expor as ideias de Clot (2010) sobre o sofrimento no trabalho: "Clot nos leva a pensar que o adoecimento decorre da impossibilidade de trabalhar conforme o próprio desejo e os ideais do coletivo de trabalho" (BENDASSOLLI, 2011,p.88 apud CLOT, 2010).

Aparentemente, esses professores estão no lugar onde o seu desejo não está. Acontece que, essa característica, pessoal e muito subjetiva de cada um, encontra um ambiente muito propício ao adoecimento. É de se pensar que, se as instituições para as quais eles trabalham não tivessem uma prática de exploração e desvalorização do trabalho, esses profissionais poderiam não estar completamente satisfeitos, mas possivelmente, não estariam em tanto sofrimento e doentes. Diante de todas as adversidades e até perversidades que a atividade nas escolas da rede particular apresenta, e, quando não há nenhuma possibilidade de se enxergar no produto do seu trabalho, resta a esses professores adoecer e sonhar com o dia em que terão a chance de mudar de profissão. Dois deles estão planejando o caminho para outra profissão. Uma outra parece, pelo seu discurso, tão apática, que não lhe restam forças para promover esta mudança.

A relação entre a trajetória profissional dos professores e o seu processo de sofrimento, doença ou satisfação com o trabalho, carece, para uma conclusão mais contundente, que a história de vida desses professores seja resgatada, com o rigor que a metodologia exige. Fica o espaço aberto para um estudo futuro, que foque nesse ponto.

Retoma-se a pergunta que deu origem ao estudo, para passar as considerações acerca das condições de trabalho às quais esses profissionais estão submetidos. Quando os números oferecidos pelas pesquisas apresentadas na seção 2.5, e o relato coletado nas entrevistas nesse estudo realizadas são confrontados, fica patente que esses professores enfrentam condições de trabalho muito difíceis e é constatada uma exploração absurda, contrária a qualquer possibilidade de trabalhar e ter a oportunidade de levar uma vida saudável, física e psicologicamente. As pesquisas apresentadas anteriormente e as entrevistas realizadas nesse estudo corroboram que a atividade docente nas escolas particulares, estão adoecendo os professores.

Vários aspectos da atividade contribuem para esse quadro de adoecimento dos professores, mas os que mais pesam e que saltam aos olhos são a pressão e o excesso de atividades a que estão submetidos. Antes de abordar essa questão, contudo, colocar-se-á, em foco, outras questões que são motivos de agravo à saúde desses profissionais.

Os professores entrevistados falam de falta de autonomia. Sentem-se vigiados pela coordenação e direção das escolas e reclamam não ter a liberdade de exercer a sua atividade conforme o seu saber sobre a profissão.

Todos os entrevistados falam que não há uma representação formal dos professores e que também não recorrem ao sindicato da categoria por medo de perderem o emprego. Uma das professoras denuncia que a escola antecipa e concede aumento salarial superior ao negociado com o sindicato. Isso, segundo ela, para mitigar o movimento de organização dos professores da escola que possa promover reivindicações de mudanças em outros níveis, como na estrutura e condições do trabalho em si. A aparente resistência das instituições de ensino à uma organização dos professores revela uma cegueira institucional, que não percebe que esses movimentos podem contribuir para a saúde da categoria. Bendassolli (2011), novamente recorre a Clot (2010) quando ele comenta sobre a questão dos coletivos de trabalho

Para Clot (2010), os coletivos de trabalho são portadores de uma história comum, ao longo da qual são desenvolvidos recursos, estratégias e ferramentas que subsidiam os seus membros na realização da atividade, ela também comum. O coletivo preserva a memória das trocas intersubjetivas acionadas por ocasião de seu confronto com as exigências, as provas e as resistências do real da atividade. Os coletivos são verdadeiros operadores de saúde quando permitem a livre fluência do conflito sobre critérios, quando fomentam disputas e a heterogeneidade. Portanto, bloquear a atividade, consiste, em última instância, do bloqueio do poder dos coletivos em articular estratégias compartilhadas de ação (BENDASSOLLI, 2011, p. 85, apud CLOT, 2010).

Outra questão é a falta de reconhecimento social da profissão, citada por quase todos os entrevistados. Eles não têm o prestígio que gostariam, por serem a base de formação da sociedade. Ainda, a possibilidade de perder o emprego ou ter a carga-horária de trabalho reduzida por não cumprir as exigências da instituição, está

sempre no horizonte de todos os entrevistados. A escola ainda usa esse fato como maneira de pressionar o professor, no trabalho. Com o intuito de dar destaque a esses pontos, foram trazidos novamente, os dados de dois estudos já apresentados nessa pesquisa. No estudo do SINPRO MG (2009) 35,8% dos entrevistados na pesquisa relatavam uma sensação de raiva ao falar da profissão, 35,14% desconhecem a existência de um plano de cargos e salários e 72,06% dos entrevistados sentem o ambiente escolar ameaçador pela diminuição da carga horária. O estudo de Monteiro et al. (2012) aponta uma forte relação entre estresse e baixa remuneração, faceta mais clara da desvalorização social da profissão.

O desgaste em relação aos alunos, à coordenação e à direção das escolas é apontado por todos os entrevistados, à exceção de um. Os alunos de hoje têm muitos interesses e estímulos fora da escola. Ocorre que são obrigados a ficar confinados na sala de aula por horas, prestando atenção em assuntos que, para eles, parecem ser muito menos interessantes que o mundo fora da sala de aula. Cabe ao professor administrar esse conflito, sendo que em muitas circunstâncias, os alunos são extremamente desrespeitosos para com eles. Isso acontece, segundo os entrevistados, porque os pais transferem o papel de educar os filhos para a escola. No entanto, quem realiza essa tarefa é o professor, o que gera um grande desgaste na relação com o aluno. Novamente, para que a comparação com os números apresentados nas pesquisas anteriormente descritas (seção 2.5) fique clara, esses dados são retomados brevemente. O estudo realizado por Gomes *et al.* (2010), com professores portugueses, aponta que o comportamento inadequado dos alunos em sala de aula, como falta de interesse e motivação face à aprendizagem, foram referidos por mais da metade dos participantes do estudo (60 a 70%).

A maioria das instituições não oferece o devido suporte aos professores, no sentido de resolver esse conflito, segundo os entrevistados. Elas querem e fazem tudo para preservar o aluno, que é o cliente e os pais desses alunos, por serem aqueles que pagam pelo serviço. Confrontam as atitudes dos professores que, muitas vezes, têm que justificar diretamente com os pais a razão de terem tomado essa ou aquela medida, ou dado determinada nota ao aluno. O professor, em nome da preservação do lucro das escolas, perde a sua saúde e, muitas vezes, a vontade de permanecer na profissão.

Finalmente, tem-se aqui a questão que mais tem sido apontada como fonte de estresse, angústia e doença: a pressão e o excesso de atividades. Os professores entrevistados, de forma unânime, reclamam muito da quantidade de tarefas burocráticas e extraclasse, contabilizando um enorme número de horas dedicadas a essas obrigações. Eles relatam que essa parte do trabalho os ocupa e os estressa mais do que a sala de aula, o ensinar. Eles passam noites e finais de semana tentando colocar tudo em dia, mas muitos nunca conseguem e estão sempre atrasados em relação ao calendário estipulado pela escola. Soma-se a isso, uma pressão bastante firme por parte da coordenação e direção das escolas, para que os prazos sejam rigorosamente cumpridos, através de *e-mails*, mensagens de *WhatsApp* – que não respeitam o horário de trabalho – e reuniões pessoais para cobrança de prazos.

Boa parte dessas tarefas burocráticas, realizadas pelos professores, poderia ser assumida por outros funcionários da escola. Contudo, com o objetivo de cada vez mais aumentar os seus lucros, as instituições particulares de ensino extinguem cargos administrativos e os transferem para os professores, que ficam cada vez mais sobrecarregados.

Há uma pressão grande das escolas sobre os professores para que os alunos obtenham notas elevadas no ENEM, de forma que a instituição fique bem posicionada no ranking de melhores escolas, atraindo cada vez mais alunos e aumentando os seus lucros. No final, quem entrega a qualidade de ensino prometida e propagandeada pela escola é o professor, assumindo assim, mais uma carga de pressão pelo bom desempenho dos alunos nos exames.

A última questão do roteiro de entrevista feita com esses seis profissionais diz respeito à sua visão sobre uma escola ideal, onde eles sentiriam prazer em trabalhar, onde eles poderiam se colocar no mundo como profissionais satisfeitos em realizar o seu trabalho. As respostas servirão para fechar esse estudo, ficando como esperança para que as instituições particulares de ensino se conscientizem de que o professor merece trabalhar tendo sua autonomia, opinião, tempo e importância social respeitada acima de qualquer busca desenfreada pelo lucro. A seguir, estão

trechos que representam o desejo desses profissionais que formam a sociedade e que dela recebem muito menos do que merecem. Optou-se por deixar a transcrição literal de suas falas, sem interferências do pesquisador, apenas respeitando as pausas de respiração dos entrevistados.

"Mesmo que a gente tenha uma estrutura muito ideal, eu acho que a gente tinha que ter mais valor aqui, sabe?"

Professora Luana

"A primeira coisa é não existir ranking de nada, menos estatística, menos aulas na sala e salário mais alto. Não me assusta que exista essa pesquisa. Os professores têm problemas mesmo!"

Professor Danilo

"Se tivesse uma visão de escola, eu tiraria muita coisa. Acho que a escola é uma coisa muito complexa e ela já tem oportunidade de ser uma coisa mais leve. Ela fica muito presa a questão de passado, não sabe se avança muito, e eu acho que às vezes isso te mantém muito no passado quando a possibilidade de avanço é maior. Vejo ela presa a muita coisa. No Brasil eu ainda vejo a escola muito no regime militar, enfileirada, com regra tal, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo."

Professora Eduarda

"Um professor realizado é um professor que tem tempo para estudar, para ver filme, para ler, essas coisas que são inúteis mas fundamentais, que tenha tempo hábil para preparar uma excelente aula, para fazer coisas com tempo, pensando em tudo. Às vezes o ritmo muito alucinante da coisa te atropela. Se eu tivesse mais tempo eu seria uma professora melhor. Eu seria melhor pessoa."

Professora Alice

"E a escola, para voltar a ter força, ela vai ter que valorizar o profissional, que é o professor. Então eu acredito que pode não voltar a valorizar, talvez, tão rapidamente financeiramente, mas talvez com relação ao status e ao respeito. Porque é a única profissão que a gente sofre por todos os lados e não tem respeito de ninguém, isso eu acho que é o pior de tudo. Você pode ter a profissão que for, mas você tem que

ser respeitado. (...) Apesar disso eu acho que o futuro é promissor. Eu acho que o professor tem muita chance ainda para o futuro, porque acredito que a educação vai chegar num caos, num nível de caos tão grande que ela vai ter que se reinventar."

Professora Laura

"Ah, não! Muito difícil falar. Eu nem imagino. (...) Ter suporte da escola, ser ouvida. A gente erra, a gente é ser humano, mas que esses erros sejam vistos com você, sejam pautados dentro de uma realidade, de uma verdade. (...) A cobrança é gigantesca. (...) Então, assim, tem coisas que eles podem facilitar e eles complicam muito."

Professora Isabela

É fácil observar, quando os depoimentos dos entrevistados são lidos e comparados aos números apresentados nos estudos citados nessa pesquisa, que os professores da rede particular de ensino de Belo Horizonte passam por momentos penosos, sofrendo uma exploração por parte das instituições que os empregam, não tendo nenhum suporte para lidar com suas questões e angústias. As tarefas e cobranças são muitas, a valorização, tanto material quanto social é insuficiente. As escolas, com o objetivo de oferecer o melhor ensino a seus alunos, ou poder-se-ia dizer, clientes, não medem esforços para entregar o que prometem no momento da matrícula: qualidade de ensino e garantia de sucesso nos exames de entrada nas universidades. No entanto, transferem boa parte da entrega dessa promessa para os professores que, muitas vezes, não conseguem cumprir o prometido pela instituição. Isso, não porque não são capazes, mas sim porque não conseguem abarcar todas as responsabilidades e prazos que lhes são impostos. Em nome de manterem um status de melhor escola e garantirem alto retorno financeiro aos investidores, essas instituições estão comprometendo a saúde dos professores e ainda, comprometendo o futuro de uma profissão, que cada vez atrai menos interessados. Fica a esperança de que estudos como esse possam contribuir para que essa realidade mude. Que a esses profissionais seja dada a voz de que necessitam para reivindicar e obter mudanças para exercerem com dignidade e saúde, a sua atividade, tão importante como base de qualquer sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Manoel. Sistema Católico de Educação e Ensino no Brasil: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 127 – 140, set./dez, 2006.

ARAÚJO, José Newton Garcia. Qualidade de vida no trabalho: controle e esconimento do mal-estar do trabalhador. **Trabalho, Educação e Saúde** (on-line), v.4, p. 573-585, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v7n3/11.pdf> Acesso em: 22 abr. 2015.

_____, Trabalho e usos da subjetividade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, p.35-46, 2012. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/762/697> Acesso em: 21 mai. 2015.

ARAÚJO, T. M.; NETO, A. M. S.; REIS, E. J. F. B.; DUTRA, F. R. D.; AZI, G. R.; ALVES, R. L. Trabalho docente e sofrimento psíquico: um estudo entre professores de escolar particulares de Salvador, Bahia. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 12, n.20, p. 485-495, jul./dez., 2003.

ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do Trabalho e Saúde dos Professores. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol 30, n.107, p. 349-372, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 abr. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, Lisboa: LDA, 2009.

BATISTA, Andréia Geraldo. Quando os bombeiros não chegam. Algumas contribuições da psicologia do trabalho para o entendimento dos acidentes com os veículos operacionais de bombeiros da região metropolitana de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2009.

BENDASSOLLI, Pedro F. Mal estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 65-99, mar/ 2011.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista. A degradação do trabalho no século XX**. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

CARLOTTO, Mary Sandra: A síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Revista Psicologia Em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002. Disponível em <http://scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2015.

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de burnout e estresse ocupacional do professor**. Canoas, Editora: ULBRA, 2010.

CLOT, Yves. **A Função psicológica do trabalho**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 218p.

CLOT, Yves. Entrevista Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 99-107. 2006.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 3. ed. Petrópolis. RJ: Vozes; Brasília: Ed. da UnB, 1999.

CODO, Wanderley. **Saúde e Trabalho no Brasil: uma revolução silenciosa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CUNHA, Antonio Eugênio: A história da educação privada brasileira e o princípio democrático da livre iniciativa. **Publicação: FENEP**, 2001.

DEJOURS, Jacques Christophe. (Posfácio à edição de 1992 do livro “A loucura do trabalho”). **Da psicologia à psicodinâmica do trabalho** – Trad. de Maria Elizabeth Antunes Lima. 1987.

_____. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo; Atlas, 1994.

DELCOR, N. S.; ARAÚJO, T. M.; REIS, E. J. F. B.; PORTO, L. A.; CARVALHO, M.; SILVA, M. O.; BARBALHO, L.; ANDRADE, J. M. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, p. 187-196, jan-fev, 2004.

ENGUITA, Mariano F. A. **Face Oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESTEVE, J. M.; FRANCO; S. & VERA, J. **Los profesores ante el cambio social**. Barcelona: Anthropos, 1995.

FARBER, Barry A. Crisis in Education: Stress and Burnout I the American teacher. San Francisco, Oxford, **Jossey-BassPublishers**, 1991. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/232576641_Crisis_in_education_Stress_and_burnout_in_the_American_teacher_The_Jossey-Bass_education_series. Acesso em: 16 abr. 2015.

FREITAS, H. M.; CUNHA, M. V. M.; Jr., & MOSCAROLA, J. Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo. **Revista de Administração da USP**, 32(3), p. 97-109, 1997.

GOMES, A. R.; MONTENEGRO, N.; PEIXOTO, A. M. B. C.; PEIXOTO, A. R. B. Stress Ocupacional no Ensino: um estudo com professores do 3º ciclo e ensino secundário. **Psicologia e Sociedade**, v. 22, p. 587-597, 2010.

HARDING, TW; De ARANGO; MV, BALTAZAR J.; CLIMENT, C. E.; IBRAIN, H.H.; LADRIGO-IGNACIO, L. et al. **Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries.** Psychol Med, p.231-241, 1980.

INSTITUTOS Potência Ventures e Inspirare. Estudo de Oportunidades no Setor de Educação para negócios focados na população de baixa renda, Jan/2015. Disponível em: http://porvir.org/wp-ntent/uploads/2013/06/Estudo-Oportunidades-de-Neg%C3%B3ciosemEduca%C3%A7%C3%A3o_Porvir.pdf. Acesso em: 02 fev. 2014.

LE GUILLANT, Louis. **Escritos de Louis Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho.** Org. Maria Elizabeth Antunes Lima. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 359p. Tradução de Guilherme Teixeira. Título Original: Travaux et Ecrits de Louis Le Guillant Quelle Psychiatrie Pour Notre Temp.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A Psicopatologia do Trabalho – Origens e desenvolvimentos recentes na França. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, a. 18, n. 2, p. 10-15, 1998.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. Resenha do livro *A função psicológica do trabalho* de Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 9, n. 2, p. 109-114, 2006.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A polêmica em torno do nexos causal entre distúrbio mental e trabalho. **Psicologia em Revista**, vol. 10, n.14, p.82-91, 2003.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. Transtornos Mentais e Trabalho: o problema do nexos causal. **Revista de Administração da FEAD**, vol. 2, n. 1, p. 74-80, 2005.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MASLACH, C.; and JACKSON, S. The Measurement of Experienced Burnout. **Journal of Occupational Behavior**, v.2, p.99-113, 1981.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Educação**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.3, 2001.

MONTEIRO, Janine Kielin; DALAGASPERINA, P.; QUADROS, Maríndia Oliveira. **Professores no limite: o estresse no trabalho do ensino privado no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Carta Editora, 2012.

MUNIZ, Hélder Pordeus; BRITO, Jussara; SOUZA, Kátia Reis de; ATHAYDE, Milton; LACOMBLEZ, Marianne. Ivar Oddone e sua contribuição para o campo da Saúde do Trabalhador no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional.** São Paulo, v. 38, p. 280-291, 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572013000200015
Acesso em: 11 mar. 2015.

MURTA, C. Magistério e sofrimento psíquico: contribuição para uma leitura psicanalítica da escolar. In: **Colóquio do LEPSI IP/FE-USP**, São Paulo, 2002.

Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300031&script=sci_arttext. Acesso em: 27 mar. 2015.

NOGUEIRA, D. X. P. Educação: carinho e trabalho, Bournot a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. In: CODO, W. (coord.), **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 6, n. 11, p. 507-509, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 05/12/2013.

SALIN, Carlos Amorim. (coord.) GOMES, D. L.; MOTA, L. E. S. O Trabalho e os agravos à saúde dos professores da rede privada de ensino no Estado de Minas Gerais. **Pesquisa SINPRO/MG**, Belo Horizonte, mar. 2009.

SATO, Leny. Saúde Mental e trabalho: os problemas que persistem. **Ciência Saúde e Tecnologia**, v. 10, p. 869-878, 2005.

SILVA, J. P.; DAMÁSIO, B. F.; MELO, S. A.; AQUINO, T. A. A. Estresse e Burnout em professores. **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, v. 3, p. 75-83, jan/jul, 2008.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e valor. Tempo Social. **Revista Social**, USP. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 147-158, 1996.

SINPRO-SP. Desgaste e Violência na sala de aula. **Revista Conteúdo do Sindicato dos Professores de São Paulo**, Nov., 2010. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br>. Acesso em: 14 abr. 2014.

Sivadon, P. **Psychiatrie et Socialites**. Paris: Érès, 1993.